

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
BACHARELADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

MARIA LUIZA CAETANO

ENCRUZILHADA ENTRE RAP E LITERATURA:  
A ESCRIVÊNCIA PELOS OLHARES DAS CORPAS MEMÓRIA

Monografia

Mariana  
2022

MARIA LUIZA CAETANO

ENCRUZILHADA ENTRE RAP E LITERATURA:  
A ESCRIVÊNCIA PELOS OLHARES DAS CORPAS MEMÓRIA

Pesquisa para desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para a obtenção do Bacharelado em Letras, habilitação em Literatura do curso de Letras Bacharelado em Estudos Literários ofertado pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientadora: Prof. Kassandra Muniz

Co-orientadora: Bárbara Maria Chaves Barbosa

Mariana  
2022



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Maria Luiza Caetano Pereira**

### **ENCRUZILHADA ENTRE RAP E LITERATURA: A ESCRIVÊNCIA PELOS OLHARES DAS CORPAS MEMÓRIA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras - Bacharelado em Estudos Literários, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de graduada

Aprovada em 24 de junho de 2022

#### Membros da banca

Dra. Kassandra da Silva Muniz - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dra. Selma Maria da Silva - (FAETEC/Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ)  
Mestra Leliane Amorim Faustino - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Kassandra da Silva Muniz, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/08/2022



Documento assinado eletronicamente por **Kassandra da Silva Muniz, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/08/2022, às 20:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0383666** e o código CRC **F19B09C3**.

*à Joana, Ester, Théo, Érica, Helena e Ana Elis.  
ao mundo dos encantamentos.*

agradeço a todas as pessoas que me apresentaram formas do que poderia ser o amor. a oportunidade de questionar, conscientemente e abstratamente, a definição de amar me colocou diante da escolha de me humanizar a ponto de aprender a me amar. esse é um caminho que tem sido longo e ainda será, eterno movimento de quem ama demasiadamente e tem uma boca no lugar do coração. devo os sentimentos absorvendo formas de não mais sobreviver. (CAETANO, 2022, p.19)

agradeço à Joana D'arc Caetano, minha mãe. por tudo que me foi ensinado enquanto base primordial para meus desenvolvimentos psicossociais. agradeço o olhar calmo em meio aos meus problemas neurológicos e meus questionamentos do que é e como é viver em um mundo diferente daquele que ela gostaria que eu vivesse.

agradeço à Pedro Henrique, meu irmão de sangue, por ter me apresentado o Movimento *Hip Hop* e por ter me apresentado com Théó e Helena, o que marcou minha vida por completo pela esperança de que ainda há tempo para criações diferentes das que tivemos e com mais incentivo do que recebemos. obrigada por confiar na sua arte.

agradeço à Escola Municipal Guilherme Hallais França, ao Centro Educacional Municipal de Itabirito “Professor Alcides Rodrigues Pereira” e aos professores que confiaram em mim e na potência que habita no meu Ori. o ensino público de qualidade salva vidas, salvou a minha vida e me deu direcionamentos para além do que um dia sequer imaginei.

agradeço Kassandra Muniz, Jussara Lopes, Miguel De Ávila e Cida Satto por ter me ensinado o que era ser intelectual dentro do ambiente adoecido que é a Universidade. obrigada por ter me incentivado, por confiar nos meus olhares, respeitar o tempo ao qual minha cabeça mandinga e principalmente por ter me mostrado o tipo de profissional que devo ser.

agradeço Bárbara Maria e dadá, nada disso aqui existiria se não fosse por vocês. nenhum dos meus sonhos seria realizado sem a ajuda, o amor e a crença de que no coletivo somos mais fortes. obrigada por alimentar minha alma, meu Ori, meus afetos e a fortificar as crenças e ancestralidades que pertencemos. obrigada por ser minha família, minha referência de intelectualidade, de maternidade e de lealdade.

agradeço Quel Satto por ser meu melhor amigo, por ter acolhido meus prantos em meio aos descarregos do ebo epistemológico que é escrever a história da minha corpa memória encruzilhada com corpas memórias que se assemelham a mim, na trajetória de se tornar sujeito e compreender nosso direito de ser humanizado. o silêncio que mora no nosso nós, a família a qual estamos criando e que já somos, o incentivo e os abraços casa que não me permitiram desistir, são fruto de compreensões custosas do que é estar vivo em um mundo que odeia quem somos. e foi pelo amor, pela irmandade e pela certeza de que não estamos sozinhos que firmei na escrita o território ao qual pertencemos. marquei Abebé e aqui com a base fruto do nosso amor de Ori. obrigada por tanto! eu te amo, irmão.

agradeço aos meus avós Ana Maria e Altivo, aos meus amores: Marcos Fileto, Gabriel Galo, Victor Guilherme, Rayrlaine Ariana, Tiago Maia, Andreza Vieira, Jordânia Marçal, Jaqueline Ferreira, Ianael Ariele, Marcela Santos, Débora Madeira, Joyce Fonseca, Pedro Satto, Marco Antônio, Mikaela Gabriele, Jahi Amani, Laura Eliza, Crislaine Rosa, Ana Carolina da Silva, Eduarda Carvalho, Vittor Policarpo; ao Coletivo Negro Braima Mané e a minha terapeuta Flávia Peixoto. agradeço as Moitas e a Mariana e suas inúmeras encruzilhadas que partilham os ensinamentos da rua de uma maneira impossível de descrever.

por fim, deixo um recado para Ester Sophia, Érica Maria e Ana Elis, minhas sobrinhas. pretinhas, a titia queria muito que o mundo fosse diferente. tanto em Abebé quanto nestas páginas, explico a forma a qual leio o mundo e digo a forma que quero ser vista no mundo. como um ser humano! eu errei muito e meu maior erro foi ter permanecido calada por tantos anos, mas toda vez que falarem para vocês que eu sou uma má pessoa, ou que pessoas como eu são um erro, questionem o que é ser um erro e o porquê sou vista assim. a vida da titia não foi fácil e eu espero que a gente sente e converse sobre as brechas que moram nas diferenças entre eu e a mãe de vocês. a sociedade ensina a gente desde pequeno a nos odiar, subjugando nossa existência enquanto o Outro, enquanto erro por não seguir os ideais católicos, enquanto inexistentes ou sujeitos. eu queria ter mais forças para estar perto de vocês mesmo recebendo o olhar de rejeição por quem sou, mas não sou tão forte assim. posso ser forte para enfrentar várias pessoas dentro de locais majoritariamente brancos, mas não sou forte o suficiente para mentir para vocês ou me diminuir para caber em espaços os quais nunca vão me pertencer, de fato. por muitos anos eu fui sozinha, até vocês nascerem e não se importarem com a forma que eu amo/sou. eu não pude ensinar vocês que ser quem eu sou não é errado. mas escrevi Abebé e essa pesquisa para marcar nas palavras que narram histórias a potência que é afrouxar verdades absolutas e se deixar ser afetada pela complexidade que é viver no(s) mundo(s). vocês me deram vida, deram sentido à minha vida. queria muito que o mundo fosse visto pelo olhar de uma criança, sem julgamentos, sem pré-conceitos, sem preconceito. vocês me amaram e me ensinaram a amar. tudo o que fiz até aqui foi para que vocês se inspirem a ser autênticas e aprendam que vale a pena lutar por si mesmas. mesmo quando dói. mesmo quando a perda é gigantesca. estar vivo, respirar sabendo quem se é e não deixar ninguém diminuir sua existência é, apenas, o que desejo a vocês. eu amo vocês. me perdoem por ter ido embora, por perder o crescimento de vocês, me perdoem pela minha falta. tá doendo muito em mim, também. QUESTIONEM, sempre!

agradeço a Mallu, a Luiza e a Tigreza. nascemos, marcamos nossas escritas e vivemos pela ideologia que pertencemos. agradeço minha Orixá, meus guias e meu asê.

*Me tornei calmo, assim como os vendavais são, de longe  
E mostro agora que estou em dança  
Assim como um furacão é, de longe  
E toda água corre de mim agora  
Como se fosse fonte, assim como ciclones são, de longe  
E você me vê agora e eu transbordo um brilho magma  
Assim como os vulcões são, de longe  
Me vi na parte que, de longe, a dor vira arte e meu passo em falso ganha aplauso  
De longe, enganei desejos; de perto, espantei vários  
Tudo em mim é grande  
Eu ajoelho pra que aviões passem  
Eu levanto para que as nuvens andem  
Eu afundo pra que os mares se acalmem  
Me retiro pra que a lua brilhe  
E nesse instante, declaro: fim das tentativa!  
De descrever a dor que se perdeu dentro de mim  
Fim das tentativas de achá-la pra arrancar fora  
Me ponho a caminhar e até correr  
Com tudo que ainda tá em mim  
Prometo voltar e devolver tudo que não é meu  
Mesmo que chamem isso de vingança  
Para tudo como foi até aqui, esse é o fim das tentativas!*

-  
*De Longe  
Rico Dalasam*

bom mergulho meus irmãos, meus companheiros e aliados. sempre foi pelo *nós*. vale a pena lutar pelo *nós*.

*Eu visto preto por dentro e por fora.  
Guerreiro, poeta,  
entre o tempo e a memória.  
(Negro Drama - Racionais MC's)*

*Eu vejo vidas em greve  
com medo de morrer  
antes de finalizar o roteiro  
Do que você tem medo?  
Me conta o que te atinge  
Isso não é passarela  
Não sirvo de vitrine  
Vocês são mais do mesmo  
Quer me tirar de cena  
Querem me ver no crime  
Eles quer meu swing  
Eu que escrevi o roteiro  
Eu que dirigi o filme  
Ninguém protagonista  
Do que você tem medo  
Me conta o que te atinge  
(AQL SLV – VND)*

*Mel no meu corpo  
água cristalina  
Meu amor é ouro  
teu ouro é de mina  
Jóia preciosa  
flor de Oxum menina  
Lágrimas de ouro  
meu ouro de mina  
(Dádiva - Xênia França)*

## RESUMO

As narrativas estão presentes no cotidiano das pessoas desde os primórdios da humanidade, seja na forma oral ou escrita. Nesse sentido, se a literatura tem uma ligação direta com o mundo, qual é o mundo que a literatura pretende atingir? O objetivo desta pesquisa é pensar a produção poética através do conceito de *Escrevivência* interligado aos referenciais teóricos desaguados, que partem da encruzilhada entre literatura e mundo pela Literatura Negro-Brasileira e Literatura Periférica de corpa memória em ação. Alicerçou este processo, também, a escrita poética presente no corpo-texto de Abebé (2022), livro escrito pela autora da pesquisa. Abebé (2022) é utilizado enquanto força motriz de interpretação temática para análise, em conjunto à perspectiva da escrita de si – nós –, para pensar a *Escrevivência* e discorrer sobre novos sentidos para os estudos literários contemporâneos e a ressignificação da língua pela narrativa da corpa memória como sujeita em ação. Discorrendo sobre os ensinamentos absorvidos no desenvolvimento psicossocial da pesquisadora, a a(r)tivista conta as histórias por detrás da teoria presente dentro do livro Abebé (2022) e como, e os porquês, a forma de se expressar poeticamente é interligada às bases do movimento *hip hop*, do letramento de reexistência e da lealdade à família.

**Palavras-chave:** Escrevivência. Encruzilhada. Literatura Negro-Brasileira. Literatura Periférica. Escrita de si. Corpa memória. Rap. Poética.

## ABSTRACT

Narratives have been present in people's daily lives since the dawn of humanity, whether in oral or written form. In this sense, if literature has a direct connection with the world, what is the world that literature intends to reach? The objective of this research is to think about the poetic production of rap MCs through the concept of *Escrevivência*, interconnected to the theoretical references that depart from the crossroads between literature and the world, by the Black-Brazilian Literature and Peripheral Literature of the bodies in question. This process was also grounded in the poetic writing present in the body-text of Abebé (2022), a book written by the author of the research. Abebé (2022) is used as a driving force of thematic interpretation for analysis, together with the perspective of writing the self - us -, to think about *Escrevivência* and discuss new meanings for contemporary literary studies and the resignification of language through the narrative of the body-memory as subject in action. Discussing the teachings absorbed in the researcher's psychosocial development, the a(r)tivist tell the stories behind the theory present in the book Abebé (2022) and how, and the why, the way of expressing herself poetically is interconnected with the bases of the hip-hop movement, of the Literacy reexistence and of the loyalty to the family.

**Keywords:** *Escrevivência*. Crossroads. Black-Brazilian Literature. Peripheral Literature. Writing yourself. Body memory. Rap. Poetic.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 LITERATURA NO PLURAL: AGENCIANDO O LETRAMENTO POR MEIO DA ESCREVIVÊNCIA</b> .....	17
1.1 Narrativas literárias e o conceito de <i>mimesis</i> .....	17
1.2 Encruzilhada entre literatura e mundo: onde mora a intelectualidade .....	19
1.3 A função da literatura plural para o estudo do letramento social .....	24
<b>2 O OLHAR SOBRE RAÇA, GÊNERO E CLASSE PELA POÉTICA DXS MCs</b> .....	32
2.1 O rap e a ginga com o protagonismo.....	32
2.2 Poética corpórea: corpos memória de sujeitxs em ação .....	36
2.3 Sem separar mente de coração: a <i>Escrevivência</i> dos intelectuais de encantamento .....	41
<b>3 ANÁLISE</b> .....	49
3.1 Residência “escrita dos dias” e o nascimento de Abebé .....	51
3.1.1 Residentas .....	53
3.1.2 Mallu Caetano e seu Abebé.....	53
3.2 “Faço o que com a sede de poesia? Faço o que com a fome de energia? Fiz minha própria alquimia [,] beba, beba, beba da minha poção.”.....	55
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	88
<b>ANEXO A - Perfis das participantes da Residência “Escrita dos Dias”</b> .....	91

## INTRODUÇÃO

As feministas negras norte e latino-americanas me ensinaram que fazer epistemologia a partir da negritude é permitir-se falar a partir de sua própria experiência, que foi sistematicamente obnubilada pela violência colonial e, deste meu lugar de fala, intento acionar outras forças epistemológicas. (SOUZA, 2019, p.194)

Preciso começar essa pesquisa deixando explícito que ela é escrita pelo desaguar de uma negra mulher que aprendeu a ler aos cinco/seis anos, por meio da irmã quatro anos mais velha que eu. No meu desenvolvimento enquanto pessoa, compartilhar sabedoria começou por repassar desejo de conhecimento, desanuviando silêncios de maneiras plurais, que iam para além dos livros. Eles também foram repassados pela oralidade das histórias contadas enquanto mãe cozinhava para nossa família e absorvidos pelos meus questionamentos.

Tal sentimento de pertencimento, demonstrado naqueles momentos, foi forte o suficiente para me trazer até este exato momento, produzindo uma pesquisa embasada nos ensinamentos do movimento entre brechas. Parto da encruzilhada que se dá o encontro das epistemologias que demarcam territórios inscritos em corpos que partilham memórias e sabedorias ancestrais e geracionais, e da minha formação enquanto pesquisadora a(r)tivista dos estudos literários contemporâneos.

Como dito acima, eu sou uma negra mulher. E na sociedade em que vivemos, quando se nasce negro, se nasce possuindo uma bagagem geracional embasada em racismo. Antes de se apresentar para a sociedade como um ser pensante, com desejos, vontades e sonhos, é apresentado um corpo político envolto em pressupostos, já impostos, e que perduram de acordo com as camadas sociais que o ser se encontra. Quando este corpo político é uma mulher negra, ela é educada a servir e não a questionar os ciclos que sua família e sua rede de afeto se encontram.

A criatividade e o anseio de expor meus pensamentos sempre me cercaram, até chegar o momento em que o silêncio me colocou de frente à literatura, de maneira que deste cruzamento eu me perdia da realidade à minha volta e ao mesmo tempo entrava num mundo que não negligenciava a minha existência. Eu era uma criança curiosa e sensível que questionava o mundo em silêncio e vivia dentro da biblioteca pública da escola, também pública, procurando responder inúmeros questionamentos. Meu silêncio me levou ao encontro de um mundo crítico desde cedo. O que pode ser visto como bênção para outrem, mas que carrega consigo muita dor.

O movimento *hip hop* entrou na minha vida aos seis anos pelo meu irmão, que tinha doze anos e já havia absorvido os ensinamentos iniciais de conduta para a sobrevivência de um menino preto dentro de uma comunidade majoritariamente negra. De início as palavras gritadas em forma de *RAP* que saíam de um *DVD* pirata, na televisão de tubo, me incomodavam. Eu era nova, crua, manipulável e extremamente sensível para compreender o que estava sendo denunciado. Poucos anos depois, encontrei na poética do *rap* nacional a resposta para as inquietações que habitavam minha mente, meu peito e meu senso de identidade.

Meus questionamentos, ensinamentos, visões custosas de como é viver no mundo cindido, desejos, lealdade, experiências, vulnerabilidades, bênçãos ancestrais, amor próprio e período de cura, me trouxeram a esta temporalidade propondo uma pesquisa sobre a junção daquilo que me livrou/livra do adoecimento todos os dias, ao embasar minhas esperanças em uma maneira de (e dos meus) viver e não mais sobreviver.

Elaine Nunes de Andrade, Ana Lúcia Silva Souza e os inúmeros pesquisadores e pesquisadoras do movimento *hip hop* dentro da academia letrada, me abriram caminhos para aplicar os ensinamentos adquiridos na minha formação intelectual, até o presente momento, em conjunto com o efeito do letramento de reexistência e dos fundamentos que me foram ensinadas pelo *conhecimento* presente no *rap*.

A junção da literatura com o movimento *hip hop*, na minha vida, me fez compreender como “a ética atravessa a dimensão estética de tal maneira que, em seus momentos de maior contundência, o valor da[s] obra[s] deve ser calculado por sua capacidade de, literalmente, salvar vidas. Esse é o grau de radicalidade dessas produções” (OLIVEIRA, 2018, p.32).

Dessa forma, compreendo que a epistemologia começa dentro das nossas casas, no âmbito familiar, mas ao chegar na sociedade, saindo de nossos lares e adentrando o sistema educacional brasileiro, nós, pessoas racializadas<sup>1</sup> “aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista” (hooks, 2013, p.10).

Ressignificando e demonstrando os efeitos diretos da versatilidade do letramento presente na formação social dos povos racializados, proponho utilizar a “estratégia pedagógica [...] [que] se baseia no pressuposto de que todos nós levamos à sala de aula um conhecimento que vem da

---

<sup>1</sup> Ao longo da pesquisa entendo que todos os seres humanos são pessoas racializadas, porém negros e indígenas são racializados de maneira hierárquica como marcador de diferenças, fazendo com que nossos corpos sintam os efeitos das desigualdades e das exclusões sociais. Logo, todas as vezes que me referir às pessoas racializadas, estarei falando sobre pessoas negras e indígenas.

nossa experiência e de que esse conhecimento pode, de fato, melhorar nossa experiência de aprendizado” (hooks, 2013, p.114).

Tal embasamento epistemológico procurará ser aplicado na análise da *escrevivência* de Abebé e de algumas mulheres ou pessoas não-binárias, negras e indígenas, que produzem a poética periférica do *rap*. Uma vez que essas humanidades utilizam da encruzilhada de saberes presentes em seus corpos para performar atos poéticos de conduta, ciência, estética, luta e amor, utilizarei da minha encruzilhada de compreensões das diversas elaborações do discurso presente na *escrevivência* dxs *rappers*. Partir do encontro entre literatura e realidade vai do agenciamento de que

operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção, as noções de sujeito híbrido, mestiço e liminar, articulado pela crítica pós-colonial, podem ser pensadas como indicativas de efeitos de processos e cruzamentos discursivos diversos, intertextuais e interculturais. (MARTINS, 1997, p. 28).

Parafraseando o Podcast Afetos<sup>2</sup>, “a literatura ocupa o lugar de abrigo, de conforto, mas a música, ela ocupa o lugar de salvação”. Ler Machado de Assis na infância, me proporcionou o desejo de adentrar cada vez mais na literatura brasileira escrita por corpos não brancos e me possibilitou acreditar no desenvolvimento da minha escrita. Ouvir Brisa Flow descrevendo seus passos para permanecer viva, mesmo em estado constante de alerta e medo da “bala trocada” que “procura a cor, procura amor”, fizeram minha linha de fronteira se romper a ponto do meu desejo de cura e de viver ser embasado no amor e na paciência pelo meu crescimento psicossocial andando junto com o ancestral.

Em “Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade”, bell hooks fala que

a academia não é paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é educação como prática de liberdade (hooks, 2013, p.273).

Não me descentralizar da pesquisa como sujeita às pluralidades dos mundos e ferida com as marcas das opressões interseccionais, me faz compreender os efeitos da literatura enquanto agência de mudanças políticas, culturais, sociais e linguísticas. Opto, assim, por não repetir as dissociações identitárias do meu pertencimento no tempo e espaço, ao conduzir novos olhares

---

<sup>2</sup> O Afetos é uma criação das comunicadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira que fala sobre o que as afeta, aproximando pessoas pelo o que os sensibiliza.

para as produções culturais e literárias transpassadas nesta monografia pelas compreensões acerca dos movimentos literários contemporâneos decoloniais e pela poética dxs MCs que escolho como sujeitos de foco da crítica literária e cultural.

Parto do viés transbordado por bell hooks em “Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade”, acerca da exposição dos nossos conhecimentos para que partículas da transgressão emergjam na significação da nossa intelectualidade, almejando discutir sobre a literatura em sua função social ao escrever sobre métodos de percepção da linguagem por formas que não se adequam a estrutura eurocêntrica de formação educacional do ser humano como sujeito de sabedorias plurais.

Me inspiro na intelectual, enquanto uma das bases primordiais para abrir caminhos para a pesquisa, pois seus escritos atravessaram a alteridade que cruza a intelectualidade orgânica a qual pertencço. Partilho com ela o pensamento de que “o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que **passam de objeto a sujeito, que buscam descolonizar e libertar suas mentes**” (hooks, 1995, p.466, *grifos meus*).

Escolher pesquisar a pluralidade de letramentos que fazem parte da minha formação psicossocial enquanto intelectual em um mundo pós-moderno, tira os véus dos meus próprios traumas enquanto negra mulher habitando no espaço do *entre* mundos que giro, subjugada a uma alteridade em relação ao sujeito branco que questiona as sabedorias que produzo, que consumo, que vivo, que sou.

Os questionamentos que cruzo nessa pesquisa trilham meu próprio inconsciente procurando respostas para o (des)conhecimento das amarras sociais que me impediam de respirar poesia em cada palavra que cruza minhas falas, e meu auto conhecimento enquanto sujeito plural de subjetividades.

Os espaços educacionais os quais frequentei me fizeram comer um mundo espiralar, ando nas encruzilhadas e procuro mudar os focos de olhares para reafirmar minha existência enquanto pesquisadora dentro da Universidade Pública, sendo também parte da intelectualidade à margem da aceitação das fontes não tradicionais de produzir conhecimento. Pertencer a este território é carregar um passado atual de desconhecimento intelectual e descrença pela imposição de silêncios em nossos corpos que carregam memória.

A literatura salvou a minha vida, mas a poética ritmada do *rap* me permitiu aprender a curar as lacunas que impediam a reafirmação das ciências que cruzam corpo, identidades, rituais de sobrevivência, ancestralidade e intelectualidades, dentro de mim. Optar por reafirmar meu ser ciência em uma pesquisa que analisa as subjetividades que me acolheram no caos que é

viver em sociedade, me coloca em frente ao espelho racional dos traumas que absorvi nos mundos em que transito.

Ao mesmo tempo, reescrevendo, também, minha história pelas narrativas que encontram minha existência, regresso aos lugares de silêncio para através da fala, da ressignificação da linguística, da poética, da política e da interseccionalidade, cicatrizar feridas que não mais estão a me fazer sangrar. Me desconhecer e me (re)conhecer pela *escrevivência* dxs MCs me faz trilhar o caminho de voltar para casa para poder seguir em frente com base no que acredito. A resiliência de ser voz e atingir o nós despertou o desejo de me escrever, ultrapassando os medos de ser ouvida.

Logo, os questionamentos que movimentam a pesquisa são: tendo em vista que a poética oriunda do *rap* é uma instância performática, como a perspectiva de *escrevivência* passeia pela escrita dxs *rappers* negrxs e periféricxs? Podemos visualizar nxs *raps* os traços da escrita de si que nos remete ao conceito de *escrevivência*, fortalecendo, assim, o impulsionamento do que é ser uma intelectualidade orgânica? O que conecta pessoas com vagina, diferenciadas em suas subjetividades, a poética que fala sobre o cotidiano, a política, identidades e afins, atravessando a estética presente na contemporaneidade dos estudos literários? É possível partir do princípio de que a poética do *rap* faz parte dos debates presentes nos estudos literários? De que forma a poética de *escrevivência* atravessa um público que se identifica com as narrativas apresentadas, impulsionando o surgimento de novas narrativas literárias decoloniais?

Nesse sentido, esta pesquisa visa compreender o efeito do corpo-conceito *Escrevivência*, criado pela escritora Conceição Evaristo, na poética de corpos memória nas letras de *rap* e o reflexo de suas produções na formação intelectual da própria pesquisadora. Uma vez que a performatividade dxs MCs é caracterizada pela arte de marcar a poética pelos traços deixados em sua (sobre)vivência, mostrarei os efeitos de suas produções na gestação do livro *Abebé*.

O objetivo geral da pesquisa é analisar por meio do conceito de *escrevivência* a maneira que se gesta a escrita poética de *Abebé*. O livro *Abebé* será utilizado enquanto força motriz da maneira que trilho a análise e as reflexões que trago da interpretação dxs MCs caminham junto com a feitura de *Abebé*. A paixão pelo movimento *hip hop* e a forma a qual xs MCs negrxs e periféricxs narram suas corpos memória na quebra de paradigmas da linguagem, me ajudou a enxergar a literatura com outros olhos.

Logo, a partir da Literatura Negro-Brasileira e da Literatura Periférica, irei pesquisar a *escrevivência* de poetas que através da poética ressignificam o poder da linguagem ao enfatizar seu perfil idenditário ao se autonear, a) negrx , b) de periferia e c) negrx e de periferia. Dessa forma, partirei de corpos com vagina, pois assim como Fredda Amorim (2019), acredito que ao

falar sobre corpAs<sup>3</sup> “falo de mim para (me) entender (n)o mundo, porque a corpa e as vivências que a mim pertencem – ou seja, a partir e fora da minha pele – moldam a maneira com que (me) reconheço (n)o mundo” (AMORIM, 2019, p. 13).

Abebé é a encruzilhada dos ensinamentos absorvidos da base teórica da pesquisa e dos questionamentos do meu lugar dentro e fora da academia. Toda essa junção contribuiu didaticamente para a produção do corpo-texto-ritmado de Abebé ser narrado pela escrita de si de uma poetisa que se coloca na escrita como sujeita. Reproduzindo, assim, os efeitos das produções periféricas e negras dentro dos estudos literários como ação de contrapartida nos avanços da crítica contemporânea dos estudos literários na ressignificação das formas que corpos não brancos são representados.

Escolhi cinco palavras como base de análise narrativa afetiva por suas significações transbordarem as complexidades que moram no meu auto processo de identificação, sendo a(r)tivista em solo brasileiro e filha da Região dos Inconfidentes (local borrado até os dias atuais com os ideais coloniais conservadores). Discorrer sobre *escrevivência* partindo do olhar dxs MCs em conjunto aos fragmentos de *Abebé*, que serão apresentados como forma de exemplificar o desenvolvimento educacional e criativo de um dos públicos alvos dxs MCs, ajuda a dar novos sentidos para as complexidades envoltas na significação de quem é considerado sujeito nas narrativas literárias.

O livro *Abebé* é assinado por Mallu Caetano, uma das personas que habitam o inconsciente da pesquisadora da monografia. Xs MCs encruzilhados na *escrevivência* da análise, através de suas narrativas e performances, me ajudaram a fomentar as personalidades que habito e as intelectualidades que me rodeiam. Proceder de bases tradicionais atípicas na sociedade em questão de fundamentos desenvolvidos, e agora aplicados, com as vigas da universidade pública na minha formação em Letras Bacharelado em Estudos Literários.

O fato de ter focado minha formação acadêmica nos estudos literários, me fez entrar na graduação em letras com uma bagagem teórica diferente de grande parte dos meus colegas. As

---

<sup>3</sup> Amorim (2019) em sua dissertação “Gestos performativos como atos de resistência: corpas-monstro na cena contemporânea” discorre que opta “pelo termo CORPA pois o corpo quando escrito e reposicionado como feminino pode transgredir os cerceamentos da masculina linguagem em suas potências de expressão. Se a linguagem constrói, quero destruir o corpo para abrir alas às corpas, monstruosas, não-cisgêneras, desobedientes. Assim com outras manas T já tem feito” (AMORIM, 2019, p.13). Fredda possui uma corpa trans e ouviu o termo pela primeira vez na voz de Juhlía Santos, artista e ativista T, em uma das várias rodas de conversa que participaram juntas. Juhlía, por sua vez, teve conhecimento desse termo através de Vulkanica Pokaropa, também artista e ativista T. Já eu tive contato com o termo por Fredda e por Quel Satto e dentro da subjetividade de ser, optei por partilhar das compreensões de ser uma corpa – cis, negra e fora do binarismo da performance de gênero ao corpo com vagina –, que tenta se encontrar e denominar seu corpo e intelecto num mundo cindido.

águas que venho são as que vem de baixo, que aprendem com a ligeireza de ter que se manter vivo num mundo cheio de brechas. Aprender às **línguas** abriram mundos de possibilidades para buscar contribuir com a forma a qual a reprodução das mesmas se torna plural dentro dos ensinamentos espirais de se produzir *escrevivência*, o que ressignifica os estudos da linguagem.

Cheguei nesse espaço cantando mantras para entrar no jogo e mostrar minha ginga. E teve dias que me questionei se aqui seria meu lugar. Aqui a academia e aqui a escrita. Onde autor e escritor se encontram? O que os separa? Como aprender a denominar [e acreditar] que produz ciência se quando ao sentar na sala de aula tudo que aprendo é sobre uma cultura que ao dizer sobre corpos como a minha, é de maneira que faz com que eu questione se deveria continuar viva? O que mora nas brechas de mundos cindidos com culturas diferentes? Qual o problema de aceitar a diferença?

A literatura, por possuir um caráter plural no âmago de seu signo, me dá a possibilidade de entrar nas brechas das abstrações criativas e desaguar sobre suas significações. Esculpir as palavras na busca de expurgar traumas e ao mesmo tempo produzir (cons)ciência é algo que pode ter significado para quem busca maneiras de ouvir a própria **voz**. Escrita é demarcação de território para aqueles que tiveram suas terras roubadas e precisam reafirmar nesta terra o mapa que é possuir epistemologias rasuradas.

Compreendo o fato da monografia tradicional ser escrita em terceira pessoa, mas proponho uma escrita de si, em primeira pessoa, que ao mesmo tempo fala em possibilidades do *ser* plural. Desejo marcar a ausência – a brecha, o questionamento simples e puro – dos limites entre as personas que se apresentam ao longo da pesquisa: Maria Luiza, estudante, pesquisadora, acadêmica e educada na escola d’outrem; e de Mallu Caetano, poetisa, rasurada, formada pela lealdade à família. Atravessar a encruzilhada que é o ponto de encontro entre tais personas, resultou na feitura de *Abebé* e na pesquisa que se discorre.

*Abebé*, livro produzido na residência “escrita dos dias”, será utilizado enquanto ferramenta para análise de uma reprodução educacional da poética de *escrevivência* instigado pela poética de *escrevivência* dx MCs do *rap*, de bases epistemológicas da Literatura Negro-Brasileira, da Literatura Periférica e de muitas outras bases educacionais.

A justificativa desta pesquisa gira em torno da abertura de caminhos para a compreensão do ato de transformar vulnerabilidade social em fortaleza performática, buscando contribuir com o movimento de rasura dos saberes localizados, apenas, pela visão eurocêntrica. Esta pesquisa se propõe a ser um lugar de discussão e embasamento científico através de conceitos como: *letramento de reexistência*, *interseccionalidade*, *escrevivência*, *encruzilhada*, *Literatura Negro-Brasileira*, *Literatura Periférica* e *dororidade*, visando contribuir utilizando, também, a

minha própria experiência enquanto poeta, intelectual orgânica, negra, pobre, cotista, amante do *rap*, do movimento *hip hop* e acadêmica.

No primeiro momento, a pesquisa seguirá o rumo da base literária que me possibilitou compreender os rumos em que era possível a minha atuação intelectual e dos questionamentos sobre os efeitos deixados pela colonização dos corpos racializados. Levando em consideração a posição em que me encontro, falarei da experiência que adquiri durante meu crescimento, absorvendo os ensinamentos da minha mãe – que por tantos anos trabalhou como empregada doméstica e babá para alimentar três filhos pequenos, sozinha –; do meu quebrar ciclos familiares para adentrar a universidade pública a poucos meses de completar 18 anos; e da base literária que me possibilitou compreender um papel onde era possível a minha atuação profissional e social.

Desse modo, passearei dentro da Literatura Negro-Brasileira e da Literatura Periférica, compreendendo o conceito de *escrevivência* como agente de linguagem nas expressões literárias junto com a encruzilhada de raça, gênero e classe, na busca pela auto-representação. As intersecções presentes nas narrativas pelo artifício da escrita de si, como válvula de escape para os acúmulos de silêncios, (re)afirmam identidades e servem de inspiração para leitores e escritores na busca de compreender e questionar suas identidades.

Além de me permitir sonhar, a Literatura Negro-Brasileira e a Literatura Periférica contribuíram no meu desenvolvimento crítico, social e afetivo. bell hooks uma vez disse que o amor cura e que nossa recuperação está no ato e na maneira de amar. Absorvi deste ensinamento que o amor por ser uma literária com o pé na cultura que vivo, me abriria espaços de curas ancestrais. Pretendo, assim, contribuir com o crescimento dos estudos epistemológicos me atentando na desmistificação dos estereótipos que subjagam corpos negros e periféricos, ao reivindicar o (re)conhecimento de suas subjetividades e identidades através da *escrevivência*.

No segundo momento, focarei na poética dentro do elemento *rap*, presente na cultura *hip hop*, buscando compreender os efeitos da *escrevivência* nas produções performáticas de MCs negrxs e periférixs. A cultura *hip hop* (que abrange o *rap*, grafite, pixação, *breaking*, *DJs* e o conhecimento) sempre esteve ligada com a ideia de conquistar um espaço de fala, de resistência e visibilidade e é considerada uma cultura urbana marginalizada presente em espaços não institucionalizados - ainda que hoje em dia seja consumido por jovens de classes sociais distintas.

O *hip hop* é um dos lugares que as identidades negligenciadas encontraram para se fazer vivos e produzir novos níveis de consciência a fim de propagar seus conhecimentos. O que

propõe novas elaborações estéticas e performáticas, além de denúncias contra os efeitos seculares do racismo frente aos grupos “minoritários”.

No entanto, dentro dessa cultura de resistência, a mulher ainda não é contemplada na maioria das temáticas abordadas pelos homens – por muitas vezes é representada negativamente – e não recebe tanta atenção e apoio quanto os homens que já são legitimados entre seus pares. É necessária visibilidade à perspectiva feminina que contribui na produção do *rap* e as questões intrínsecas à mesma.

No último momento, parto de uma análise temática e afetiva das palavras: **silêncio, língua, amor, verdade e nós**. Almejo interpretar a forma que a *escrivivência* atravessa tais palavras ao tocar as corpas memória na poética do *rap* e no corpo-texto de Abebé. Ao se colocar como sujeitos na narrativa, os escrevintes transbordam seus conhecimentos e experiências e se (re)afirmam enquanto membros da sociedade sendo intelectuais não tradicionais.

Escrevivo tal pesquisa pela junção de identidade, subjetividade e alteridade que formam minha identificação – muito longe de ser linear. Trazer para dentro dos estudos literários e culturais contemporâneos um olhar decolonial (MALDONADO-TORRES, 2020), que também é autobiográfico, traz consigo historicidades e resignificação da **língua** que “[...]protege o sujeito branco de reconhecer o conhecimento do ‘Outro’.” (KILOMBA, 2017).

Em entrevista sobre o livro “Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Quotidiano”, Grada Kilomba, a autora do livro, em resposta a um questionamento, falou sobre o fato do trauma provocado pelo colonialismo ser uma ferida que nunca foi cicatrizada e que ainda nos causa dores. “As coisas não foram chamadas pelos seus próprios nomes, não houve um funeral digno, não há um nome que apareça nos livros no lugar certo. A história é mal contada, é contada ao contrário, e os personagens não têm um nome, uma data, um espaço.” (KILOMBA, 2019)<sup>4</sup>

Assim como a escritora, acredito que as linguagens em geral oferecem possibilidades de dar nome às feridas que subjagam nossas existências e que questionam nosso modo de produzir ciência. Penso que o olhar decolonial enquanto método epistemológico conversa diretamente com os rumos semânticos da pesquisa porque a epistemologia e o fazer ciência estão ligados com o ato de dar nome para as coisas, ensinar a pensar, fazer interrelações e dialoga com a complexidade de estar vivo. Parto desse viés por ele ir além do caráter demográfico “portanto, **tendo** a ver com a emergência do condenado como pensador, criador e ativista e com a

---

<sup>4</sup> KILOMBA, G. O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Géledes. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-colonialismo-e-uma-ferida-que-nunca-foi-tratada-doi-sempre-por-vezes-infeta-e-outras-vezes-sangra/>. Acesso em 23 ago 2021.

formação de comunidades que se juntem à luta pela descolonização como um projeto inacabado.” (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES, GROSFUGUEL, 2018, p.46)

# 1 LITERATURA NO PLURAL: AGENCIANDO O LETRAMENTO POR MEIO DA ESCRIVIVÊNCIA

## 1.1 Narrativas literárias e o conceito de *mimesis*

As narrativas estão presentes no cotidiano das pessoas desde os primórdios da humanidade, seja na forma oral ou na forma escrita. Partindo do pressuposto de que os textos literários têm como objetivo atingir o mundo em sua pluralidade cultural, compreende-se que, nesse quesito, toda literatura tem caráter social ou nenhuma literatura tem. Uma vez que ela não consegue atingir todas as camadas da sociedade, é por não ser produzida para tal propósito. Nesse sentido, se a literatura tem uma ligação direta com o mundo, qual é o mundo que a literatura pretende atingir?

Quando questiono qual o mundo a literatura visa atingir, questiono os usos da *mimesis* e parto de um ponto principal, que por muito tempo não me era bem compreendido, [talvez ainda não o seja] que é a forma que a literatura (re)produz a realidade. “A *mimesis*, desde a *Poética* de Aristóteles, é o termo mais geral e corrente sob o qual se conceberam as relações entre literatura e realidade” (COMPAGNON, 2001, p. 97).

Tal conceito tem versões ambíguas e complexas dentro do campo da literatura, até por nomes conhecidos na academia como Platão e Aristóteles. Mas nos últimos anos prevalece o pensamento sobre a autonomia do autor e certa dissociação entre: a literatura e a realidade, a quem escreve e ao mundo, entre a literatura e o mundo.

Existe um peso proveniente do viés eurocêntrico que rodeia a palavra literatura, a partir do qual a mesma é arquetizada em uma narrativa universal de práticas para os usos da linguagem. A partir de uma visão que enxerga a branquitude<sup>5</sup> como centro do saber científico, são criados obstáculos para compreensão da literatura que inclua a pluralidade cultural efetiva nas diferentes formas de produzir linguagem, o que perpetua certa hierarquização de poder. Sendo assim, a arte literária é rodeada por conceitos, estéticas, semióticas e linguísticas, que limitam concepções plurais do agenciamento da linguagem.

Com as visões ambíguas presentes no conceito de *mimesis*, o uso do método literário quando ligado ao universalismo abstrato influencia as formas de produzir linguagem supervalorizando-se uma cultura enquanto unidade, a fim de perpetuar o desejo de imitação através da presença direta dos ideais coloniais dentro dos estudos literários. Nesse sentido:

---

<sup>5</sup> A branquitude, aqui, se refere a identidade racial branca que não é homogênea e se modifica com o passar do tempo. Dependendo do contexto, ser branco pode indicar ser poder e/ou estar no poder. No contexto nacional brasileiro, tal poder é aplicado, também, na administração dos interesses públicos sociais. Sendo a branquitude um lugar de privilégios que podem ser simbólicos, objetivos e materiais, que gera conforto e sobreposição de poder ao colaborar com a reprodução das desigualdades e preconceitos raciais na construção social, cultural, política, econômica e científica.

se o universalismo abstrato é um tipo de particularismo que se estabelece como hegemônico e se apresenta como desincorporado, o universalismo concreto [...] não esconde seu lugar de enunciação, suas influências corpo-políticas e geopolíticas. Esse universalismo permite a coexistência de particularidades, sem que cada particular precise se esconder atrás de uma ideia abstrata ou desincorporada. Diferentemente do universalismo abstrato, que estabelece uma relação vertical, o universalismo concreto supõe um projeto político que propõe relações e diálogos horizontais entre as diversas particularidades (GROSGOUEL, 2012 *apud* BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES, GROSGOUEL, 2018, p.15).

Trazer uma visão decolonial para a literatura faz com que seja obrigatório questionar as relações de poder que cerca o signo literário nas diversas áreas socioculturais e políticas que o permeiam, e nas maneiras que o letramento se dá na formação educacional das corpos não brancas.

Logo, ao abrir mão do fazer literário ligado diretamente à crença do saber absoluto eurocêntrico, abrem-se caminhos para construções epistemológicas que evidenciam ciências e sabedorias – “não tradicionais” – dos povos que sentem as marcas das formas que a colonização se apresenta [implicitamente ou explicitamente].

Ainda hoje, existe no Brasil um público que consiste em estudiosos e leitores que escolhem compactuar com os pensamentos excludentes de fazer ciência, negando, assim, produções de negros, indígenas, mulheres, LGBTQIA+, e afins. Tal pensamento gira em torno da crença clássica da análise cultural e literária que desacredita que outros métodos epistemológicos sejam capazes de promover mudanças significativas a ponto de questionar a (cons)ciência teórica eurocêntrica.

Existe uma relação de poder que para perdurar a monocultura, enquanto discurso de democracia racial, faz com que instituições acadêmicas literárias invisibilizem produções epistemológicas de corpos não brancos, colocando barreiras no desenvolvimento dos diversos métodos de produzir ciência, pois esses rasuram os vieses eurocêtricos.

A branquitude cultural – lugar social tido como horizonte de representação social que é a base da intelectualidade mundial – mantém tais pensamentos, fazendo com que seja subjugada qualquer vivência fora de um certo convívio social, perdurando-se um desfoque da realidade que impõe barreiras para o alcance geral de produções periféricas. Afinal, a construção de outras epistemologias aponta para outros paradigmas metodológicos. Cogitar

discutir esta questão [...] – *o pós-colonial como ideologia* – é desvelar, afinal, *trópicos* do discurso epistemológico cujos paradigmas são marcadamente eurocêtricos, portanto, formular uma crítica que não omite “as suas tensões e contradições” e ajuda “a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação” (Vesentini, s. d.), ou seja, é percorrer os trilhos que levam a uma geocrítica do eurocentrismo (MATA, 2014, p.32).

A questão do eurocentrismo se põe nos estudos epistemológicos para desnudar a necessidade de descolonização e descentralização teórica, o que propõe estudar outros objetos e sujeitos a partir de referenciais que surjam de espaços que simbolizam e caracterizam a parte da sociedade que quando produz conhecimento o mesmo é reconhecido como marginal. “O que salta das frestas das narrativas redentoras do colonialismo, todavia, indica que ele não venceu nas bandas de cá; pelo contrário, o Novo Mundo codificou-se como uma grande encruzilhada” (RUFINO, 2019, p. 36).

As teorias eurocêntricas fundamentadas e reconhecidas como ciência tradicional conseguem exprimir um nível empático com a sociedade, mas a preocupação resulta do medo de ouvir e dizer as verdades que compõem o desenvolvimento social que fomentaram a perpetuação dessas teorias. A inquietação social em torno da literatura decolonial vem do fato dela conseguir transbordar para além dos saberes canônicos ao embasar seus fundamentos não só na teoria científica, mas também na sabedoria ancestral, agregando-se dois mundos, o conhecido – que é habitado pelo colonizador – e o ignorado – o invisibilizado que é do colonizado –.

Parto de uma das conceituações sobre o decolonial de Nelson Maldonado-Torres (2020), pois

a teoria decolonial, como abordarei aqui, criticamente reflete sobre nosso senso comum e sobre pressuposições científicas referente a tempo, espaço, conhecimento e subjetividade, entre outras áreas-chaves da experiência humana, permitindo-nos identificar e explicar os modos pelos quais sujeitos colonizados experienciam a colonização, ao mesmo tempo em que fornece ferramentas conceituais para avançar a descolonização. Esse simultâneo engajamento construtivo e crítico é a segunda contribuição fundamental e uma função-chave do pensamento e da teoria decolonial (MALDONADO-TORRES, 2020, p.29).

Aceitar a produção marcada pela decolonialidade é visualizar aqueles que costumam ser invisibilizados e mesmo assim continuam se movimentando e produzindo conteúdos, apresentando a absorção do que foi consumido nos dois mundos, do colonizado e do colonizador. Nós que transitamos entre os mundos comemos, absorvemos, visualizamos e reinventamos de acordo com nossas subjetividades, mas com o pensamento crítico em torno das epistemologias plurais que estão nos movimentos de contrapartida em relação ao desenvolvimento perpetuado na sociedade.

## **1.2 Encruzilhada entre literatura e mundo: onde mora a intelectualidade**

A encruzilhada entre literatura e mundo e os efeitos de quando a literatura atinge o mundo, gera até hoje inúmeras indagações. Refletir sobre como o meio em que crescemos influencia o nosso fazer científico encontra-se no mesmo lugar de questionamentos. Debater sobre formas

as quais se deu a formação psicossocial do intelectual que busca a decolonização das epistemologias, atravessa a discussão que está há anos do lado de fora da academia letrada.

Incrementar o referencial teórico, em uma produção, com a experiência adquirida no meio de formação social do escritor é um dos caminhos que as produções científicas de pessoas não brancas encontraram para se fazerem sujeitos em uma sociedade que os considera objetos, e tal ato se encontra presente dentro do conceito de *Escrevivência*.

Conceição Evaristo, linguista e escritora brasileira, em depoimento virtual, realizado no dia 25 de julho de 2020<sup>6</sup>, fala que

*escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. **E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”** (EVARISTO, 2020, p.30, *grifos meus*).

Destacar o signo linguístico *Escrevivência* e partir dele enquanto objeto de estudo e de auto representação, coloca em questão a relação entre um significante e um significado, deixando em evidência a determinação “por uma relação entre duas grandezas linguísticas: uma imagem acústica, de ordem fonológica, e um conceito, de ordem semântica (PIETROFORTE, LOPES, 2014, p.111). Assim, “o vértice do ‘conceito’ será visto [...] a partir de seus ensinamentos, como o que ele denomina ‘significado’, em ligação com o vértice da ‘palavra’, posição ocupada pela ideia saussuriana de ‘significante’.” (PIETROFORTE, LOPES, 2014, p.116).

Nesse sentido, utilizar da voz, da memória corporal, da experiência e do ponto de vista do sujeito “na dimensão de locutor, conjuga o seu discurso com certo número de intenções comunicativas com vistas a construir mensagem acessíveis e pertinentes, a fim de possibilitar ao alocutário uma compreensão eficiente” (MARI, 2008, p.21) de atitudes e ações, a partir de sentidos que lhe são propostos. Na *escrevivência* o significado das palavras tem uma camada de vivência que modifica a forma como o locutor se apropria do conceito. Logo, “a incorporação de traços semânticos provenientes do contexto [se torna um] processo observável

---

<sup>6</sup> Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e o Dia Nacional de Tereza de Benguela.

a cada novo uso discursivo, alterando parcialmente a identidade das acepções das unidades de que se trata” (PIETROFORTE, LOPES, 2014, p.125).

Compreendendo que a dimensão social das narrativas da poética periférica aponta outros caminhos, em virtude de assumir a linguagem enquanto um princípio de partilha social entre sujeitos, visualizo que o sentido concebido em tais produções

se mostra[m] como resultado [d]e configurações atreladas a uma formação ideológica específica que está submetida a uma formação social de teoria mais ampla [...] que representa o sentido, enquanto um produto das determinações históricas (MARI, 2008, p.27).

Essa encruzilhada enquanto ponto de encontro das experiências e ponto de partida de produções de linguagens plurais, promove dissoluções e possibilidades de discussões. E, no caso da pesquisa em questão, ela se dá pela ressignificação da **língua** e do direito à **fala** através da *escrevivência* pelas poéticas periféricas de corpos memória. Uma vez que a *escrevivência* em si se abre a questionar a polissemia, a dança entre denotação e conotação adentra brechas que deslocam os sentidos do que significa a literatura, a arte, o saber e o conhecimento.

Assim como a poética do *rap* na gíngua com os significados das palavras e das figuras de linguagem, na busca de perpetuar trejeitos linguísticos, de demarcar letramentos que, também, são tradicionais, preservando-se sabedorias geracionais e rasurando os movimentos culturais, literários e linguísticos.

A orientação pela encruzilhada expõe as contradições desse mundo cindido, dos seres partidos, da escassez e do desencantamento. As possibilidades nascem dos *crucos* e da diversidade como poética/política na emergência de novos seres e na luta pelo reencantamento do mundo (RUFINO, 2019, p. 10).

Abrir os caminhos para debater as práticas de conhecimento perpassa a aceitação do diálogo sobre as inúmeras formas de construção das epistemologias. Contextualizar os efeitos da neutralidade dentro do campo do conhecimento, preenche vazios identitários sobre a maneira que corpos vistos como ignorantes absorvem conceitos canônicos, ritualizam as linguagens com a inscrição de seus corpos e ressignificam, redefinem e questionam tradições segregatórias.

Contestar os conceitos da palavra literatura interfere diretamente nas camadas sociais que detêm poder político, social e cultural, contra argumentando sobre questões que envolvem os métodos de produzir ciência fora do eurocentrismo e a ideia colonial de progresso perpassada nos movimentos literários.

Nesse sentido, não só os cânones literários teriam que questionar a invisibilização e desumanização dos corpos racializados nas identidades presentes nos clássicos literários

brasileiros, como também a sociedade teria que rever seus avanços mais emblemáticos e revolucionários embasados no mito da democracia racial.

Lívia Natália (2011) no artigo “Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina”, fala que

o engessamento do viés de análise da Teoria no estreito horizonte do cânone e da instituição de características exclusivas daquilo que seria o texto literário, retira de seu âmbito de ação a convivência com a literatura que ferve nos mais variados espaços em pleno movimento de desrecalque e ocupação da cena deixando aos Estudos Culturais um campo de trabalho do qual a Teoria da Literatura deveria compartilhar. (SANTOS, 2011, p.3)

Dentro da literatura brasileira os personagens racializados nas obras literárias, antes e após o período colonial, deixaram marcas eugênicas difíceis de serem quebradas mesmo na contemporaneidade. Um exemplo é o livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Corpos racializados permanecem sendo vistos e descritos como objetos e não como seres humanos.

O mito da democracia racial e da visão da mestiçagem como algo louvável caem por terra quando se faz um estudo crítico sobre as escritas decoloniais, pois nelas os povos tidos à margem desaguam, também, sobre suas lutas sociais para serem aceitos como pessoas. Discorrer sobre raça, classe e gênero estando em um lugar invisibilizado pela sociedade, mas em constante movimento, é desenvolver jogo de cintura na luta pela vida, movimento este que é repassado desde a infância. Gozar direito de vida diz sobre adentrar locais aos quais nossos saberes podem ser ouvidos preenchendo, assim, lacunas atemporais.

Relacionar linguagem, história e política, questionando a ciência e os locais que formam cientistas, cruza as brechas deixadas nas identidades de corpos que também produzem ciência e possuem sabedoria. Compreender que a ciência não é neutra, mas batalha pela neutralidade por meio da *mimesis* nas produções culturais, torna nítida a superação da unidade do saber quando se deseja pesquisar partindo das produções negras e periféricas.

A pluralidade sociocultural que envolve as produções de linguagem, de performances, de estéticas, de semióticas, de métodos científicos, de debates argumentativos, diz respeito à localização (a)temporal dos corpos que além de fazer ciência, vivem a ciência. “A pluralidade externa, ou seja, a construção de outros saberes, diz respeito a abertura a uma diversidade de modos de conhecimento e as novas formas de relacionamento entre estes e a ciência” (GOMES, 2009, p. 419-420).

O sujeito não branco e rico culturalmente ao produzir linguagem cruzando a pluralidade que o abarca, abre caminhos para controvérsias e ambiguidades, presentes em sua estética não linear, dentro do debate das tradições canônicas. Argumentar com os cânones literários sobre

literatura e seus efeitos sociais é fazer cair por terra a relação cordial que permeia o desenvolvimento sociocultural brasileiro.

As imagens de corpos não brancos repassados na sociedade desempenham um papel importante na forma que as pessoas pensam a respeito de nós e por mais diversas que as imagens possam parecer, elas ainda estão no controle do poder político e social, sendo utilizadas para perpetuar o discurso já conhecido como democracia racial. Logo, a maneira que consumimos culturalmente diz respeito à maneira que pensamos ao nosso próprio respeito.

A inserção de corpos memória, tido aqui “como indígena, cigana, feminina, negra, afrofeminina, como indicadoras de busca de alteridades, de afirmações e de construção de identidades e de diferenças” (SANTIAGO, 2012, p. 132-133), dentro da produção de conhecimento e do campo da pesquisa como sujeitos e não como objetos, mostram os frutos das lutas sociais que visam o desenvolvimento da sabedoria ancestral.

Dessa forma, ao atravessar a literatura com os saberes racializados e ancestrais, o corpo não branco apresenta sua ciência que transborda sabedoria, junto com os critérios científicos que as classes detentoras de poder julgam como importantes para que uma obra seja considerada completa.

Considerar a literatura marcada pela auto representação, produzida por pessoas não brancas e além da binaridade da “literatura”, é dar direito de voz à produção epistemológica que possui fundamentos ligados na ressignificação dos pensamentos, linguagens, corpos e memória. As escolhas estéticas das produções têm como parte de si o nome, o corpo, a existência grafada com as marcas da colonialidade, enfrentando o debate sobre as pluralidades de produzir linguagem e o direito de viver e fazer ciência estando à margem da sociedade.

Pensar a *Escrevivência* como um fenômeno diaspórico e universal, [...] incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica (EVARISTO, 2020, p.29).

Corpos memória ritualizando a descolonização de suas amarras sociais através da escrita ultrapassam esse anseio resistindo à dominação de suas mentes, produzindo criativamente conforme sua forma de compreender o funcionamento da linguagem e o poder da fala (verbal ou não). A partir da compreensão da literatura como agência de letramento e método de aproximação entre identidades, abro o panorama da minha formação psicossocial não tradicional para questionar o lugar que me encontro dentro da academia, estudando e pesquisando os estudos literários pela, e através da, *escrevivência* e do *rap*. Juntando os meios

de sabedoria que tive/tenho para conhecer e desconhecer os significados que as palavras possuem.

### 1.3 A função da literatura plural para o estudo do letramento social

As expressões literárias pesquisadas nessa monografia abrem o panorama sobre a estética da *escrivência* através do letramento de reexistência. Ana Lúcia Silva Souza (2009), ao criar e definir o conceito de letramento de reexistência, diz que

no que se refere ao universo do hip hop, as práticas de letramentos são voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em um lugar de crítica, contestação e de subversão no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. Inserir-se nesses lugares provoca a inscrição em uma complexa rede de relações sociais, na qual, por meio dos discursos, é negociada a ocupação e a sustentação de formas de participação social compromissadas com as transformações das relações sociais e raciais. (SOUZA, 2009, p. 22 - 23)

Uma vez que o letramento de reexistência “ganha força ao buscar apreender, entender as práticas cotidianas de uso da linguagem que provocam releituras de identidades étnicas, de gênero, sexualidade, políticas, dentre outras” (SOUZA, JOVINO, MUNIZ, 2018, p.2) e junto com a auto referência expressa na escrita de pessoas negras, periféricas e corpas presentes no movimento *hip hop*, promoveu-se o método de aproximação cultural dos meus questionamentos em um início de compreensão identitária do meu modo de (re)produzir a linguagem.

Quando proponho realizar uma pesquisa acerca das minhas absorções e questionamentos das palavras literatura e poética a partir da *escrivência*, acredito que são incompletas as definições apresentadas durante minha formação acadêmica dos conceitos e efeitos das mesmas. A impossibilidade de argumentação e questionamento diante dos conceitos, nas aulas, muitas vezes me colocou de frente a monocultura e a homogeneização científica.

A agência de letramento presente na minha formação científica cruza compreensões socioculturais entre brechas das margens e em movimento contínuo. Partir da epistemologia não tradicional da literatura tem como objetivo mostrar os efeitos advindos do agenciamento da linguagem embasada em intersecções plurais.

A formação da minha alteridade enquanto bacharelada em estudos literários possui uma corpa memória que enfrenta opressões de raça, classe e gênero na sociedade, na academia letrada e nos estudos literários sobre os quais pesquiso e pertenço. Portanto, me coloco aqui como intelectual orgânica, pesquisadora e acadêmica, como uma negra mulher em uma turma de quarenta pessoas e a única fazendo o bacharelado em estudos literários.

Ao longo da minha formação educacional e dentro da minha forma de compreender a linguagem, os conceitos apresentados sobre literatura e poética não me fizeram sentir pertencente dos estudos literários. Talvez seja esse o efeito que inúmeros conceitos de *mimesis* falam sobre. Dessa forma, partirei das possibilidades que se encontram dentro do conceito de *escrevivência*.

O intelectual que possui uma corpa memória quando escreve utilizando da encruzilhada de saberes presente dentro do próprio corpo, promove um ato revolucionário que requer coragem de negar o silenciamento, a invisibilidade e os efeitos coloniais que limitam o ser não branco gozar da liberdade de viver e não só sobreviver na sociedade.

Tal ação reivindica o direito de **fala**, abrindo ao questionamento onde mora a **língua** brasileira, o que deixa explícito a pluralidade das vivências que buscam reescrever poeticamente representações manchadas na história. A forma que as expressões literárias de corpos negros, indígenas e LGBTQIA+ atingiram meu corpo, me instiga a buscar discorrer sobre minha compreensão das pluralidades de letramento e as ressignificações dos conceitos canônicos em espaços não tradicionais.

Me colocar como agente pesquisador que ao mesmo tempo pesquisa o desenvolvimento da própria alteridade ao transitar entre mundos complexos e interligados, ao produzir intelectualmente e artisticamente, faz parte da ação que busca questionar os direitos à fala em relação às opressões sociais por meio da escrita e da auto representação pela **língua**.

Sair do lugar de coadjuvante e se tornar protagonista, expressando sua própria história através da literatura ou de outros métodos científicos e culturais, é reivindicar o direito de existência para além dos olhares higienizados das representações negras e periféricas nas obras literárias. Estar na encruzilhada entre saberes localizados e dissociados me faz querer questionar certezas monoculturais como base teórica e a potencialidade científica de uma sociedade que está em constante movimento, mas é subjugada.

As narrativas da literatura da margem (re)estruturam visões eugênicas e unitárias perpassadas por inúmeros escritores, como os do período modernista. Compreender a chegada da decolonialidade nos estudos literários e culturais, escrita pelos corpos não brancos e não por outrem, abre as portas para produções literárias, performáticas e culturais de corpos que possuem identidades plurais.

“A corpa, para nós, é nosso campo de batalha, pois nela ocorrem as violências e é por meio dela que vivenciamos nossas experiências. Por meio da corpa nos comunicamos e nos encontramos com o mundo” (AMORIM, 2019, p.112). Se ao (re)existir passamos para a escrita

as formas que as memórias ganham vida e/ou encontram caminhos para expurgos de dores seculares, podemos dizer que a história se (re)faz pela resignificação da **língua** do Outro.

O intelectual negro contemporâneo Cuti, um dos fundadores de Cadernos Negros, ensina que

a Literatura Negro-Brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negra”. (CUTI, 2010, pp. 44-45)

Dessa forma, partir da encruzilhada entre literatura e mundo pela Literatura Negro-Brasileira e Literatura Periférica de corpos com vagina, é partir de lugares que me sinto pertencente e que me fortaleço enquanto corpo político, crítico, afetivo e social, uma vez que a estética e os discursos envoltos nas linguagens utilizada pelos sujeitos pesquisados desvelam semióticas que rasuram nós identitários que singularizam e desumanizam corpos plurais.

Escolher por não estereotipar corpos não brancos rasura crenças limitantes que não estão presentes nos nossos corpos, mas que confundem nossas subjetividades por atingir diretamente nossas identidades. Decolonizar nossas corpos atravessa os silêncios que ainda abrem brechas nas nossas identidades e uma vez que nossa mente compreende nossas potencialidades, as amarras sociais não nos impedem de viver a intelectualidade criativa.

Adentrar – e viver dentro de – culturas cravadas com as marcas da colonização, é se colocar na posição de compreender perdas linguísticas, semióticas, semânticas, culturais, ancestrais que possuem uma identidade monocultural pela sobreposição de poder nos corpos não brancos.

Nesse sentido, visualizo a Literatura Negro-Brasileira e da Literatura Periférica enquanto projetos literários que recriam memórias ancestrais em suas produções culturais pelos olhares dos escritores para seus corpos e suas vivências. Meu desejo é “colaborar com a rescisão do passado de representações figuradas pela depreciação de atributos étnico-raciais e de gênero, em um tom denunciativo e de dessilenciamento de vozes literárias [...] femininas.” (SANTIAGO, 2012, p.146)

Compreendo o atravessamento da Literatura Periférica (NASCIMENTO, 2009), enquanto “programa de ação estética, ou o projeto literário dos escritores, [que] consiste em retratar o que é peculiar aos sujeitos e aos espaços marginais, especialmente com relação às periferias urbanas brasileiras, numa escrita singular.” (NASCIMENTO, 2009, p.105) Corpos

negras e periféricas abarcam vários níveis de sabedoria. Agregando a experiência e os olhares que envolveram seu desenvolvimento psicossocial à produção literária, xs poetas apresentam novos rumos para avanços além das ciências humanas e sociais.

Escrever sobre quem se é, é um ato revolucionário que quebra os inúmeros paradigmas pressupostos por uma sociedade racista. O ato de escrever suas verdades faz parte do

projeto intelectual amplo, no qual está inserido tal projeto literário, [abarcando] o objetivo de «dar voz» ao grupo social de origem dos escritores, por meio de relatos dos problemas sociais que os atinge; e dar também nova significação à periferia, por meio da valorização da «cultura» deste espaço e de uma atuação que busca estimular a produção, o consumo e a circulação de bens culturais. (NASCIMENTO, 2009, p.106)

Produzir linguagem estando no “não lugar” social é transgredir por meio da educação ao reafirmar os fragmentos pertencentes nas subjetividades dx escritxr e que foram adquiridos pela temporalidade na qual elx pertence. Tal ato movimento argumenta com feridas ancestrais contidas em seu DNA e ao mesmo tempo ritualiza finalizações de ciclos geracionais de baixa estima intelectual, moral e visual.

Logo, tais obras acabam por questionar as narrativas literárias tradicionais pois “nesse princípio de afirmação de si são produzidas contra narrativas de grupos marginalizados e expressões variadas de ativismo político no campo de forças que constitui a cultura e literatura.” (FONSECA, 2019, p.269)

Érica Peçanha do Nascimento (2014) considera

extremamente significativo que escritores de origem popular assumam um projeto estético que tem, entre outros desdobramentos, um tipo de ressignificação do que é ser periférico, a partir da construção de novos discursos sobre esse tipo de sujeito social, seus corpos, suas subjetividades e experiências. (NASCIMENTO, 2014, p.46)

Pensar em uma poética literária que não invisibiliza e silencia as corpos de acordo com suas diferenças de raça, gênero e classe, nos leva de encontro a narrativas que não começaram a ser feitas na contemporaneidade. Mas, não há (r)evolução enquanto houver a centralidade do pensamento eurocêntrico dentro dos movimentos literários. Não há (r)evolução enquanto o discurso não abarcar aqueles que não possuem o privilégio de conceituar suas ações dando nome às suas lutas e os usos do corpo como verbo em uma ação social, cultural e política, pelo pertencimento da **língua**, mas para muito além dela.

Érica Peçanha do Nascimento discorre que os autores periféricos

se distinguem dos demais [do contemporâneo] porque são também atores dos espaços retratados nos textos e, portanto, sujeitos marginais que estão inserindo suas experiências sociais no plano cultural. Não se tratando, no caso dos escritores estudados, apenas da representação de uma certa realidade de espaços e sujeitos na literatura, mas do modo como querem se 'auto-representar' (NASCIMENTO, 2006, p. 34)

Quando a ideia de criar utilizando da epistemologia interseccional foi abordada pelas feministas negras norte e latino-americanas, elas abriram as portas para que corpos negros e periféricos no Brasil enxergassem a possibilidade de falar sobre sua própria realidade por meio da imitação da vida.

Mas tal ato já estava sendo reproduzido nas obras literárias, musicais e políticas em nosso território. A luta pela nomeação da Literatura Negro-Brasileira espelha até hoje as dores por detrás da conquista pela sua existência, sendo assim, um projeto em formação. E, deste lugar, estudo “o papel da literatura num país em formação, que procura a sua identidade através da variação dos temas e da fixação da linguagem” (CÂNDIDO, 1999, p.86), abrindo caminhos para a discussão do que mora dentro das brechas de silenciamentos causados em corpos memória em suas produções literárias. Discussões presentes na contemporaneidade, mas que não começam comigo, nem no ano de 2022.

Estar estudando sobre a Literatura Negro-Brasileira faz parte da conquista de gerações de escritores negros<sup>7</sup> que implicitamente ou explicitamente, buscavam nominar seus corpos memória enquanto seres humanos existentes e produtores de conhecimento. Todos nós “sabemos que a instrução dos países civilizados sempre se baseou nas letras. Daí o elo entre formação do homem, humanismo, letras humanas e o estudo da **língua** e da literatura. Tomadas em si mesmas, seriam as letras humanizadoras, do ponto de vista educacional?” (CÂNDIDO, 1999, p.84).

Agregar os saberes ancestrais aos pensamentos críticos em nossas produções e manifestações, impondo-se sua presença em espaços políticos, como nos movimentos sociais, e também em espaços científicos, como nas instituições de ensino, vai de acordo com a valorização de questões pertinentes para o desenvolvimento político e social das populações colocadas à margem da sociedade ocidental e intelectual.

Para Mário Augusto Medeiros da Silva (2013),

existem, portanto, diferenças programáticas entre a década de 1970 e 1990, no que tange à ideia de Literatura Marginal [...] [anunciando-se] – num certo sentido – a ideia de um projeto, em que se formula a indissociabilidade entre o vivido e o narrado, cujo apego não se dá no plano passageiro (SILVA, 2013, p.105).

Ao se falar sobre decolonizar a escrita literária, fala-se do ato de subverter os padrões de poder colonial, afastando, assim, os olhares eugênicos para corpos que apresentam outros olhares para a pluralidade social, política e cultural. Essa maneira de gingar em espaços que a

---

<sup>7</sup> Alguns presentes ativamente ou agregados do Movimento Negro Unificado entre os anos 70 e 80, principalmente.

centralidade do poder ainda está no domínio da branquitude direcionou gerações a fazer da luta um lugar mais consciente e plural onde voltar para casa é compreender a corpa memória como verbo que promove ações diretas para curas psicossociais.

A propagação da ideologia feminista embasada em raça, gênero e classe dentro do Brasil foi fortalecida através da construção dos pensamentos instigados por Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Nilza Iraci, entre outras tantas que abriram os caminhos para que negras mulheres, como a que escreveu esta pesquisa, crescessem tendo como base o desejo de equiparar os direitos político e socioculturais na vivência de corpos não brancos.

Dialogar diretamente com a encruzilhada proveniente das funções sociais da linguagem no interior dos estudos literários contemporâneos, têm como intuito o desnudar de silêncios no entre brechas das narrativas presentes nas poéticas de *escrevivência*. Buscar falar sobre as reproduções, presentes dentro da Literatura Negro-Brasileira e da Literatura Periférica, abre espaço para falar sobre os traços da interseccionalidade nos estudos literários a partir do lugar localizado onde a pesquisadora cria e partilha memórias. Não negando, assim, o impacto direto das crises políticas, sociais e culturais que atravessam as vivências das corpas memórias que escrevem suas absorções de um mundo cindido.

Segundo Mário Augusto Medeiros da Silva (2013), pesquisador em Literatura Negro-Brasileira e Literatura Periférica, “a periferia, por vezes, é enunciada como uma nova configuração de quilombo; seus descendentes, engajados ou não, como novos quilombolas, herdeiros de um projeto de Palmares” (SILVA, 2013, p.410).

Discorrer sobre o Tempo Feminino (2018)<sup>8</sup>, compreendendo-se o termo feminino além da binaridade social, pela escrita negra e periférica nos estudos literários, me permite falar, também, sobre a presença do conceito *Dororidade*, um dos diferenciais na estética decolonial dxs escritorxs. Diferente da sororidade, pregada pelo feminismo branco, corpas negras e periféricas interligam as lutas interseccionais através da “dororidade, pois contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo” (PIEIDADE, 2007, p. 16).

O conceito de sororidade criado pelo feminismo branco, mesmo significando irmandade e estimulando o apoio entre as mulheres, não se mostra suficiente para abraçar as vivências marcadas pela violência que caracteriza a vida das corpas negras e periféricas e a lealdade que permeia suas relações e interações. Tais violências – físicas, psicológicas e sociais – não

---

<sup>8</sup> CARNEIRO, S. Tempo Feminino. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

envolvem apenas seus corpos políticos, mas os corpos dos seus filho (a) (e)s, irmãos, pais, amantes e amigo (a) (e)s.

Vivenciar a violência em seu primórdio, além de circularizar os traços deixados no DNA pelo período escravocrata, torna necessária a utilização de um termo que abarca o pertencimento e promove reconhecimento de dores ancestrais para aqueles que antes de se humanizarem precisam aprender a sobreviver possuindo corpos memória, logo corpos políticos. Vilma Piedade ainda argumenta que Dororidade diz respeito,

a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, [...] [destacando] que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra a Dororidade. (PIEDADE, 2007, p.46).

A descrença da potência intelectual de corpos memória se encontra até em ambientes que elxs acreditam possuir abertura para desenvolver seus pensamentos. Esse silenciamento não se difere da falta de voz em espaços predominantemente branco. A censura da fala, a negação do ouvir e escutar, é dolorosa em ambos locais e tal atitude reforça os estudos sobre as corpos, ainda, como a base da pirâmide social. Uma vez que as corpos são vistas como não pertencentes de intelecto e há o subjugamento de suas poéticas, principalmente dxs escritorxs que buscam equilibrar a teoria (razão) e a experiência (emoção).

Existe uma crença muito forte no fato de ignorar o lado emocional, em prol da razão, com o pressuposto de que o emocional impede uma visão panorâmica completa em relação aos assuntos discutidos dentro das produções. “A ideia da busca do intelectual por uma união de mente, corpo e espírito [foi] substituída pela noção de que a pessoa inteligente é intrinsecamente instável do ponto de vista emocional e só mostra seu melhor lado no trabalho acadêmico” (hooks, 2013, p.29).

Mas, o equilíbrio entre razão e emoção faz do ser pesquisador um intelectual questionador na busca de um equilíbrio entre o real descrito dentro da academia e o real vivido fora da academia. “A obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado [e] esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele” (CANDIDO, 1999, p.86).

Compreender a pluralidade cultural e lutar para a perpetuação dos saberes dissociados nas epistemologias plurais, junto com o fato das universidades estarem recebendo mais estudantes não brancos, faz com que não só esses novos estudantes se sintam pertencentes em um lugar hostil a sua estadia, como também faz cair por terra o mito dos saberes localizados linearizado dentro dos locais que produzem conhecimento intelectual “tradicional”.

Muitos alunos optam pelo silenciamento da sua ideologia à inclusão da mesma nos seus trabalhos acadêmicos, com medo de sofrer represália dos professores que ainda possuem os olhos fechados para o desenvolvimento cultural dentro do campo intelectual. Trazer para os trabalhos científicos novos olhares acerca do tema desenvolvido pode incrementar o leque bibliográfico de inúmeros intelectuais, deixando visível conhecimentos invisibilizados por arrogância.

Pilar Lago e Lousa (2017) aponta que,

quando outros recortes são inclusos na problemática da representação de mulheres dentro da estrutura canônica da literatura, os silenciamentos se fazem ainda mais cruéis. Estamos falando das mulheres periféricas, negras e indígenas, lésbicas e bissexuais, em situação de precariedade social, entre outras. A elas, o direito ao acesso à voz é ainda mais negligenciado. (LAGO E LOUSA, 2017, p.66)

Falar a partir da Literatura Negro-Brasileira e da Literatura Periférica, desvela a câmara de espelhos na sala de poder, demarcando-se o território encruzilhado de corpos que possuem memórias e propagam seus conhecimentos movimentando estruturas rígidas, mas rasuráveis. Tal busca pela continuidade de memórias grafadas no silêncio das entrelinhas na crítica literária brasileira contemporânea e a literatura tradicional, visa **“para além de julgamentos de valores literários ou estéticos (...) o acesso do escritor ao arcabouço de produções literárias a que ele/a pôde ter acesso e a maneira como ele/a elabora seu repertório”** (MARRA, MARINGOLO, 2020, p.26, *grifo nosso*).

Os intelectuais orgânicos estão em movimento produzindo conhecimento e questionando os letramentos, mas se encontram em territórios que vão além da universidade, sendo formados pelos ensinamentos das encruzilhadas e da busca pelo direito de existência, o que incrementa os estudos sobre representação (representação pensada no plural pois enquanto somos um, somos muitos).

Nós fomos educados pelos terreiros de nossos avós, pela cozinha de nossas mães, por pensadores que tiveram que esconder seus nomes em livros renomados, por mulheres como Carolina Maria de Jesus que escreveu seus pensamentos no lixo, pelos intelectuais que lutaram para fazer perdurar Cadernos Negros produzindo até os dias atuais, pelo movimento *hip hop* e por tantas outras referências.

## 2 O OLHAR SOBRE RAÇA, GÊNERO E CLASSE PELA POÉTICA DXS MCs

### 2.1 O rap e a ginga com o protagonismo

Eis a cumeeira da modernidade, sustentada pelos pilares da raça, do racismo e do Estado-Nação, a energia desse espectro continua a nos afetar. Lançados a essa demanda, haveremos de jogar o jogo, fomos produzidos como desvio, como seres vacilantes e aí inventamos a ginga, sapiência do *entre*, para lançar movimentos no vazio deixado. (RUFINO, 2019, p.12)

Em 2021 fez 10 anos do lançamento da tese em formato de livro “Letramento de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop” de Ana Lúcia Silva Souza. A episteme que compreende os vários níveis de letramento presentes no desenvolvimento psicossocial dos povos racializados, abriu caminho para expor a visão do movimento *hip hop* como um dos lugares que as identidades negligenciadas aprenderam a gingar propagando seus conhecimentos, a fim de ressignificar locais sociais, geográficos e simbólicos.

Atualmente há uma série de pesquisadores que destacam a pluralidade de abordagens e visões relativas à periferia e ao sujeito periférico. Mas há de se ter cautela nas relações de poder que perpassam o debate relativo à periferia, impulsionando-se trabalhos que ampliem

o olhar em relação ao modo como entendemos letramentos, no plural. [...] [considerando] variáveis ainda pouco estudadas – raça e gênero – e, ainda, [...] [olhando] **para esses grupos não pela ausência, mas pela presença de conhecimentos não valorizados socialmente**, mas importantes para suas vidas, como é o caso dos letramentos na e da cultura *hip-hop*.” (SOUZA, 2011, p.35, *grifo meu*)

O intuito do movimento *hip hop*, desde sua criação, é reagir aos conflitos sociais e a violência sofrida pelos grupos que se encontram à margem da sociedade. Logo, os intelectuais presentes no movimento optaram por transpassar o seu cotidiano de maneira cultural, plural, didática e ética, ao transbordar os olhares dos sujeitos nas suas formas de buscar revolucionar não só a cultura, mas os cânones, as estéticas e outros movimentos sociais pelos cinco elementos do movimento. Sendo eles: o DJ, o MC, o grafite e/ou o pixo – o pixo advém da pintura escrita enquanto o grafite é relacionado a pinturas imagéticas –, o *breaking* e o conhecimento.

O *rap* – um dos elementos da discussão dessa pesquisa – é uma das vertentes que as identidades negligenciadas encontraram para se fazer vivas e produzir novos níveis de consciência, a fim de propagar seus conhecimentos. O que propôs novas elaborações estéticas e performáticas, além de denúncias contra os efeitos seculares do racismo frente aos grupos “minoritários” em suas poesias e seus ritmos.

Sendo o *rap* a abreviação de *Rhythm and Poetry* traduzido no Brasil como ritmo e poesia, entendo que

como sigla, o termo reúne um aspecto comumente associado às manifestações musicais africanas - o ritmo - a outro, que tem grande legitimidade nos circuitos culturais "hegemônicos" - a poesia. Assim, a própria definição da palavra "rap" defende uma ideia: de que as letras de rap são poesia - em oposição a críticos conservadores, que fazem questão de reservar o privilégio da denominação "poeta" para autores que se filiem às tradições literárias canônicas (TEPERMAN, 2015, p.16).

Transformando a linguagem em um ritual após tal cruzamento de poesia e ritmo, em que o ritmo dita a performatividade dos *rappers* e a *escrevivência* poética transpassa sua sabedoria, compreende-se o desenvolvimento da Literatura Periférica que busca expressar quão complexa é a experiência de quem produz sobrevivendo dentro de ciclos de violência, e a ressignificação de seus acúmulos de raiva para adquirir o conhecimento da paz e do alívio.

Desde sempre a poética do *rap* foi caracterizada por possuir uma linguagem "diferente", muitas vezes não compreendida pelos brancos burgueses e "como toda produção cultural, o *rap* carrega ambiguidade e amplifica vozes dissonantes, movendo-se no mundo enquanto o mundo se move" (TEPERMAN, 2015, p.8).

Nesse sentido, a obra performática transmutada em ato poético é produzida por corpos que vivem no vórtex dentro do jogo que a colonização criou, mas que buscam não compactuar com a retroalimentação entre cultura e sociedade linearizando nossas produções. "[**Criando**] a provocação necessária para tentar **conceber novas formas de ser, saber e fazer** que não estejam alinhadas ao pensamento colonizador predatório, responsável por genocídios, escassez e desigualdade" (VILELA, 2022, p.25, *grifos meu*).

O círculo nas batalhas de *rap*, nas rodas de samba, nas rodas de capoeira é *Xirê*<sup>9</sup> daqueles que usam o corpo como verbo promovendo ação e ressignificação visando-se a (r)evolução dos corpos marginalizados, e tal ato acaba ressoando nos movimentos sociais ao mostrar aonde (noss)o povo é afetado.

Elaine Nunes de Andrade (1999) afirma que a popularização do *hip hop* na juventude se deu pelos bailes e pelas lojas de música negra. Ela transborda que

'baile' para o jovem negro é um espaço fundamental de afirmação da sua identidade, mais do que um simples espaço de sociabilidade juvenil - não é o simples fato de estar com seus iguais em idade, mas sim o de estar com os seus iguais em etnia, que vivenciam no seu cotidiano as mesmas dificuldades econômicas e sociais. (ANDRADE, 1999, p.87)

No livro "Sobrevivendo ao Inferno" dos Racionais MC's, Acauam Silvério de Oliveira, escritor do prefácio que abre o livro, argumenta sobre o impacto sociocultural do grupo, mas

---

<sup>9</sup> *Xirê* é uma palavra em Yorubá que significa roda, ou dança, e é utilizada na evocação dos Orixás de acordo com cada nação.

que se estende para o *rap* da época de uma forma geral, o que consiste em uma “capacidade de formalização desse novo tipo de voz coletiva que emergia: uma fala da periferia para a periferia, que alteraria de modo radical o cenário cultural do país”. (OLIVEIRA, 2018, p.24)

Isso significa uma quebra na forma que a periferia era retratada, uma vez que o protagonismo periférico passou a se dar pela auto representação e não pela relação cordial entre classes que linearizam o pensamento de igualdade racial e social. O estilo presente na criação poética do *rap*, seguindo o proceder do movimento *hip hop*, sempre almejou rasurar os pré-conceitos impostos na intelectualidade dos povos racializados, o que reivindicou direito não só de existência, mas de produzir ciência e cultura ao demonstrar destreza linguística e estética, e renegar a pobreza, seja ela material ou de conhecimento.

Localizados em um tempo e espaço que atravessa absorções de culturas diversas e silêncios, muito mais do que simbólicos, os MCs utilizam de seus resgates linguísticos para pluralizar suas estéticas literárias. A diversidade de temas abordados pelos poetas apresenta horizontes epistêmicos da indissociabilidade entre política e representação agregados à ancestralidade enquanto rito de passagem para feridas coloniais que foram, ou estão sendo, ressignificadas. Os mesmos que já foram subjugados ao lugar do Outro, encontram na poética de *escrivência* maneiras de transpassar suas sabedorias pelo ato de expurgar as estéticas de manipulação que seus corpos já foram impostos.

Segundo Ricardo Teperman,

o fortalecimento dos movimentos sociais com o fim da ditadura civil-militar brasileira (1964-85) criou um terreno fértil para a politização do rap. Disseminado pelas rádios comunitárias, o gênero funcionou como catalisador das chamadas ‘posses’ (como a Aliança Negra) e de movimentos urbanos (como o da estação São Bento no metrô em São Paulo). (TEPERMAN, 2015, p.10).

Levando em consideração a representação física e biográfica de pessoas que pelo interior da cultura, da poética literária e da ressignificação linguística, conversavam diretamente sobre as consequências dos problemas sociais – por exemplo – ficou explícita a compreensão do incômodo que o movimento *hip hop* traria para a centralidade do poder brasileiro – poder econômico, social, cultural, político e de valorização do conhecimento –. Politizar o *rap* fez com que

os grupos de hip hoppers interessados e identificados com esse movimento juvenil, nascido na periferia e cuja força se concentra na música de origem negra, [passassem] a pesquisá-lo difundindo-o no país [...], passando a fazer letras de música cujo conteúdo expressasse a realidade de suas vidas. (ANDRADE, 1999, p. 88)

Tal tomada de consciência social fez com que ao quebrar os silêncios adquiridos por uma luta desigual, o elemento conhecimento do movimento *hip hop* começasse a ser aplicado por meio do *rap* e da poética de *escrevivência*, pela politização dos discursos proferidos. Mas nesse caso a política era ensinada de periférico para periférico pela auto representação e pela junção entre linguagem, cotidiano e experiência, em um trabalho estético da arte proveniente da periferia que gerou impacto cultural e atingiu a sociopolítica brasileira.

A poética de *escrevivência*, cruza entre artefatos literários, linguísticos e culturais que falam sobre o mundo do colonizado através da imitação da vida, perturba a historicidade ocidental ao contar em suas narrativas biográficas a interpretação social em que o corpo memória não é tido enquanto objeto. Caracterizar tais identidades resignificando o poder da **língua**, nos direciona para curas nacionais que são contra as opressões coloniais e os efeitos delas.

Colocar a pesquisa em primeira pessoa, compreendendo-a enquanto um projeto que ao mesmo tempo que fala sobre *escrevivência* é uma *escrevivência*, tem como objetivo demarcar espaços possíveis para a atuação, propagação e a divulgação de corpos memórias intelectuais que comem de mundos opostos e encruzilham conceitos semânticos que gingham com os engessamentos lineares. Entendo, assim, que “não se pode falar pelo subalterno<sup>10</sup>, mas pode-se trabalhar ‘contra’ a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido.” (SPIVAK, 2010, *apud* ALMEIDA, 2020, p.17)

Luiz Rufino (2019) fala que a descolonização enquanto prática social e luta revolucionária leva

os seres submetidos às lógicas de opressão desse sistema [eurocêntrico] [...] [a ser] inventores dos jogos de corpo, palavra e ritmo. Tomado pela cadência da *validação* (invenção lúdica e sabedoria de fresta), [...] praticando alguns giros e negaças, plantando ponta-cabeça. Assim, [inventam] posições, [cruzam] algumas noções, para fazer outros caminhos - essa é a potência da transformação assente nas encruzilhadas. (RUFINO, 2019, p. 12)

A partir de tal compreensão política, gingo com as encruzilhadas *entre* os movimentos deixados no vazio das vivências dxs MCs, pois “é nesse intervalo híbrido, em que não há distinção, que o sujeito colonial tem lugar, sua posição subalterna [é] inscrita [...] [nesse] espaço de interação” (BHABHA, 1998, pg.95) e nas suas *escrevivências* performáticas que buscam se libertar da colonialidade pela poética periférica no *rap*.

---

<sup>10</sup> Aqui, entenderemos subalterno enquanto às corpos memória sujeitxs da monografia.

## 2.2 Poética corpórea: corpas memória de sujeitxs em ação

Leda Maria Martins (2003) diz que o corpo em performance pode ser pensado como “local de inscrição do conhecimento”; *médium* “de técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico, etc.” (MARTINS, 2003, p.66).

A estética presente na *escrevivência* poética produzida na periferia se atenta à produção literária que não está estancada apenas nos livros, mas que envolve corpo e voz em suas performances, alcançando, assim, outras formas de se fazer linguagem. Nesse sentido, a obra literária é projetada em um cenário onde a performance ganha cores, a voz nuances e o corpo conversa com o poema, agregando e compondo a obra que se encontra em constante movimento.

Utilizar do corpo como agência para descrever a “transparência das metanarrativas realistas” (BHABHA, 1998, p. 81), e mudar o foco semiótico no processo de produção das linguagens, demarca espaços de questionamentos no desenvolvimento das identidades negrxs e periféricxs dxs MCs em suas poéticas de *escrevivência*.

Uma vez que as poéticas dxs MCs negrxs e periféricxs humanizam em seus escritos os que sentem os efeitos da exploração colonial inscritos em suas corpas memória, elxs desnudam o processo mediúnico de se curar de opressões culpabilizadoras que silenciam seus corpos e suas vozes. E “é colocando a violência do signo poético no interior da ameaça de violação política que podemos compreender os poderes da linguagem.” (BHABHA, 1998, p. 97).

O corpo se auto (re)afirmando através do *rap* utiliza de seu verbo para gingar entre performance e oralidade, unindo voz e corpo, abarcando o conceito de oralitura de Leda Maria Martins, uma vez que esta compreende

a singular inscrição cultural que, como letra (littera) cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhando ainda no termo seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significante, constituída da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas. (cf. MARTINS, 1997, p.21)

Compreendendo que a **fala** vem antes da **língua**<sup>11</sup> e que a reprodução dos efeitos da linguagem das corpas memória atravessam a retroalimentação sociocultural que prega a democracia racial, abrir caminhos para as compreender o que mora nas brechas poéticas de *escrevivência* é dar continuidade aos questionamentos acerca do direito a fala e a escuta. Dar a autorização para o falante ser ouvido é entender o pertencimento à existência, esta que é negada

---

<sup>11</sup> Historicamente a fala vem antes da língua pois é através da fala que a língua se estabelece, podendo, assim, evoluir.

em contratos mais invisíveis do que os corpos que estão a gingar para verbalizar suas ciências na busca de evoluir as concepções que circundam à **língua**.

“A língua não é um sistema de mostração de objetos, pois a linguagem humana pode falar de objetos presentes ou ausentes da situação de comunicação” (FIORIN, 2005, p.56). Desse modo, “a arbitrariedade da relação significante e significado quer dizer que ela é convencional, isto é, repousa numa espécie de acordo coletivo entre os falantes. O signo linguístico é arbitrário, e portanto, cultural” (FIORIN, 2005, p.76).

A língua não pode, pois, equiparar-se a um contrato puro e simples, e é justamente por esse lado que o estudo do signo linguístico se faz interessante; pois, se quiser demonstrar que a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta e não uma regra livremente consentida, a língua é a que oferece a prova mais contundente disso. (SAUSSURE, 2006, p. 85)

Mas, a poética do *rap* não é oriunda e nem objeto do mundo letrado acadêmico, uma vez que ela nasce no processo não tradicional da produção científica. Cleber José de Oliveira aponta que ela “é produto do mundo semialfabetizado, do ensino fundamental incompleto, com raríssimas exceções. Não permeia as prateleiras das grandes bibliotecas nacionais, muito menos os debates nos nobres salões.” (OLIVEIRA, 2019, p.263) Ele ainda completa seu pensamento, apontando que o *rap*

nesse sentido, portanto, manifesta-se como expressão cultural popular de cunho negro, mestiço e **diaspórico**. É o poema sujo, inundado de oralidade, sátira, crítica social. É a metáfora da resistência do diamante que se origina na lama. É a beleza poética da flor de lótus que emerge e desabrocha em meio ao lodoso ambiente social. *É a lírica coletiva profundamente marcada por uma social exclusão, mas que se fortalece, sobretudo, pelo revide a ela.* Um efeito colateral que o sistema segregador fez. **É o fruto genuíno da inteligência periférica.**<sup>12</sup> (OLIVEIRA, 2019, p.263)

Entender o efeito da representatividade na resignificação da **língua** pela *escrivência*, se dá pela “passagem da fantasia para a realidade – já não se trata mais de como eu gostaria de ser visto/a, mas, sim, de quem eu sou; não mais como eu gostaria que os “Outros” fossem, mas, sim, quem eles/elas realmente são” (KILOMBA, 2017).

O resgate das pluralidades da linguagem permite que as poéticas de *escrivência* ultrapassem a cultura letrada em livros, circulando, efetivando e promovendo movimentos que cruzam a oralitura. Os avanços psicossociais da linguagem fazem com que seja necessária uma análise crítica das produções poéticas que abarque as diversidades que as caracterizam.

Em outras palavras, as pessoas nem sempre são sujeitos constantemente confrontando a história, como alguns acadêmicos gostariam, mas o atributo a partir do qual elas agem para se tornarem sujeitos é sempre parte da condição que as define. Esse atributo

---

<sup>12</sup> Grifos meus.

subjetivo acarreta bastante confusão, pois torna os seres humanos duplamente históricos ou, mais precisamente, plenamente históricos. (TROUILLOT, 2016, p.55-56)

A **língua**, por vezes, é vista como produto de um progresso civil engessado e inquestionável. Argumentar e dançar com a **língua** é identificar as identidades, as subjetividades e as alteridades que têm como base a “epistemologia da aparência e realidade” (BHABHA, 1998, p.73) em suas linguagens plurais, em seus resgates e curas ancestrais de sabedorias científicas que nunca pararam de girar perante os progressos sociais, culturais, políticos e literários.

Escrever sobre quem se é, é afastar-se da ausência de si mesmo,

é uma necessidade vital da nossa existência [...] [que] cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível (LORDE, 2019, p.47).

Dessa forma, entender que entre “aparência e realidade” existem brechas e nelas há absorções de ensinamentos plurais, é “entender a encruzilhada como potência de vida e abertura de caminhos é entender as intersecções como pontos de partida frutíferos para a compreensão e produção de conhecimento.” (VILELA, 2022, p.31).

Também é entender que “entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da ‘mulher<sup>13</sup> do Terceiro Mundo’” (SPIVAK, 2010, p.157). E são desses encontros e suas amplas possibilidades que falarei sobre a *escrivivência* enquanto característica estética na poética do *rap*.

Na cultura contemporânea o *rap* é tido como lugar de expressões políticas, sociais e de vivência do(a)(u) MC e do(a)(u) DJ. Para a população negra e periférica essa agência cultural permitiu – por meio do ritmo e da poesia – verbalizar e expressar o que antes era gritado pelo samba – por exemplo – mas que ainda encontrava frestas do abismo da invisibilidade. Aponto o samba pela sua diversidade lírica e seus ritmos de base, e o processo de assimilação na construção de uma “identidade nacional”, utilizando-se deste gênero na tentativa de apagamento das raízes e das asas do mesmo enquanto um fenômeno cultural diaspórico.

Quando o poeta escolhe por escrever sobre aquilo que absorve do ser e viver sendo um corpo político, ele opta lutar por outros vieses. Seu corpo é o acúmulo de traumas deixados em seu DNA, historicidade de lutas seculares e memória temporal daquilo que (sobre)vive. Optar

---

<sup>13</sup> Falo de tal figura compreendendo-a, apenas, enquanto órgão sexual (vagina), mas fora da binaridade do mundo, permite a compreensão de forma não limitada e crítica.

por abrir caminhos para falar sobre suas dores, seus prazeres, sonhos e amores é ter coragem de escrever as possibilidades de usar o caos para criar, o que desvela histórias vistas, ouvidas, sentidas e almejadas. Essas são possibilidades discursivas nas quais ser não versa a métrica do estigma, da falta e da violência, visando-se, assim, possibilidades cujo alcance não se limita ao imediato.

Usar do conhecimento identitário como ação de expor direito de voz que ao mesmo tempo critica os saberes localizados no eurocentrismo, demonstra conhecimento teórico fora da bolha social baseada no branqueamento cultural. Ter o direito de se mostrar existente em uma política de Estado que invisibiliza os corpos tidos à margem, questiona e expõe às estruturas dominantes e acrescenta conhecimentos de vivência [como viver nesse(s) meio(s)? !] por outros vieses, expandindo os saberes e as intelectualidades orgânicas a se mostrar/manter vivo dentro de uma cultura que quer os oprimidos apenas como sobreviventes.

As encruzilhadas presentes na performatividade dxs MCs, além de válvula de escape e maneira de continuar fortificando esperança em não sucumbir, são uma das maneiras de combater o silenciamento que leva corpos memória ao adoecimento. Passar para a escrita aquilo que elxs vivem é um dos caminhos para a cura dxs que lutam por reconhecimento e direito de ser consideradx sujeito(s) e não só objeto. “Tudo se modifica/ Dependendo da escrita/ O que muda é a vírgula dando sentidos novos/ [...] tô nessa linha fazendo o que eu posso/ Escrevendo o que eu quero e dando sentidos novos” (SABINO, 2020).<sup>14</sup>

Corpos memória negrxs e periféricxs no *rap* falam sobre o cotidiano e a temporalidade no qual elxs vivem e sobre a realidade advinda da posição que a sociedade xs colocou. Sem direito de escolha, sem querer ouvir as consequências e os sonhos/desejos delxs. Essas mesmas corpos produzem obras de arte literárias e culturais que encontraram na *escrevivência* um caminho para agenciar as brechas impostas pela sociedade, utilizando das verdades que sufocam seus desenvolvimentos para quebrar o silêncio que é imposto em suas vidas.

A corpa memória no *rap* escreve sobre: gênero e as brechas presentes dentro do movimento feminista – que costuma perpetuar o silenciamento imposto pelo branqueamento cultural –, a sua relação com a cidade e sua colocação como base da pirâmide social, seu corpo político e marcado pela solidão embasada na raça, a maternidade e a pressão social para compactuar com os ideais católicos presentes no corpo com vagina, entre inúmeros outros exemplos.

---

<sup>14</sup> Ver em: [Avisa](#) Acesso em: 17/06/2022

Escrevem de acordo as inúmeras realidades que xs cercam e impedem de viver em plenitude, e sobre suas formas de (re)encontrar o amor, seja o próprio ou transbordando com o outro, o que performa outros caminhos nas escolhas em busca de proporcionar equidade para questões que envolvem a literatura, mas que ultrapassam os estudos literários por atravessarem diretamente a estrutura sociopolítica cultural brasileira.

Apesar de propor uma compreensão dos efeitos da colonização deixado nos corpos memória, a poética dxs *rappers* ainda expõe o sofrimento das ações desses efeitos. Mesmo inseridxs dentro do movimento *hip hop*, que envolve construções estéticas visando a (r)evolução dos povos à margem e/ou do movimento feminista – muitas vezes por opção de sobrevivência e não só de escolha – as corpos memória encontram barreiras para quebrar seus silêncios.

Tamara Franklin, MC de Belo Horizonte-MG, em entrevista para a Red Bull<sup>15</sup> falou sobre a dificuldade de se manter produzindo arte, “Eu acredito na arte como uma maneira de refletir os tempos e questionar o que sabemos que tá errado, o que sabemos que é injusto e o que sabemos que é opressão”, pondera (FRANKLIN, 2022).

Se continuarmos fazendo rap sem a cosmovisão da cultura hip-hop, nos afastaremos cada vez mais do respeito, da luta contra as opressões, do real sentido de tudo que envolve evolução pessoal, mas muito mais que isso, da evolução enquanto comunidade. (FRANKLIN, 2022)

O fundamento do movimento *hip hop*, repassado pelo elemento conhecimento, diz respeito a um modo de ação ou intersecção social que tem como base, e foco, o rearranjo social onde não se cabe espaço para conciliação, mas que propõe formas de reparar esteticamente as perdas materiais e simbólicas das sabedorias não tradicionais. Ao conectar as poéticas de *escrivência* com os sistemas de opressão, compreendemos o poder identitário e não apenas subjetivo das produções afrodiaspóricas, indígenas e periféricas.

Uma vez que foi ganhando prestígio cultural, brancos burgueses se sentiram no direito de se apropriar dos fundamentos da cultura *hip hop* sem compreender seu valor político/social e cultural desde sua criação e sua chegada no brasil, usando do pretoguês (GONZALEZ, 1984) e de outras linguísticas ancestrais que eles mal conhecem e de uma cultura que não os pertence.

Meu rap não vai ser trilha sonora pros boy  
Vai ser revolução pra quem não tem voz  
Aqui os milhão não corrompe o objetivo é um só  
Vê favelado assinando diploma e não B.O.  
(Nós por Nós - A286, FACÇÃO CENTRAL)<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Ver em: [Mulheres no Rap](#) Acesso em: 20/05/2022

<sup>16</sup> Ver em: [Nós por Nós](#) Acesso em: 17/06/2022

A ideia igualitária que é perpetuada pelo projeto de aparências na democracia racial naturaliza as diversas apropriações culturais, esvaziando-as simbolicamente por meio do discurso que tal ato visa ampliar a cultura, mas o efeito gerado mostra o contrário. O mito da democracia racial<sup>17</sup> cria o pensamento que é possível colonizadores e colonizados partilharem os mesmos espaços através da igualdade social. E

minha insistência em localizar o sujeito pós-colonial dentro do jogo da instância subalterna da escrita é uma tentativa de desenvolver o comentário [...] de que **a história do sujeito descentrado e seu deslocamento da metafísica européia é concomitante com a emergência da problemática da diferença cultural dentro da etnologia.** (BHABHA, 1998, p.96, *grifos meus*)

Nesse sentido, essa pesquisa visa não só discorrer sobre a poética de *escrevivência* de corpos memória no/do *rap* como citação e referência teórica, mas promover desenvolvimento teórico capaz de mandar diretamente com os estudos contemporâneos da literatura e da cultura, ao transbordar sobre a geopolítica pelo preenchimento dos vazios – acerca das coexistências no entre mundos de corpos que se entendem enquanto sujeitos e se confundem os locais predefinidos de subserviência social, perdurados na sociedade – ressignificados em poesia e ritmo.

Pelo lugar que estou inserida, graduando o bacharel em estudos literários na temporalidade que me encontro, sendo negra, mulher, pobre, intelectual orgânica e pesquisadora, proponho analisar tais poéticas pela crítica interseccional, buscando compreender as subjetividades que formam xs sujeitos poetas que expõem em seus versos multidiversidade e contribuindo com a compreensão da pluralidade que abarca corpos memória. Escolho, dessa forma, “[...] [a] responsabilidade [de] assumir a emergência e a credibilização de outros saberes, diretamente comprometidos, agora, com o reposicionamento histórico daqueles que o praticam.” (RUFINO, 2019, p.12)

### **2.3 Sem separar mente de coração: a *Escrevivência* dos intelectuais de encantamento**

Há décadas as poéticas periféricas de *escrevivência* se encontram em contrapartida na movimentação dos espaços científicos de desenvolvimento dos saberes. Produções científicas, líricas, dramáticas, críticas, satíricas, que demonstram escárnio, destrezas linguísticas e ao mesmo tempo reivindicam lugar no mundo ao denunciar as injustiças sociais que presenciam

---

<sup>17</sup> Democracia racial prevê a igualdade entre as pessoas independente da raça, cor e etnia e também diz respeito a igualdade de direitos, igualdade social e direito de liberdade. Tal fato é uma narrativa fantasiosa que perpetua exclusões, preconceitos e injustiças sociais, além de afetar diretamente o desenvolvimento das culturas dos povos que foram colonizados.

pelos olhares, ou sentindo na carne. Produções que são denúncias de doenças seculares, de negligência social e invisibilidade científica ancestral.

No caso do *rap*, a produção poética demanda novas abordagens críticas, com métodos que abrem o panorama de compreensão para a crítica interseccional que rodeia as obras literárias e culturais, considerando-se interpretações literárias que incluem a pluralidade de linguagens presentes nessas obras e como a performance agrega ainda mais essas poesias. A leitura do espaço específico e a temporalidade presente na criação da obra também são fatores que importam para a compreensão do que tiver sendo sujeito de discussão.

Colocar raça, classe e gênero no âmbito dessa discussão, diz respeito ao olhar sobre a “teoria [...] [onde] o nosso desafio em sua produção jaz a esperança da nossa libertação; em sua produção jaz a possibilidade de darmos nome a toda a nossa dor – de fazer nossa dor ir embora”(hooks, 2013 , p.104). Tal teoria é ensinada na prática, nas casas, nas ruas. É prática de sobrevivência de uns e não é escolha de muitos. Proceder repassado pelas palavras que enchem os ouvidos quando os mais velhos nos ensinam a mandinga para que consigamos (sobre)viver e quando ouvimos, por exemplo, Racionais MCs recitando os versos de A Vida é Desafio:

O pensamento é a força criadora, irmão/ O amanhã é ilusório/ Porque ainda não existe/  
O hoje é real/ É a realidade que você pode interferir/ As oportunidades de mudança/  
Tá no presente/ Não espere o futuro mudar sua vida/ Porque o futuro será a  
consequência do presente/ Parasita hoje/ Um coitado amanhã/ Corrida hoje/ Vitória  
amanhã/ Nunca esqueça disso, irmão/ Acreditar e sonhar/ E sonhar. (RACIONAIS  
MCS, 2002)<sup>18</sup>

Angela Davis diz que “é preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida.”<sup>19</sup> Falar sobre as formas de opressão que ditam a união das identidades diaspóricas é um descarrego sobre os modos que as opressões em intersecção são organizadas para silenciar vozes insurgentes.

Desse modo, a *escrivivência* marcada com a interseccionalidade abre o panorama para múltiplos temas que dizem respeito às identidades performáticas de estéticas periféricas que não são fixas. Olhar para as identidades compreendendo-as enquanto encruzilhada, faz com que seja possível falar sobre “uma intelectualidade encarnada - que pensa emocionalmente e sente racionalmente” (VILELA, 2022, p.25). Assim, é possível discorrer sobre os “acúmulo[s] de reflexões que ginga[m] com os conceitos não para simplificar o complexo da vida real, mas para costurar ideias a partir do que é experienciado” (VILELA, 2022, p.25).

<sup>18</sup> Ver em: [A Vida é Desafio](#) Acesso em: 17/06/2022

<sup>19</sup> Ver em: [As mulheres negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis](#) Acesso em: 17/06/2022

Xs MCs que escrevem suas corpos memória no *rap* reivindicam e promovem ações estando em um lugar social no qual foram subjugadxs como ignorantes de possuir pensamento crítico, esquecendo-se que a rua também é a nossa escola. Através do proceder que embasa o fundamento de suas poéticas, elxs escrevem sobre a mandinga que suas vivências travam com a sociedade para se manterem vivxs, fazendo com que suas poéticas movimentem o verbo ao transbordar seus (re)encontros com a sabedoria que transita em seus corpos e ultrapassam suas escritas.

A busca pela natureza da história levou-nos a negar a ambiguidade e a promover ou uma demarcação precisa, válida para todas as épocas, da linha divisória entre processo histórico e conhecimento histórico, ou uma fusão de processo histórico e narrativa histórica, igualmente válida para todas as épocas. (TROUILLOT, 2016, p. 56)

Desvelar as *escrevivências* em produções de saberes, contesta e muda os olhares para critérios epistemológicos coloniais. Associar subjetividades e alteridades às corpos memória em um processo de transmutação entre identidades e partindo da auto definição, visa reescrever as imagens de controle, submissão e ignorância, circundadas nos nossos corpos, elaborando, assim, uma estética capaz de estimular e repassar as mudanças constantes das nossas visões de mundo e a potência educativa e de inspiração do que é beber e vivenciar mundos diversos.

Ao voltarmos-nos para a compreensão do valor da nossa existência e do sentimento de comunidade e pertencimento que espiralam nossas vivências, centramos em nossas produções às (r)evoluções do desejo coletivo em rasurar a identificação coletiva linear, diversificando os estudos sobre subjetividades e alteridades, além das engessadas ideias das identidades colocadas à margem.

Regressar à história ancestral reconfigura, estrategicamente, as identidades que estão recuperando tradições intelectuais que desafiam o discurso intelectual e seus termos de conceituação. Exaltar as formas não tradicionais de produzir intelectualmente tira a venda dos olhos para a encruzilhada de conhecimento e experiência, de ciência e escrever sua existência, mostrando pela ressignificação da **língua** a introdução da interseccionalidade escrevvida em poesias.

Dar voz e ouvir o que corpos subjugados têm a falar é compreender esse corpo político como significante e possuidor de identidade, personalidade, subjetividade, memória, ancestralidade, sonhos, anseios. Entender que nossos saberes podem e devem ser fortificados para a sobrevivência no mundo dos brancos, nos coloca em frente à escolha de poder partilhar nossos saberes ancestrais embebidos em cor, em axé, em natureza, na terra mãe daqueles que desrespeitam quem alimentou/alimenta essa pátria amada.

Reorganizar a cena nacional literária e cultural, e visualizar essa potência, é sentir as dores causadas por um território que não nos é gentil e, ao mesmo tempo, sentir as amarras saírem dos nossos corpos. Tal ato performático, e político, vai contra o lugar social imposto para nossas corpos.

Essa terra tem sangue dos ancestrais  
 Estado de alerta  
 Fique viva, se prepare  
 São dias e noites de amor e guerra  
 Fique viva, fique viva!  
 A linha de Fronteira se rompeu  
 (Brisa Flow, 2018)<sup>20</sup>

Ao dialogar sobre a ação da decolonização nas nossas vidas e vivências por meio de produções literárias e culturais, buscando-se compreender a responsabilidade política das nossas produções e que corpos brancos são educados a perpetuar os efeitos do colonialismo em suas racializações; entendemos o fato de se apropriarem culturalmente de nossas sabedorias ou de optarem silenciar nossas vozes.

Letrar nossos sentimentos é desnudar os silêncios que sufocam nossos sonhos de florescerem na contribuição direta para as rasuras dos sistemas sociais de opressão. Aqueles que mandingam para poder respirar, repassam em suas estéticas o ritmo que mora em seus corpos o impulsionando para o caminho do viver. Esvaziar nossas dialéticas discursivas ou comercializar tais ideias, lineariza os ideais coloniais de supremacia branca e ignora as subjetividades étnicas onde agenciamos os usos da linguagem para continuarmos todes vivos.

Conceição Evaristo (2009) contempla minha reflexão sobre a escrita autobiográfica com o desenvolvimento do pensamento de que

no ato criativo de ‘imitação da vida’, no movimento de discordância e/ou de concordância com a existência que lhe é consentida, ou com aquela que a sua percepção lhe permite alcançar, o sujeito autoral acaba por colocar no texto sinais reveladores da constituição de uma sociedade em determinado momento histórico. (EVARISTO, 2009, pg.19)

Me colocar enquanto pesquisadora e pesquisada pela, e através da, *escrevivência* me faz expurgar desenvolvimentos críticos, sentimentos, sensações, visões, vozes que diminuem nossas identidades, decolonizando (buscando contribuir para tal ato) nossos corpos das amarras coloniais que subjugarão nossas subjetividades, sonhos, ancestralidades, através da compreensão de que se pode e deve ampliar as formas de estudar os letramentos plurais, desvelando-se os silêncios presentes em suas brechas de assimilação e reprodução. Pois,

---

<sup>20</sup> Ver em: [Fique Viva](#) Acesso em: 17/06/2022

“embora a noção de ‘o que se recusa a dizer’ possa parecer descuidada, em se tratando de um trabalho literário, algo como uma recusa ideológica coletiva pode ser diagnosticada pela prática legal sistematizada do imperialismo” (SPIVAK, 2010, p.82).

Se curar do sistema de pensamentos hegemônicos é se libertar de processos históricos e culturais ao contestar estruturalismos culturais perpetuados pela sociedade. O expurgo que antecede o equilíbrio no processo de cura é duro tanto para os corpos que ainda sentem a colonização, quanto para aqueles que perpetuam a colonização.

Abrir os olhos para a poética periférica questiona diretamente a ideia colonial de progresso dos movimentos literários. A poética de *escrevivência* dxs MCs ao mesmo tempo que são biográficas, dialogam com a comunidade na qual elxs são/estão inseridxs e expõe subjetividades e alteridades que formam suas identidades, mostrando as singularidades interligadas aos desejos de liberdades que são sentidos por um coletivo. Logo, interferindo para além dos estudos literários e culturais ao buscar atingir as potências sociais, ao reescrever, performar, expurgar silêncios e amarras invisíveis que paralisam seus corpos, por meio de produções práticas de conceitos que contém suas subjetividades psicossociais historicadas e tornadas enquanto “real”.

Esse ato não conquista êxito total enquanto os olhos permanecem fechados para o diálogo direto com o jogo social, cultural, político e econômico dentro dessa poética contemporânea que questiona os traços deixados nas subjetividades do tornar-se sujeitx. Categorizar as corpos memória de formas estereotipadas perpetua o silenciamento das identidades dentro de cada corpo que sente as marcas geracionais da retroalimentação do colonialismo.

Ignorar a existência dessas corpos que são corpo político, seres humanos, é desumanizar e questionar para quem é destinado o direito à existência. Em contrapartida a poética dxs MCs adentra os estudos literários e culturais contemporâneos através da *escrevivência* caracterizada como periférica ou marginal, colocada no interior da literatura brasileira. Anteriormente tal posição imposta para as produções advindas do espaço *entre* as sociedades era repassada na literatura brasileira pelos olhares eugênicos e racistas, de escritores que tiravam a humanidade, consciência, sabedoria, subjetividade e identidade dos corpos que, também, vivem nesse espaço.

Cruzar espaços de vazios entre os mundos faz com que nossos corpos absorvam pluralidades, portanto, dessa forma, as experiências após digeridas inventam artifícios para transitar nos espaços de brechas que silenciam e que não silenciam as memórias revisitadas por nossos corpos. Reescrever as narrativas vividas é desvelar “a figura da alteridade colonial”

(BHABHA, 1998, pg.76) e mostra os efeitos dos espaços vagos causados na criação das identidades e subjetividades na corpa memória dos sujeitos não brancos.

(sobre)Viver entre dois mundos, o eurocêntrico e o do Outro, é aprender desde pequeno os traquejos sociais adequados para estar dentro de uma sociedade e adentrar espaços familiares onde os ensinamentos dessa mesma sociedade possui olhares diferentes – olhares relativos à sobrevivência dentro dos espaços que negam nossos corpos.

Adentrar tais poéticas nuas e cruas, diz respeito a adentrar histórias e anseios de vivências que se encontram no vazio do *entre* de um avanço perpassado antes e após a crença do mito da democracia racial. É importante, além de dar espaço para a compreensão das nossas dores, compreender a importância de falarmos dos nossos prazeres.

O prazer de viver abre portas para libertar nossos corpos para ressignificações de lealdade, amores, admirações, traumas, ansiedades. Expor esse lado que nos é negado, quebra perspectivas colonizadoras que nos desumanizam aos olhos daqueles que nos subjagam, e nos liberta dos inúmeros ciclos de autodestruição. Encruzilhar esses dois extremos, da morte pelo **silêncio** e da cura pela **fala** (verbal ou não), reformula as visões da (r)evolução estética e identitária presente dentro e fora dos estudos contemporâneos dos movimentos literários e culturais, o que atinge os movimentos sociais, políticos e econômicos.

Visualizar a pluralidade cultural apenas como unidade demonstra a ignorância latente no que diz respeito ao racismo e sua funcionalidade. Taxar atos de *escrivivência* como extremismo ou vitimismo é invisibilizar feridas abertas de uma democracia racial e social que é inexistente. Desumanizar corpos vivos que não seguem o ritmo ditado para a margem é fechar os olhos para a historicidade que percorre esses corpos que conduzem axé, vivências, concepções de mundo e versatilidade linguística adquirida do letramento ditado nas ruas e que são impulsionados pela sobrevivência dentro de um território que demonstra a todos os segundos que esse lugar ainda é do colonizador e que eles não estão preparados para que seja nosso.

As tensões geradas pelo questionamento da pluralidade cultural e suas versatilidades, atingem os efeitos das linguagens que moram na representação social dxs MCs negrxs e periféricxs em suas produções. As máscaras psicossociais e científicas que bloqueiam suas identidades carregam segredos que causam medo, “segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo” (KILOMBA, 2017).

Revelar esses segredos é cruzar os limites de ações manipulatórias autorizadas para a propagação da imagem de identificação das corpas memória, mas demonstra a fortificação do conhecimento da responsabilidade política de quem visa viver sem as máscaras do colonialismo em um rosto que sabe bem quem é alvo e quem mesmo com algumas máscaras não é.

Regressar ao passado para compreender e reescrever os traumas, histórias, vivências temporais e atemporais, não é um ato indolor, pelo contrário. Relembrar e desvelar os silêncios da culpa que as corpxs memória acumulam, descobre o véu de questionamentos ao pertencimento das crenças ancestrais nos nossos desenvolvimentos intelectuais. Também mostra que os espaços de ensino, como a academia letrada, continuam negando a presença dos nossos corpos, sabedorias e ciências, subjugando nosso fazer literário e cultural.

Afirmar a identidade racial pela corpa que carrega memória utilizando dos rituais de (re)aproximação da ancestralidade perdida pelos moldes coloniais, faz com que xs MCs ao performar suas poéticas, entrem em contato com seus corpos e historicidades se aproximando dos ideais fundadores das identidades os quais suas subjetividades se ancoram, o que leva suas corpas políticas ao lugar de curar dores ancestrais e geracionais pautadas no afastamento e negação das identidades não brancas e no auto ódio ao próprio corpo.

Querer atingir o mundo – a sociedade brasileira em seus avanços literários e culturais, a política e a economia – ao falar sobre identificação sem falar sobre identidade em movimento, nega as subjetividades raciais que vão contra à margem, pois nossas produções atravessam os espaços impostos para nossa circularização na busca limitar nossas vidas de romper as linhas de fronteiras.

Uma vez que essa escolha é feita – de não negar nossa episteme e de questionar a narrativa basilar da colonialidade – a encruzilhada se apresenta como caminho de contrapartida para rasurar os pensamentos colonizadores que nos levam ao auto ódio, auto sabotagens e baixa estima intelectual.

Buscar se soltar de tais amarras que antes eram literais e atualmente são invisíveis mas minam nossas mentes através da culpa de não aceitar abraçar o sofrimento como modo de vida, é se libertar de crenças limitantes que nos educaram a não nos dar o devido valor social, científico, intelectual e material. E, “[neste] ato da encantaria está o sopro de vida, o dribble na necropolítica, o mergulho na existência [...] [assumindo] que não é possível saber de tudo, e o que não se explica é tão importante quanto o que se explica.” (VILELA, 2022, p.26)

Nesse sentido, utilizar da poética de *escrevivência* como método de agência para os descarregos psicossociais faz com que a literatura ao atingir o mundo, seja capaz de produzir outros significados pelas reproduções e afirmações dos signos linguísticos ressignificados pela vivência espiralar de corpos que nunca pararam de se movimentar e que carregam a memória ancestral em seus ritos de continuidade à identidade, entre inúmeras subjetividades e formações de alteridades.

A circularização dessas produções frustra o desejo fetichista dos estereótipos racistas, fazendo parecer rasas as pluralidades discursivas que estabelecem fontes de memória de uma história que não é desconhecida, mas é tida como desaparecida. Os olhares que não copiam o progresso temporal e a história a qual não se sentem pertencentes, inovam suas produções com os registros que interferem nos estudos sociais da margem na transmutação e no aproveitamento da vivência no tempo presente na produção e documentação histórica presente nas suas poéticas narrativas.

Ignorar o hibridismo na linguagem apaga a “história das poéticas da diáspora pós-colonial, que a consciência simbólica jamais poderia apreender.” (BHABHA, 1998, pg.88) Aprender a dançar nessas poéticas é escolher não reproduzir alienações e violências científicas que tentam colocar como definitivas narrativas de percepções desumanas dos corpos que questionam as formas de representações das identidades subjugadas à margem.

Compreendendo a pluralidade presente na escrita dxs MCs e que suas subjetividades – o que os diferem dentro da compreensão de que são sujeitxs – são interligadas pelo desejo de liberdade que é sentido no coletivo, escolho enquanto sujeitas de interpretação crítica de análise as ressignificações semânticas das palavras: **silêncio, língua, amor, verdade e nós**, através da *escrevivência* dx MCs corpos memória do *rap* brasileiro e do livro Abebé.

Minha escolha se dá com diferenças: estéticas de lírica e flow, de orientação sexual, geracionais, raciais, territoriais, religiosas e linguísticas, buscando respeitar as subjetividades as quais xs MCs exalam e eu absorvo, e indo contra os ideais eugenistas que singularizam os desenvolvimentos e sabedorias que perpassam corpos plurais, almejando-se expurgar os efeitos coloniais e mudar a semiótica dos corpos não brancos pelo interior do estudo das nossas linguagens.

As representações concretas em produções explícitas das ressignificações dos conceitos coloniais a partir da sabedoria discursiva nos espaços de estudo da linguagem, foram/são produzidas sem precisar da validação das academias letradas – espaços científicos criados para linearizar os desenvolvimentos científicos culturais a favor dos contratos sociais que ainda compactuam para ignorarmos-nos enquanto sujeitos –. Questionar a *identificação* em um estudo epistemológico das linguagens plurais faz parte do movimento do Outro que não mais representa uma ideia mental estigmatizada para saciar uma sociedade coagida a se ver como igual. Nós não somos e nunca seremos iguais.

### 3 ANÁLISE

Para uma melhor apreensão do conceito de Escrevivência, como aparato teórico, para melhor pensarmos o termo, trago um imaginário mítico da cosmogonia africana para contrapor à narrativa de Narciso, aplicada ao entendimento da escrita de si como uma escrita narcísica. Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos. (EVARISTO, 2020, p.38-39)

O caminho que a análise pretende desenvolver, se dá em um levantamento teórico afetivo da epistemologia presente na poética dx MCs lidos enquanto sujeitxs na pesquisa, e que se encontram nas brechas identitárias intelectuais em diálogo com a produção do livro *Abebé* e da base educacional de letramento educacional da pesquisadora que escreveu o livro e discorre seus compreendimentos literários pela poética de *escrevivência*.

Assim, desmistificando os estereótipos que subjagam pessoas negrxs e periféricxs – lidas aqui como corpas memória – que reivindicam o (re)conhecimento de suas subjetividades por meio da *escrevivência*, oralidade, Literatura Periférica, Literatura Negro-Brasileira e do movimento *hip hop*.

A *escrevivência* é resultado estético que molda as formas poéticas nas produções que serão sentidas no corpo em sua pluralidade lírica, satírica, dramática, científica e extensa, além das normas que definem o ritmo, métrica e os métodos de rima. Aqui será falado sobre identidades que exploram a pluralidade do que é ser e escrever o corpo memória marcado pela temporalidade decolonial brasileira, ao demarcar seus fundamentos epistemológicos na compreensão da alteridade e de subjetividades complexas de ser um sujeitx brasileiro.

Michel-Rolph Trouillot (2016), no livro “Silenciando o passado: poder e produção da história”, fala sobre a história vista como processo social dos seres humanos compreendendo as pessoas em três posições distintas: “1) como agentes ou ocupantes de posições estruturais; 2) como atores, em constante contato com o contexto; e 3) como sujeitos, ou seja, como vozes conscientes de sua vocalidade” (TROUILLOT, 2016. p.53).

A terceira posição descrita pelo pesquisador diz bem do lugar o qual as corpos memória buscarão ser retratados aqui, pois entendo que o movimento de pertencer à espiral faz com que as interpretações de suas produções sejam diversas e por muito vezes são complexas, tamanhas histórias encruzilhadas nas narrativas. E são desses locais das brechas, das entrelinhas narrativas, que pretendo instigar.

A escolha de *escrevivências* dxs MCs leva em consideração a versatilidade sobre a ação de passar para a escrita a compreensão cindida do que é se olhar e se denominar como sujeitx. Assim, contribuindo com a ressignificação poética da **língua** enquanto signo plural de demarcação de território de corpos não brancos. Busco, também, compreender o efeito da temporalidade e dos eventos políticos e socioculturais que atravessam tais produções.

Em outras palavras, as pessoas nem sempre são sujeitos constantemente confrontando a história, como alguns acadêmicos gostariam, mas o atributo a partir do qual elas agem para se tornarem sujeitos é sempre parte da condição que as define. Esse atributo subjetivo acarreta bastante confusão, pois torna os seres humanos duplamente históricos ou, mais precisamente, plenamente históricos (TROUILLOT, 2016. p.55-56).

Pretendo apresentar MCs não brancos que possuem perfis estéticos e escritas diferentes para mostrar que a pluralidade em suas poéticas é embasada em seus reconhecimentos individuais e em seus desenvolvimentos psicossociais até o fazer poético. Logo, na gira dos cruzamentos, entrecerei a gestação até o nascimento de *Abebé*.

*Abebé* foi inspirado pelas vozes que se fizeram ferozes para (re)existirem na busca de viver no mundo que não foi feito para pessoas como nós, seja pela identidade, pelas subjetividades ou pela formação da alteridade da autora que mora dentro da pesquisadora desta pesquisa.

Parto da interpretação afetiva ao acolher o desejo da busca para se tornar sujeitx através da escrita – por mais simples que seja ser poético em cada palavra expurgada –. Após conhecer o silêncio absoluto, bebi de fontes que além de me fazer querer viver, e que me ensinaram a aceitar o poder de (se) escrever sentindo, nesse processo, sair amarras coloniais que não foram feitas para habitar meu corpo. Compreendendo que entre meus entendimentos de

pertencimento, tracei uma longa trajetória de questionamentos e ressignificações semânticas das palavras: **silêncio, língua, amor, verdade e nós**.

Entendo que existem um milhão de possibilidades para desaguar na semântica das linguagens expurgadas por meio, e graças, à *escrevivência*. Desejo falar sobre as palavras que são sentidas no corpo e das interpretações que interligam mente e coração na feitura de **se fazer vivo pela sua própria voz**.

O fato de ter focado minha formação acadêmica nos estudos literários, me fez entrar na graduação em letras com uma bagagem teórica diferente de grande parte dos meus colegas. As águas que venho são as que vem de baixo e quem mora nelas aprendem com a ligeireza de ter que se manter vivo num mundo cheio de brechas. Aprender as **línguas** dos diferentes mundos que habito abriram possibilidades para buscar contribuir com a forma a qual a reprodução da mesma se torna plural dentro de ensinamentos espirais de se produzir *escrevivência*, o que ressignifica os estudos da linguagem no contemporâneo.

A literatura, por possuir um caráter plural no âmago de seu signo, me dá a possibilidade de entrar nas espaço *entre* as abstrações criativas e desaguar sobre suas significações. Esculpir as palavras na busca de expurgar traumas, e ao mesmo tempo produzir (cons)ciência, é algo que pode ter significado para quem busca maneiras de ouvir a própria **voz**. Escrita é demarcação de território para aqueles que tiveram suas terras roubadas e precisam reafirmar nessa terra o mapa que é possuir epistemologias rasuradas.

Compreendo o fato da monografia tradicional ser escrita em terceira pessoa, mas proponho uma escrita de si, em primeira pessoa, que ao mesmo tempo fala em possibilidades do *ser* plural. Desejo marcar a ausência – a brecha, o questionamento simples e puro – dos limites entre as personas que se apresentam ao longo da pesquisa: Maria Luiza, estudante, pesquisadora, acadêmica e educada na escola d’outrem; e de Mallu Caetano, poetisa, cindida, formada pela lealdade à família. A encruzilhada, ponto de encontro, entre tais personas resultou na feitura de *Abebé* e na pesquisa que se discorre.

### **3.1 Residência “escrita dos dias” e o nascimento de Abebé**

Para falar sobre *Abebé*, livro autobiográfico produzido por Mallu Caetano, trago para o centro quatro parágrafos descritivos sobre o processo de feitura da residência “Escrita dos dias” e as mulheres que foram sujeitas no morar dentro de si para dar vida a obras literárias contemporâneas (agradeço a Carmen Marçal e Baba nas costas, a Clara Amorim e Canção para fazer o sol nascer, a Gabi Albuquerque e Farol de milha e a Nayara Leite e Búzio. obrigada por

todos os (des)encontros literários e na vida). Todos os parágrafos podem ser encontrados no site da residência<sup>21</sup>, junto com os quatro livros que fazem parte da coletânea onde *Abebe*<sup>22</sup> vive.

Escrita dos dias é um projeto de criação e partilha de escrita biográfica. As práticas de escrita envolvem escolhas, ritmos e desejos variados e através delas e da sua partilha é reafirmada a radicalidade da relação entre literatura e política. **Todos e qualquer um podem ter o que dizer e para isso é preciso desdobrar a língua e escutar nela a diferenciação, inscrever a variação de vozes, partilhá-la sem rasurar a multiplicidade irredutível.** Todavia, essa força da literatura torna-se invisível quando as condições de criação e partilha são reduzidas a privilégios e não afirmadas enquanto direitos. É, portanto, decisivo garantir o direito à literatura, e criar formas para que o seu exercício seja experimentado e partilhado de modo variado e inclusivo – este é o gesto com o qual o projeto Escrita dos dias quer colaborar.

A primeira edição deste projeto (2021-2022) foi destinada a jovens entre 18 e 25 anos da Região Metropolitana de Belo Horizonte. **A proposta foi praticar a escrita como criação – da subjetividade, das memórias, da própria língua –, apostando que a invenção e partilha de si são também maneiras de reconfiguração do comum.** As residências aconteceram entre junho e dezembro de 2021 e as participantes foram cinco mulheres: Carmen Marçal, Clara Amorim, Gabriela Albuquerque, Mallu Caetano e Nayara Leite. A escolha por essas residentes manifesta a intenção de reunir diferentes narrativas, trajetórias de vida e propostas estéticas. Cada uma produziu um livro, com edições impressa, digital e sonora distribuídas gratuitamente.

**A proposta não foi praticar o relato da sucessão dos dias da vida de alguém, e sim, experimentar a escrita biográfica como uma espécie de método no qual a língua e a escrita reinventam-se na sua relação com as variações infinitas das formas de vida.** Cada participante pode optar por narrar a sua biografia ou a biografia de alguém – em qualquer caso, o decisivo será pensar e praticar formas de escrita nas quais as relações entre escrita e vida implicam a reinvenção de ambas.

A residência teve duração de seis meses (15 de junho a 15 de dezembro de 2021), durante os quais cada residente foi acompanhada na criação de uma publicação biográfica. Durante os primeiros cinco meses, a residência foi dedicada à escrita e outras práticas artísticas; no último, todos residentes se dedicaram ao processo de edição sonora, criação gráfica e impressão das publicações criadas. As edições impressa, digital e sonora são distribuídas gratuitamente. Todo o processo<sup>23</sup> foi acompanhado por Dolores Orange<sup>24</sup> e Maria Carolina Fenati<sup>25</sup>, a edição sonora por Marcelo Castro, e a criação gráfica, arquivo digital e impressão por Clarice G Lacerda. A residência teve remuneração total de dois mil reais (valor bruto) por residente.

<sup>21</sup> Ver em: [Residência "Escrita dos dias"](#) Acesso em: 03/06/2022

<sup>22</sup> Ver em: [Abebe](#) Acesso em: 03/06/2022

<sup>23</sup> As biografias de Dolores Orange e Maria Carolina Fenati e dos demais integrantes da equipe pode ser encontrada em : <https://www.escritadosdias.com/equipe> Acesso: 03/06/2022

<sup>24</sup> Cursou Letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estudou literatura em língua inglesa, na MiddleSex University, em Londres. Em seguida, fez mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entre 2016 e 2020, ensinou língua portuguesa e literatura em uma escola privada da cidade, o Colégio Mangabeiras. Atualmente, atua como coordenadora da área de língua portuguesa na mesma instituição. Desde 2017, cursa artes plásticas na Escola Guignard (UEMG). Enquanto alia a arte à docência, se dedica a encontrar caminhos de expressão artística, em especial, na linguagem da fotografia e da pintura.

<sup>25</sup> É editora, pesquisadora e professora. Formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), estudou literatura portuguesa contemporânea em Lisboa durante o mestrado e o doutorado. Fundou a Chão da Feira em 2011, quando ainda vivia em Portugal, e já de volta a Belo Horizonte, continua a organizar a coleção Caderno de Leituras, a revista Gratuita e a publicação de livros junto a outras três mulheres que compõem a editora. É também professora de literatura.

### 3.1.1 Residentas

As informações sobre as participantes da residência estão presentes no ANEXO A desta pesquisa.

### 3.1.2 Mallu Caetano e seu Abebé

na escrita autobiográfica se constrói um espelho, que pode ser visto de relance ou de frente, com os olhos bem abertos. e o que se apresenta aqui é um rosto atento ao seu reflexo, olhos acesos como o pavio da vela, ainda que às vezes enevoados por lágrimas. uma **manifestação da coragem de não apenas cortar um pedaço da palavra encarnada, mas colocar no prato e dar de comer.** é a transmutação do corpo em verbo. um corpo que não busca esconder de onde fala, e cultiva suas raízes expostas para conseguir florescer. (SATTO, 2022, p.13-14, grifos meus)

Batizada com o nome Maria Luiza Caetano Pereira por uma mãe católica, Mallu Caetano é filha das montanhas, do sereno do outono, cria da Região dos Inconfidentes. Natural de Itabirito/Minas Gerais, ela se deparou sendo a Mallu e tantas outras identidades entre as cidades de Itabirito, Ouro Preto, Mariana e Belo Horizonte.

Transitando entre brechas de mundos opostos onde a retroalimentação é explícita pelo passado cultural e as heranças focadas, ainda, em mitos que excluem humanidades, ela se encontra em movimento sendo, no momento, pesquisadora do movimento *hip hop* e da Literatura Negro-Brasileira e da Literatura Periférica, poetisa e escritora contemporânea anticolonial, corpo memória de traumas geracionais e atuais, introvertida e observadora de um mundo plural, abia de um Ilê de candomblé ketu, intelectual orgânica que cursa Letras Bacharelado em Estudos Literários na UFOP, filha de Joana D’arc Caetano, neta de Geralda Nonato e Ana Maria, tia de Ester, Théo, Érica, Helena e Ana Elis. Irmã de Pedro Henrique e Ana Carolina. Neurodivergente, ansiosa crônica e uma questionadora obsessiva.

Tentar encontrar lugares para existir sendo uma negra mulher neurodivergente, macumbeira e questionadora, dentro de um espaço que culturalmente perpetua as crenças católicas com assiduidade, o que demarca limites para a vivência dos corpos à margem, fez Mallu se apegar às letras de *rap* e ao movimento *hip hop*, além dos livros lidos na biblioteca da escola, ao encontrar nas letras e no proceder da **língua** o gosto por se fazer viva.

Mesmo nos momentos onde os recursos eram limitados ou quando ela questionava se as palavras que juntava na mente seriam consideradas poesia aos olhos de outrem. “Mamãe, criou

três filhos sozinha, ela me ensinou a ginga para permanecer tendo fé e esperança nos meus sonhos e na minha criatividade”, ela diz.

Completando sua fala ao dizer que “Partilho a encruzilhada das ciências que meu corpo memória absorveu sendo educado no mundo cindido e diverso, num mundo onde fé é muito mais do que as palavras axé e amém, onde arte é passar pras palavras a junção e compreensão do que é *Escrevivência*, onde ritualizar a vida é encontrar maneiras de exalar arte em estar vivo e não mais sobrevivendo.”

Das águas que bebeu, e bebe, ela faz parte do Coletivo Negro Braima Mané de Mariana/MG, é pesquisadora do GELCI (Grupo de Pesquisa sobre Linguagens, Culturas e Identidades) coordenado pela Dra. Profe. Kassandra Muniz e teve a oportunidade de ter sido bolsista de dois projetos interdisciplinares: “Serviço Social e relações étnico-raciais”, da Profe. Jussara Lopes e o projeto “Afirmar-se Para Permanecer e Reexistir na Universidade: Vozes Insurgentes de Mulheres Negras Brasileiras”, da Dra. Profe. Kassandra Muniz.

Ambos projetos fortaleceram suas bases intelectuais para aprofundar o fazer artístico, dentro ou fora da universidade, com a intersecção de raça, classe e gênero situados no tempo-espaço brasileiro com suas faltas, mentiras, exclusões e com a movimentação dos saberes tradicionais embasados no ancestral, e na compreensão de maneiras de permanecer vivo dentro de políticas e culturas que querem corpos não brancos mortos ou desumanizados.

No livro *Abebé* produzido na residência e lançado em maio de 2022, ela escreveu sua história em forma de prosa e/ou poesia, ritualizando seus traumas escritos e expurgados com ajuda de: profissionais da saúde mental, da raça, do fato de possuir uma vagina no meio das pernas, de uma mãe com uma fé calorosa, dos seus sobrinhos e a forma de ler o mundo sem pré-conceitos, dos guias espirituais, de Exu e Oxum, da literatura, do *rap*, da arte e da crença de que seu corpo memória possui arte em cada retrato que faz com os olhos e reproduz em poemas, colagens, produções e ações.

a mudinha que peguei na rua e plantei na água criou raiz e deu cria. aquela, que eu tanto queria. te contei que vi ela no jardim? na frente do cobb também, mas a gente tava virado e cansado demais pra eu abaixar e tentar lalar uma muda. mas seria lalar mesmo? tipo, tá na rua, na frente de um bagulho público, igual no jardim, mas no jardim tem câmera em todo canto. pelo menos agora tem. finais. associar a mariana que cheguei com a que vou embora logo menos. lembrar do jardim, de todas histórias vividas ali, no espaço tempo territorial que abriga tantas passagens e histórias. tantas encruzilhadas. entre bh e mariana vivem sonhos, memórias, corpos que partilham memórias além da estranha relação com a neblina que toca o chão. corpo território. corpo é território? quantos mapas há no mundo? se corpo é território, então o meu tá desenhado em algum mapa? mas a gente tá na era da tecnologia, né? não aquela prometida, em que carros iriam flutuar lá, lá, lá. lembro de ler a meliny, que era do meio da terra, ter falado algo sobre isso, corpo, mapa, território,

terra, aterrar, enterrar, findar. em alguma memória inscrita pelo corpo de abebé falo que encruzilhada é ponto de encontro pra melhor processar algo que já foi vivido, algo do tipo. chegar ao fim. como chegar se você ainda não sabe como começar? chegar aonde? o que tem lá? que te espera? como entender que você vai chegar e que esse movimento não há de parar? e você nem quer que ele pare. me lembro daquele momento que você puxa, puxa o ar depois de um pique de corrida, escalando as pedras na mata. o ar que entra é diferente. lembro o despertar da meditação, lento, gradual, quando você demora uns cinco segundos pra voltar a se localizar no tempo espacial. aquela amizade com quem tu jurava que iria partilhar lembranças sem precisar gritar que é humana, e se frustrou. o domingo em que tava nosso núcleo familiar na casa de mãe assistindo todo mundo odeia o chris depois do almoço, igual na nossa infância, mas agora com cinco bichinhos atentos às cenas. aquele abraço demorado em que tu sente que ali mora o adeus. a prece que antecede o começo do dia. a falta da presença do choro, acompanhado do frio da barriga por voltar a transitar entre as cidades. a pandemia que ainda não acabou. a música que recebi antes de ser lançada. a compreensão que um momento não define sua vida. concluir. a decisão que antecede a mensagem de que os caminhos se separaram. aquela frase da tatiana nascimento “não cultuar sofrimento como modo de vida é declaração anticolonial de autoamor”. o último piscar de olhos antes de uma noite de sono sem acordar assustada. dançar no banho e cantar cada nota de fique viva da brisa flow. fazer as pazes com o desejo de seguir seu sonho. finalizar a escrita de um livro que pulsa vida, cicatriza feridas que abrem caminhos para outros finais. cheguei até aqui, delimitada por mais ou menos onze meses, uma escrita parida em nove, identidades pertencentes ao mesmo Ori por vinte e quatro anos. nasceu. ufa, isso que é respirar? (CAETANO, 2022, p.55-56-57). – outros finais.

Se isso é respirar não consigo responder concretamente a Mallu, mas apresento a vocês o que absorvi do encruzilhar as vivências que se apresentaram no caminhar entre brechas de um mundo cindido e plural, demarcando e demonstrando que o transformar-se em sujeito pela escrita é complexo, mas atravessa brechas de coisas que precisam ser faladas (nem tudo é óbvio e compreensível de cara). O diálogo pode se dar através do interrogar em espiral e não só do ponto final que lineariza os sujeitos nas escritas?

produzir a si mesmo, ainda mais tecido em verso,  
requer coragem, e talvez seja a coragem um dos  
motos de *Abebé*, é preciso firmeza para transbordar  
sensibilidade no enfrentamento e na invenção  
de ser, para se colocar em corpo-texto ritmado,  
escoando como encanto em fluxo denso,  
atender ao convite de ler e ser atravessada pelo  
texto da Mallu faz refletir o fazer literário, levar a  
escrita biográfica como ato de feitura de si nessa  
sorte de sala de espelhos em que quase tudo pode,  
fez começo de ato manifesto e contínuo, proceder  
com o que há de mais precioso na literatura:  
a capacidade de espertar humanidades.

#### E COMO NOTA SOBRE *Abebé*

ressoa que

toda poesia é um ato de amor...

ainda mais além, chama que

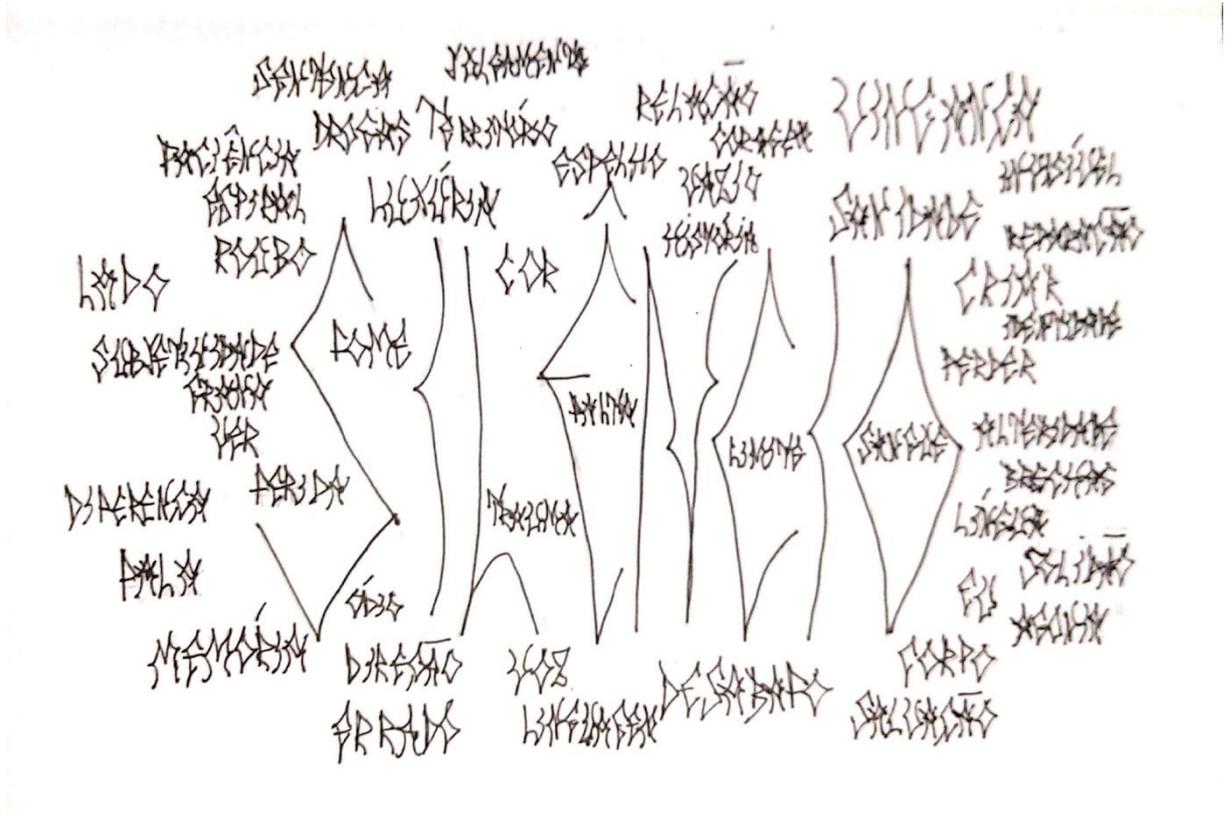
*Abebé* é um ato de amor cinza...

e como *Alalúia*, a partir daqui é possível se ver na  
amante que o cinza desnudou, celebremos.

com carinho,  
dadá



**3.1.3 “Faço o que com a sede de poesia? Faço o que com a fome de energia? Fiz minha própria alquimia [,] beba, beba, beba da minha poção.”**



## silêncio

substantivo masculino

1. estado de quem se cala ou se abstém de falar.
2. privação, voluntária ou não, de falar, de publicar, de escrever, de pronunciar qualquer palavra ou som, de manifestar os próprios pensamentos etc.  
"quando ele começou a falar todos fizeram s."

### Semelhantes

calmaria

discrição

mudez

paz

quietude

remanso

repouso



acho que ando ficando mais consciente do quanto tento fugir da minha mente, e tentando escrever sobre silêncio, acabei só me colocando neste lugar. hoje a dô me fez um questionamento digno de sessão de terapia, tô aqui tentando me entregar à escrita pra ver se consigo desvelar. ela me questionou sobre o silêncio, acho que falo tanto essa palavra que neste momento acredito em verdades absolutas. critico tanto essas duas palavras, chega a ser engraçado todas as vezes que elas vêm me atravessar. quatorze anos fazendo terapia, falo tanto de ressignificar que não percebi o quanto movimentei pra me curar, ou pra questionar, o poder dessa palavra em mim. silêncio. lembro de quando ficava sozinha em casa o dia todo e só ouvia os pássaros e o barulho de mais uma página virar. silêncio. quando meus olhos encontram os olhos

dos meus sobrinhos. silêncio. quando depois de escrever muitas páginas sinceras da monografia deito na cama e olho pro teto. silêncio. [...] (CAETANO, 2022, p.27)

Começo o capítulo focado na análise com os versos ressoados por Brisa Flow em *Dias e Noites de Amor e Guerra*<sup>26</sup>, o nome dessa música faz referência ao livro de Eduardo Galeano onde ele conta histórias sobre opressão e resistência na América Latina, ao relatar memórias de corpos em luta contra a intolerância. Brisa, em versos descrevendo os processos para procurar tirar da inquietação da mente as palavras que formam arte, conta a história de uma corpa em busca de (re)afirmar seu território.

Dizer que a escrita é território e associá-la ao silêncio, abre para discussão os atravessamentos transbordados dentro de um signo fixo, com predileção de desaguar sobre novas possibilidades de significados e significantes. Em *Fique Viva*<sup>27</sup>, x MC conta sobre o passo a passo para fugir das feridas que almejam seu silenciamento, o que faz com que ele aprenda a estudar mais sobre si e sobre a sociedade que tem o sangue dos seus nas mãos. Sua poética ainda referencia o poema “Câmara de ecos” de Waly Salomão: “[...] *Tive que aprender a me amar / Ficar de pé pra depois aprender a voar / Manter a fé / Fico viva mais um dia / Jogo as drogas na pia / Leio antropologia / Lavo meu corpo com sais / Essa terra tem sangue dos ancestrais / Estado de alerta / Fique Viva se prepare / São dias e noites de amor e guerra / Fique Viva, Fique Viva! / A linha de Fronteira se rompeu [...]*” (FLOW, 2018).

Na ciência dos cuidados fui treinado.  
Agora, entre meu ser e o ser alheio,  
A linha de fronteira se rompeu.  
- Waly Salomão, 1996<sup>28</sup>

O que diferencia Salomão de Brisa na exposição de seus ritos de passá para atravessar o silêncio? O que seria a ciência dos cuidados que o autor cita? Não procuro questionar necessariamente a Waly, mas buscar compreender as brechas “na ciência dos cuidados” de Brisa Flow. De que lugar a *escrivência* dx MC parte?

As discussões que giram em torno das formas as quais Brisa se auto representa, e se cura através da escrita, desaguardam as câmaras de ecos onde seus gritos silenciosos formaram ondas e se tornaram tsunamis. E foi ao se reconhecer nas palavras dx MC que seus versos atingiram o corpo de Mallu ao escrever os seguintes versos de **desprivilégio**: [...] *de onde vem aquela fé que ajuda a ficar viva? em quantas câmaras de ecos preciso gritar que não consigo ter perseverança para me manter de pé? cansa. cansa se sentir só, procurar rotas de fuga pra*

<sup>26</sup> Ver em: [Dias e Noites de Amor e Guerra](#) Acesso em: 17/06/2022

<sup>27</sup> Ver em: [Fique Viva](#) Acesso em: 17/06/2022

<sup>28</sup> SALOMÃO, W. *Algaravias; Câmara de ecos*. Editora 34, 1996.

*não vivenciar a fome. fome de alimento, fome de afeto, fome da sobrevivência. [...]* (CAETANO, 2022, p.43).

As diferenças que existem entre xs escritorxs dizem respeito a identidade xs quais cada um se sente pertencente e não vê problema em denominar. Tal ato faz parte da ação em dar nome ao que cerca nossos silêncios, pois as “ordens de representação e [...] regimes de visibilidade [habitantes n]o coração da política global contemporânea, [...] tem como um de seus principais fundamentos a indissociabilidade entre política e representação” (BORGES, 2019, p.11).

Essa ação faz com que subjetividades possam ser compartilhadas pela *escrevivência*, ao atuar na defesa de uma estética presente na encruzilhada das poéticas, pois esta expõe argumentações sobre *dororidade*, sexismo e a luta de classes, no proceder que desvela sujeitxs em formação. Dessa forma, a escrita se torna uma “ação transformadora capaz de encontrar maneiras de (re)inventar um mundo possível, numa perspectiva estética, ética e política” (BORGES, 2019, p.11).

Reinventar o mundo possível através da artesanaria de escrever, me ajuda a visualizar as cisões que narram a realidade de identidades negras e periféricas inscritas nas linhas que pingam história(s), escrevendo-se a parte da história que na escola de outrem não contém. Florentina Souza, ao escrever “Mulheres Negras Escritoras”, diz que

o sujeito poético, diante da violência da pedagogia colonial, é capaz de refazer sua fala, reconstituir sua cultura, superar os limites impostos e, através do silêncio, dos meios sons, os sentidos que garantem a sobrevivência de histórias e dos conhecimentos, consegue reagir ao epistemicídio secular (DA SILVA SOUZA, 2017, pg.24).

Em *Ambição*<sup>29</sup> (2020), Cristal diz: “*meus mano sempre rimam as letra certa / Os cara sempre mira a mesma testa / Nós fala de ambição, mas tu não compra / Então deixa que eu roubo tuas ideia*”, seguindo as compreensões que a pesquisa se dá, tal roubo pode, aqui, ser chamado de reparação, pois “nos apropriamos [...] das narrativas [...] para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos” (EVARISTO, 2020, p.38) e da potência de nossas vozes. O que pra você é ter ambição?

Quem carrega na corpa as marcas do racismo não consegue lutar apenas contra o patriarcado. Quem luta para sobreviver dentro de um projeto criado por um estado genocida e presencia seus filhos, irmãos, amigos morrendo, e sente as dores explícitas do racismo e da desigualdade social, compactua com o conceito de *dororidade* e de interseccionalidade.

<sup>29</sup> Ver em: [Ambição](#) Acesso em: 17/06/2022

O senso de lealdade compartilhado por nós é interligado com a (r)existência dos homens racializados. Lealdade tida como ação, causa uma marca objetiva dentro da poética de *escrevivência* que é atravessada por encruzilhadas que apontam mais do que quatro direções. As absorções dos mundos são de fundamentos e leituras de mundos diferentes, com ações dos poderes sociais sentidas, vistas, absorvidas e escritas de maneiras diferentes.

Parto do ensinamento de que na encruzilhada encontramos sete opções de escolha, sendo a sétima aquela que parte dentro de si mesmo e seu encontro com a voz do Ori. Encontro cruza de desejos, família, espelho, ancestralidade, coragem, ideologia e identidade. O que forma identidades que passam para a escrita a forma de anunciar os sinais do tornar-se sujeito, são sentimentos memorificados que almejam ser curados.

Incluir o que sentimos ao ver a ação da repressão nos corpos de nossos irmãos e irmãs, em nossos próprios corpos, ajuda a nomear os silêncios que subjagam nossas existências. Tais brechas de silêncios mil estão sendo preenchidas de maneira usual ou não ao produzir um objetivo fundamental, a arte.

A palavra “arte” não tem tradução em quase nenhuma língua indígena porque, assim como no contexto ancestral africano, **os povos tradicionais não separam a arte da vida. Assim, a arte abrange um universo de práticas que não são necessariamente um objeto ou um artefato, mas que compõe em ritualizar a vida.** No mundo globalizado em que vivemos com esgotamento de sentidos, faz-se necessária a construção de novos valores que deslocam para revalorização da cultura ancestral, o que deveria parecer arcaico, mas é, ao final, futurista. - Sallisa Rosa<sup>30</sup>

Se no silêncio mora a reza, Tracie em Cachorraz Kamikaze<sup>31</sup> fez sua prece: *Deus volta quando um velho morre, quando um novo nasce / Salmos são mães de maio com seus Messias mortos na vala / Apocalipses são ego trips/ E o vale da sombra da morte é tipo o caminho do trabalho pra casa / Da casa pro trabalho / Falsos discípulos no plenário/ Gênesis era menino / O inferno é duas quadras depois da minha casa. (OKEREKÊ, 2019)*

Ritualizar a vida pela escrita marcando nela a vivência periférica é algo que não só Tasha e Tracie fazem com maestria, mas nesses versos a MC menciona as Mães de Maio. Débora Maria Silva (2016), fundadora do movimento<sup>32</sup>, diz que:

O Mães de Maio é um movimento de mulheres donas de casas, mas que aprendeu, ao longo desses anos, a trabalhar com esse sistema. E quando as donas de casa saem de suas casas e começam a militar perante o Brasil, acabam ultrapassando as fronteiras. O nosso grito é um grito que tem que ecoar porque nosso país é um país omissivo. É inaceitável que em maio de 2006, no espaço de uma semana, se matem mais de 600 pessoas. (SILVA 2016).

<sup>30</sup> Ver em: <https://www.jaca.center/sallisa-rosa-br/> Acesso em: 09/06/2022

<sup>31</sup> Ver em: [Cachorraz Kamikaze](#). Acesso em: 17/06/2022

<sup>32</sup> Ver em: [Mães de Maio: a reação contra a violência do Estado](#) Acesso em: 09/06/2022

A menção não foi feita por acaso, mas é base do fundamento aplicado por Angela Davis de que "quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela".<sup>33</sup> E mencionar quem vive na luta para fazer seus silêncios após perderem seus filhos serem ouvidos, é artifício de perpetuar a luta por inúmeros vieses.

talvez a linguística me é tão complexa  
pela perda que nos foi perversa  
e as marcas se tornaram conversas  
que me fazem pensar às pressas

(re)descobrir os trejeitos linguísticos  
as brechas deixadas pela semiótica  
me faz procurar lentes  
onde seja possível enxergar a gente

entender essa parte da linguagem  
que por muitos é conhecida como selvagem  
agora me dá a coragem  
que eu precisava para compreender a magnitude  
de não ser mais – apenas – a solitude  
- vinte e três de junho (CAETANO, 2022, p.40)

Nesse caso, a luta se dá pela **língua** – escrita e voz. Até mesmo quando na escrita a dor se apresenta junto ao (des)silenciar. Fazendo com que a coragem de se fazer voz e lutar pelo nós seja acessada no agenciamento da *escrevivência*. Se o silêncio foi algo imposto e não oferecido, hoje vemos os resultados da arrogância para continuar a subjugar às potencialidades que se encontram na margem e suas significações expostas por meio da linguagem.

---

<sup>33</sup> Ver em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html) Acesso em: 17/06/2022



pelas vezes que me salvaram do tiro, obrigada, mãe, pela língua me ensinar. pelas vezes que me questioneei ao infinito, obrigada, carol, por me fazer repensar. sempre repensar, e aprender a humanizar. pelas vezes que me tirou do abismo, obrigada, pedro, pelo fundamento me aplicar. (CAETANO, 2022, p.55)

Falar de criação é falar sobre os primeiros anos de vida de um ser humano que acabou de chegar no planeta terra. Papo amplo demais para caber aqui nesta pesquisa, mas que resultam em longas conversas, livros e músicas. Quando agradeço minha mãe pela língua me ensinar e digo que por vezes ela me salvou do tiro, é por compreender que corpos como o meu cresce com alvos visíveis, e o paralelismo involuntário de associar que quem me salvou foi a língua e mamãe, é um dos meus mais simples atos simbólicos de agradecer aquela que abdicou tanto de si na criação de seus filhos.

Falar sobre *escrevivência* é falar de histórias que são vistas, sentidas e vivenciadas em silêncio, mas que através da força da língua na contramão do mundo se encruzilha com os fundamentos do mundo cindido – volta às bases –, para ser desnudado e transfigurado em corpo-texto-ritmado.

Como se cada verso precisasse vibrar partículas do corpo para encontrar lugares de sair, de ser expurgado, de ser ritualizado. E assim, o silêncio vai sendo quebrado. Como descreve Tássia Reis nos versos de *Ouçá-me (Remix)*<sup>34</sup>: *Eu fui até o pelorin pra entender / O que já nasci sabendo mas preciso comprovar pra crer / Que todo axé que faz minha pele tremer / É a força que me fará transcender pra acender / Uma fagulha ou um pavio que transforma em uma revolução / Um lacre primaveril / É engraçado mas não é brincadeira, viu? / Não toleramos mais o seu xiu (REIS, 2016).*

Subestimar a potência lírica dos escritores da poética de *escrevivência*, ou querer encaixá-la apenas dentro dos estudos culturais, demarca a perda teórica de quem escreve produtos concretos de “material de estudo”, fazendo-se cair por terra o mito acerca da democracia racial com seus versos que lidam com a realidade que mora na encruzilhada. Ao inscrever em suas histórias às memórias absorvidas no corpo, os escrevientes que lidam com as palavras que tocam no corpo, formigam a mente, tiram do silêncio o que há no vazio das brechas da criação do identitário social de corpos negrxs e periféricxs.

A encruzilhada é o comum entre [...] [os escrevientes], necessário para que a comunicação aconteça, o desacerto que se compartilha. Partir da encruzilhada é considerar a pluralidade de sentidos possíveis na interpretação do que se apresenta na concretude da vida. Isso não significa concordância, mas consciência da diferença, porque ela faz parte do todo, e reivindicação da diferença como força propulsora da experiência do ser. (VILELA, 2022, p.28)

<sup>34</sup> Ver em: [Ouça-me \(Remix\)](#) Acesso em: 17/06/2022

Escolher por pegar as definições das palavras na internet pelo Oxford Languages, tem o intuito de argumentar com locais onde a diferenciação das significações se encontra de maneira ampla para debates de atravessamentos. Uma das significações de língua apresentada diz que, ligado a estilística da linguística, ela pode ser: *estilo de expressão particular a um grupo social, profissional, cultural, a um escritor, um movimento, uma escola, uma época etc.; linguagem*.

Uma escola. O intuito de trazer narrativas históricas que são poéticas, vai fora da curva em que a linha educacional acadêmica brilha os olhos. “Os momentos que destaco aqui se sobrepõem no tempo real. Como expedientes heurísticos, eles apenas cristalizam os aspectos da produção histórica que mais bem expõem quando e onde o poder entra na estória” (TROUILLOT, 2016, p.61). Logo, a *escrivência* pode ser estudada enquanto algo que vai contra a cronologia do silenciamento social na manutenção de poderes, e entre eles está o âmbito educacional do seu próprio povo em sua pluralidade cultural.

Os versos de Olha pra Mim<sup>35</sup> de Bivolt, ressoaram no âmago de meu ser várias vezes. [...] *Mestre foi pra vala junto da sua teoria / Morto é adorado e vivo de nada valia / Minha rima é diarista: limpa sua casa direito / Enquanto cê estuda Direito e me paga errado [...]* (BIVOLT, 2017). É complexo estar dentro de uma universidade, é difícil estar dentro de uma universidade pública. É difícil estar dentro de uma universidade pública sendo negra, mulher e pobre. Este é um espaço que por vezes se apresenta enquanto desafiador habitar.

Enquanto pesquisadora e escritora optar pelo desilenciamento da minha ideologia, à inclusão da mesma no meu trabalho acadêmico, pretende dialogar sobre o desenvolvimento sócio cultural dentro do campo intelectual. Visando-se, assim, questionar e explicitar as brechas da intelectualidade e como a inclusão das nuances entre identidade, subjetividade e alteridade, desvelam o expurgo de dores ancestrais ao se fazer verbo na boca dos que pela **língua** resignificaram as possibilidades de produzir linguagem atravessando silenciamentos tradicionais.

sinto o enjôo chegar ao peito  
trilhar um caminho pelo meu corpo  
pedindo permissão pra que eu o possa olhar

escrevi pelo que forma meu jeito  
adentrei o espaço que já vi como morto  
caminhei por um novo representar

pesquisei sobre o que vivo  
mesmo que tanto em mim se pareça perdido  
extrapolei os limites do sentido

---

<sup>35</sup> Ver em: [Olha Pra Mim](#) Acesso em: 17/06/2022

pra conseguir enxergar a semiótica do respiro

vivenciei sentimentos num grito  
implodindo o infinito  
que em mim sempre soube habitar

não me escondo no que retiro  
mesmo demonstrando o quão ferido  
meu corpo deseja vomitar

descarrego meu espírito  
reconhecendo o perigo  
de me identificar

já aprendi a ser silêncio  
agora o que mais desejo  
é aceitar a força do meu falar

invadi meu peito com a língua  
gingo na mandinga  
de poder ressignificar

pertencer aos espaços  
deixar os meus traços  
me acolhendo por buscar rasurar  
- vinte e sete de julho (CAETANO, 2022, p.30-31)

“*invadi meu peito com a língua / gingo na mandinga / de poder ressignificar*”. Tal poder invisível, mas demarcante do que se tornar pertencente, ao ser ressignificado pela *escrivência* muda as referências do referencial teórico, voltando-o para a prática. Este ato contrário de resgatar a língua através da experiênciação de se sentir vivo ao narrar de sobre si nas palavras escritas, me fez tentar compreender o que havia nas brechas entre os versos de Olha pra Mim. Uma vez que a *escrivência* dx MC é formulada pelo poder encontrado dentro de sua narrativa.

Na quebrada, na periferia, na margem social, as referências teóricas e líricas são diferentes das tradicionais, mesmo quando em certos momentos elas sirvam enquanto ressignificação territorial de onde mora (de quem é) o sujeito dentro da narrativa, como nos versos Guilhotina<sup>36</sup> de Nic Dias (2019): *500 anos de opressão / Tacam fogo na nossa cultura / Esquecidos pela educação / Mas nunca pela viatura*. Completando a sequência de versos dizendo que: *Mulheres pretas são lindas / Protagonistas da própria história / E pros comédia que dúvida / Cês vão lembrar da minha trajetória*.

Bivolt dizer que “mestre foi pra vala junto da sua teoria / morto é adorado e vivo de nada valia” falando que o mestre enquanto vivo nada valia e que sua teoria deveria ir para a cova junto com ele, me remete aos inúmeros escritores, filósofos e pesquisadores que propagam

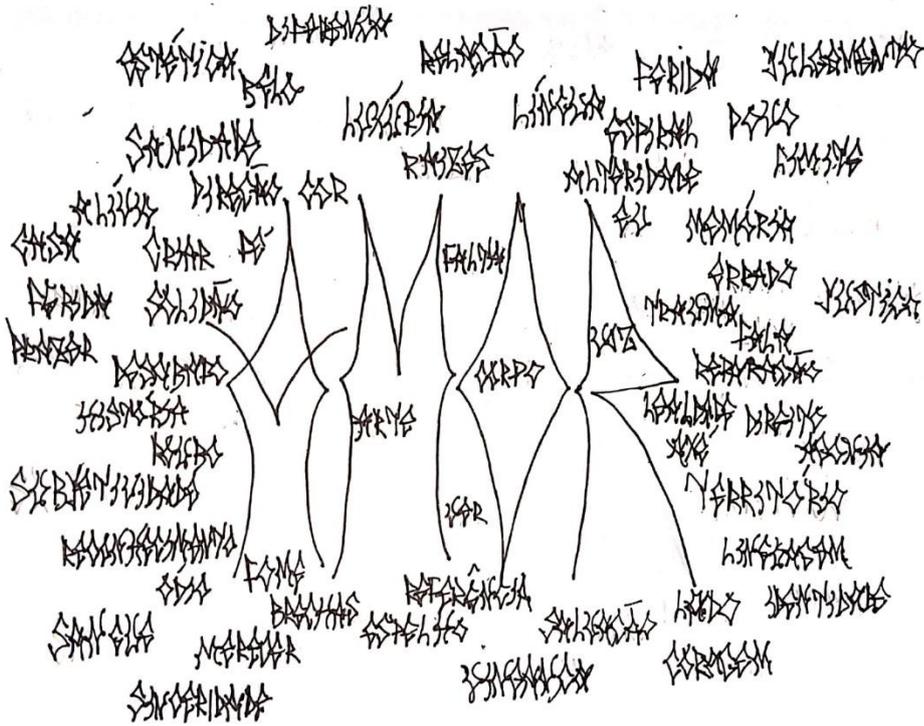
<sup>36</sup> Ver em: [Guilhotina](#) Acesso em: 17/06/2022

conhecimento que contém sangue em cada palavra. Falar de ciência higienizando histórias que foram apagadas pela manutenção dos poderes, mostra que tais sobreposições permanecem até o dia de hoje.

Tais corpos podem se encontrar “esquecidos pela educação / mas nunca pela viatura”. E contar a própria história, pela produção textual – transpassada de forma oral –, se torna relevante para a *escrevivência* pois “põe a descoberto muitos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes da realidade e das pesquisas históricas” (ALVES, 2010, p.67), ou que estão sendo exibidas reverenciando um passado e presente ilusório. Logo, “a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p.54).

No cruzamento sem fim que a potência ressignificativa se apresenta, continuar em movimento e jamais engendrar os questionamentos sobre significação, faz com que eu compreenda melhor as funções sociais da linguagem através da *escrevivência*, pelos “contradiscursos [...] pôr em evidência a coexistência de tradições/experiências suprimidas, colocando em circulação formas alternativas de perceber e significar o passado.” (BEZERRA, 2007, p.39)

Nós nunca paramos de gingar e dançar diretamente com o centro (*o que há no centro?*) pelo lugar em comum que todos nos sentimos vivos e demarcados, onde os ensinamentos deles são repassados e onde os nossos são propagados: pela **língua** e pela **fala**. Faço parte daqueles que só conhecem o alívio de viver a partir daquilo que criam, pela forma a qual falam e do porquê falam, dessa forma “a intertextualidade e a metalinguagem aparecem como demonstração do desejo de diálogo crítico” (DA SILVA SOUZA, 2017, pg.36) de formas que a **língua** se apresenta, se representa e se torna ação.



amor

/ô/

substantivo masculino

1. forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais.
2. atração baseada no desejo sexual.

Sou farol das estrela  
 Chama da esperança acesa, sou pólvora negra  
 Filha da gratidão, verso constelação  
 Pra acordar a multidão  
 Luz do luar acende a noite que é pra dor não me cegar  
 Eu sou da bênção, bença mãe que me guia na trilha turva  
 Cautela por essas curva, perigo na esquina  
 Tô só nessa guerrilha braba criando essas rima braba  
 Calando essas língua que me subestima  
 Botando estatísticas, o sentido é pra cima  
 Nas andanças artísticas, energia é ímã  
 Longe da obscuridade, quer me dar rasteira  
 Mas sempre tive passo firme, a alma incendeia  
 Estrelas morrem, fica o brilho, herança pra regar  
 Eu canto plantando a semente, amor pra cultivar  
 O ódio é tóxico e a propósito  
 O meu propósito é cantar pra libertar  
 Porque andar com fé eu vou (na fé eu vou)  
 Eu sei que a vida às vezes dói (às vezes dói)  
 Cê pode ser fonte de amor (fonte de amor)  
 Porque o ódio é que destrói  
 Eu vim pra ser luz  
 (BARBOSA, 2019)<sup>37</sup>

Amor-arte, amor-vida, amor-ritual, amor-bença, amor-escrita, amor-poesia, amor-viver, amar-sentir, amor-ser. Em um mundo onde o ódio é voltado a corpos específicos, mudar a significação da palavra amor e dos atos de amar ao desanuviar as brechas do processo de (re)conhecer o amor, é algo que em contato com a escrita abre caminhos para que tais *escrevivências* sejam lidas “para além do registro da dor e da falta” (BORGES, 2019, p.18). Pois, uma vez que o amor é ligado a luta de (re)escrever a história, é possível fazer as pazes com o espelho pelo movimento de escrever nascimento de vida(s).

Um dia estava no twitter e entrei em contato com uma campanha de doação de livros chamada WinnieTeca<sup>38</sup> para pedir que me fosse doado o livro “Olhares Negros: raça e representação” de bell hooks, recebi a surpresa de ganhar mais um livro de presente da doadora. Lendo com calma cada ensaio e artigo presente em “Irmã Outsider” de Audre Lorde, me deparei com os seguintes versos:

Para as mulheres [...] a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valemos para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias. (LORDE, 2019, p.47)

<sup>37</sup> Ver em: [Luz - Drik Barbosa](#) Acesso em: 05/08/2022

<sup>38</sup> Ver em: [Winnieteca usa leitura como ferramenta de combate ao racismo](#) Acesso em: 11/06/2022

E foi absorvendo os ensinamentos de corpas memórias e da escritora, ativista e educadora, que enquanto Mallu Caetano produzi a prosa "vivendo de amor" – referência explícita ao texto de bell hooks –, que se segue em alguns versos:

o amor é uma escolha, é a escolha de quem cresceu envolto em desamor pelos olhos que colocam poder na mão do dinheiro e desconhecem o poder das raízes ancestrais. me ensinaram a escolher o amor pela compreensão do quão aterrado e nutrido se encontrava a base à qual pertence meu âmago. escolho o amor mesmo perdida em pensamentos complexos, confusos, desnorteados e encontrados no olhar frio em frente ao espelho pequeno e manchado do banheiro. escolho o amor ao me ver pela íris de olhos diferentes, mas que compreendem quão difícil é escolher amar. *quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. esse é o poder do amor. o amor cura*<sup>39</sup>. (hooks apud CAETANO, 2022, p.53)

Para chegar ao ponto de ter coragem de amar sua própria identidade, a corpa memória enquanto sujeita, desvela feridas seculares, geracionais que são principalmente socioculturais e políticas por meio da *escrevivência*. E é necessário compreender a consciência do escritor em transformar criticamente os mundos da linguagem a fim de transformá-lo. Colocar em foco a crítica de ressignificação do ódio às corpas memórias, coloca em destaque o atravessamento das lutas de libertação pela autodefinição do que é existir.

Atrelado ao amor estão vários sentimentos, várias vivências, várias memórias que se encontram no espelho junto com o sentimento da raiva. Crescer sendo ensinadx à passividade no jeito de agir e pensar, não anula a corpa memória de desenvolver pensamento crítico. Principalmente em relação aquilo que elx presencia todos os dias. Ver vários níveis de agressão, não só consigo, mas com seu povo, desenvolve todos os tipos de sentimento dentro dos corpos racializados.

Para conseguir desaguar sobre as interpretações do que pode ser o amar, poetas escrevientes transbordam sua escrita com o processo de ressignificar e expressar a raiva. Interpreto a raiva enquanto um mecanismo de luta que é capaz de tirar da inércia o desejo de mudança. Usar da raiva para tal é diferente de usar do ódio. A raiva faz o sujeito cansado do silêncio buscar formas de se fazer ser ouvido.

A raiva me fez criar Abebé. Melhor dizendo, a ressignificação da raiva em amor – e todo o processo caótico que foi utilizar da linguagem para desaguar a potencialidade criativa e discursiva de uma corpa neurodivergente e negra que se enxerga enquanto sujeita –, descritos em prosa e poesia, encuzilhada entre intelectual e a(r)tivista, fruto do questionamento ininterrupto do que significa estar viva no mundo, me fez criar Abebé.

---

<sup>39</sup> Ver em: [Vivendo de amor - bell hooks](#) Acesso em: 05/08/2022

No pensamento por encruzilhadas o saber passa pelo afeto, aquilo que é sentido (tanto pelos sentimentos quanto pelos sentidos) e percebido pelos sujeitos a partir de seus corpos. Essas cosmovisões apresentam perspectivas de história não em termos de linhas evolutivas, mas ciclos espiralados de encontros que produzem novos caminhos. Não é sobre ter apenas um trajeto a seguir em frente na narrativa histórica, e sim enxergar os entroncamentos que existem. (VILELA, 2022, p.28-29)

Dessa forma, visualizo a corpa escreviente enquanto sujeitx da, e na, poética que mesmo “diante da violência da pedagogia colonial, é capaz de refazer sua fala, reconstituir sua cultura, superar os limites impostos e, através do silêncio, dos meios sons, os sentidos que garantem a sobrevivência de histórias e dos conhecimentos, consegue reagir ao epistemicídio secular” (DA SILVA SOUZA, 2017, pg.24).

Olhar para as corpas enquanto sujeitxs que por meio de sua escrita transfiguram os sentimentos do que é possuir um corpo com as marcas da colonização, faz com que a “encruzilhada [seja] ponto de encontro pra melhor processar algo que já foi vivido” (CAETANO, 2022, p. 56) mas dessa vez, transformando-se em poesia.

Tal ato de se colocar em corpo-texto-ritmado, envolvendo memória e ressignificação de linguagem, projeta processos de ciclos afetivos e de autoanálise que explicita no movimento de explicitar o cotidiano que o poeta vivencia durante o processo de criação e de formação do pensamento, até a feitura da *escrevivência*.

O ritual de fazer arte conversando o poema com as situações territoriais das condições de vida do escreviente, ajuda a demarcar os desenvolvimentos identitários dos sujeitos negrxs e periféricxs não como atores ou personagens deslocalizados e higienizados, mas como sujeitxs questionadores da complexidade que é viver no mundo.

E dentro dessas complexidades, escrever sobre as formas de se fazer amar é arte para aqueles que conseguiram visualizar que “não cultivar sofrimento como modo de vida é declaração anticolonial de autoamor”, assim como Tatiana Nascimento, escreviente da frase que ressoa dia e noite nos meus ouvidos. É muito importante falarmos sobre o processo de conseguir falar sobre sentir o amor porque por vezes, senão todas as vezes, ele é enigmático.

Stefanie ao dizer “Poetisa, só escrevo o que vivi/ Muita coisa que eu sei na escola eu não aprendi” em Mulher MC<sup>40</sup> (2018) compreende que se autodenominar poetiza, contraria uma gama de pessoas. Mas continua declamando seus versos e nos presentear com sua *escrevivência*, que é basicamente autoanalítica, em seu ato de amar o que ela é e faz.

Quando, falo o que faço rola espanto  
Deram dica pra eu me aperfeiçoar e ir fazer aula de canto  
Encanto, o ouvido de quem tem curiosidade

<sup>40</sup> Ver em: [https://www.youtube.com/watch?v=bRG5A\\_Sw\\_g0&ab\\_channel=Stefanie](https://www.youtube.com/watch?v=bRG5A_Sw_g0&ab_channel=Stefanie) Acesso em: 17/06/2022

Implanto, nas letras o que deve a realidade  
 Se fosse um mar de rosas cantaria mais amor  
 Mas a real é violenta, como um filme de terror  
 Com gente mascarada, mas eu sei quem que destrói  
 Tem bandido e bandida passando por heroína e herói  
 Mas é o que tá em cartaz,  
 Logo mais vem outro meia boca e esse fica pra trás  
 É tão bom, que depois não se houve mais comentário  
 Quando perde a graça mudam o itinerário  
 Vendem produto barato, e falam que é coisa fina  
 Perfume imitação que se encontra em qualquer esquina  
 Mas logo evapora, pra quem ignora  
 Sente o drama porque vem rima que revigora  
 Muitos falam que tá ruim mas ajudam a deixar pior  
 Desmerece a arte urbana então diz, o que é melhor?  
 Manter-se alienado ou se render? Ou se não?  
 Escutar só RAP gringo que é pra não entender  
 Mulher de tudo quanto é tipo e, por quê, não MC?  
 Subo no palco e canto alto pois não me convenci!  
 Eu poderia ter feito outra coisa, mas não quis  
 Hoje eu sei que é isso aqui que me faz feliz!  
 - Mulher MC, Stefanie (STEFANIE,2018)

“O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?” (EVARISTO, 2020 , p.53). Falar de amor é falar de coragem para escrever.

Pois, nesse sentido, "escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere ‘as normas cultas’ da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus” (EVARISTO, 2020, p.54), como o caso das corpas memórias desta pesquisa, como o caso desta pesquisa.

Abro espaço, assim, para falar sobre a inserção do amor nas narrativas de *escrevivência* que inspiram os questionamentos acerca da significação do amor e de suas inúmeras possibilidades de serem sentidas no corpo ao ser transpassadas em líricas declamadas enquanto rituais de libertação.

Falo aqui da poesia como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo distorcido, os patriarcas brancos chamam de *poesia* – a fim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento. (LORDE, 2019, p.46).

Ao ler Lorde falando que através da poesia nós podemos dar nomes ao que só podia, até então, ser pensado, absorvo que é possível desvelar no jogo de questionamentos, os poderes que conhecer vários tipos de amor pode influenciar no desilenciamento nass linguagem presente na *escrevivência* de corpas memória. Sentir a potência de questionar tal palavra me dá “a ideia

de que o amor significa a nossa expansão no sentido de nutrir nosso crescimento [...] por afirmar que o amor é uma ação” (hooks, 2010).<sup>41</sup>

a oportunidade de questionar, conscientemente e abstratamente, a definição de amar me colocou diante da escolha de me humanizar a ponto de aprender a me amar. esse é um caminho que tem sido longo e ainda será, eterno movimento de quem ama demasiadamente e tem uma boca no lugar do coração. devoro os sentimentos absorvendo formas de não mais sobreviver. (CAETANO, 2022, p.19)

E “isso significa ir contra a lógica dominante e seu modelo de intelecto separado de corpo e espírito, com a razão separada da emoção, que tenta delimitar o que é saber e o que não é” (VILELA, 2022, p.28). Resignificar a palavra raiva para algo além do sentimento visto como ruim, expressando-se de acordo com o que for mais confortável para a *escrevivência* do poeta, pode prevenir doenças geradas pelo silenciamento (como a depressão e a ansiedade), além de levar o escritor ao encontro com uma versão de si mesmo que não ignora sua totalidade criativa e discursiva.

Dialogar diretamente sobre as formas de se fazer amor, ou de sentir o amor, olhando para as partes sensíveis, ajuda a “desvencilhar de uma variedade de estigmas que correlacionavam a cor e a trajetória histórica com inferioridade”. (ALVES, 2010, p.61). As *escrevivências* de corpos memórias colocam no signo de suas poéticas a transfiguração de seus corpos, de objeto inanimado e distanciado da história, para sujeitos conscientes da ação de compartilhar com seus interlocutores compreensões similares do que pode ser o amor.

Amor pode ser enxergar esperança ao ver uma criança brincando no chão, como Cristal fala em Lá em Casa (?): *E dentro de nós existe imensidão / Uma criança infinita com vontade de aprender / E foi com uma brincando no chão / Que eu entendi que já faz tempo que eu esqueci de florescer*. O mundo se apresenta cruel para nós de tantas formas, que compreender enquanto fruto de “luta[,] ver mais um umbigo cair.” (CAETANO, 2022, p.28) é motivo de comemoração.

Meus sobrinhos mostraram que era possível permitir florescer dentro de mim. Que era possível encontrar a coragem para escrever as palavras que se encontram aqui e em Abebé, em forma de amor às lutas que pertenço, ao luto que por tantas vezes percebo como espelho, mas principalmente ao trabalho que amar se dá na leitura de mundo que escrevo. “A palavra ‘amor’ é um substantivo, mas a maioria dos mais perspicazes teóricos dedicados ao tema reconhece que todos amaríamos melhor se pensássemos o amor como uma ação.” (hooks, 2021, p.41)

---

<sup>41</sup> Ver em: [Vivendo de amor - bell hooks](#) Acesso em: 17/06/2022

É ação escrever sobre o ato de amar um corpo semelhante ao seu. A vontade de aprender o que é ter esperança em explorar um mundo recém apresentado, fez com que o desejo de ensinar eles um pouco mais sobre os mundos que conheço fosse inspirado pela exploração de seus questionamentos curiosos e olhares instigantes.

Pensar o amor como ação me coloca dentro da perspectiva de amar e olhar o mundo como escolha e exercício, fora de algo dado e estancado. Abraçar a responsabilidade de ser uma mais velha, primeira do núcleo familiar a adentrar uma universidade pública reivindicando o espaço de onde falo, coloca em movimento os florescimentos dos fundamentos familiares o qual absorvi e passo para frente em sinal de respeito, lealdade e amor.

Ei!  
 Ele me chamou de canto  
 Todo trajado de branco  
 Momento do meu encanto  
 Eu tô te querendo tanto  
 Eita! Essa vontade é tanta  
 Chega escancara a tampa, menino  
 Você indo é tipo tirar doce da mão de criança  
 Disse que era do axé  
 Até renovou minha fé  
 Não sei qual que é  
 Cê me deixa leve leva o que não serve  
 É feito folha de Guiné  
 Até outro dia eu dizia pra mim  
 Talvez fosse melhor partir por aí  
 Mas foi tipo laço de cetim  
 Cê me amarrou tão levin  
 Pra me deixar livre se eu quisesse ir  
 Mas quero ficar nesse teu olhar  
 Eu vi um oceano e você já sabe que eu sou um rio a caminho do mar  
 Despida do desengano quero desaguar  
 O meu lugar é longe da margem  
 Cê me deixa molinha  
 Tão longe da margem  
 - Molinha, Bia D'Oxum (D'OXUM, 2019)

Bia D'Oxum me marca em sua *escrevivência* de Molinha<sup>42</sup> com sua descrição poética, em forma de conversa vulnerável, que contém signos que remetem à religiosidade afro-brasileira. Ao se descrever que seu lugar é “longe da margem” e que ao amar outra corpa memória a sensação é de continuar longe dessa margem, ela expõe sua auto identificação em nomear a qual lugar pertence. E em qual lugar-limite ela permite que seu corpo e seu amor se encontrem.

“A religiosidade afro-brasileira tem um outro modelo para o encontro das diferenças que é rizomático: a encruzilhada como ponto de encontro de diferentes caminhos que não se fundem

---

<sup>42</sup> Ver em: [Molinha](#) Acesso em: 17/06/22

numa unidade, mas seguem como pluralidades” (ANJOS, 2008, p. 80) dando a oportunidade de compreender o amor enquanto ação de luta contra o racismo religioso, e a favor da partilha do amor enquanto fundamento d’Oxum (Orixá), D’Oxum (MC), e o meu.

O Itan “Os Ibejis nascem de Oiá e são criados por Oxum”<sup>43</sup> conta que, mãe por escolha, Oxum cuidou dos filhos de Oiá com Oxóssi e mesmo diante de um desentendimento com a Orixá dos Ventos, contou o segredo de onde a pele com a qual Oiá vestia, e se sentia livre, havia sido escondida por aquele que a queria “domar”. Dando-lhe a opção de se reencontrar com seu eu mais íntimo. “Oxum mostrou a Oiá onde estava sua pele. Oiá recuperou a pele de novilha, reassumiu sua forma animal e fugiu.”

Para mim, partilhar do amor de Oxum e compreendê-la enquanto fundamento é como Quel Satto escreveu no prefácio de Abebé:

as águas doces de Oxum ensinam a fluir e nos convidam a experimentá-las, sem deixar o medo ser um impedimento para atingir as profundezas. pode doer o processo de se enxergar, mas ter consciência de quem se é, e aprender a apreciar isso, é partilhar do amor de Oxum. (SATTO, 2022, p.13)

E tal escolha de partilhar amor, indo de encontro com aquilo que encontra ao se olhar no espelho, ao se enxergar na escrita, ao sentir o corpo formigar com as palavras proferidas, é um exemplo explícito dessa "outra forma" de pensar o amor fora do hegemônico eurocêntrico.

Partilhar através da *escrevivência* formas de denominar nosso amor, faz com que seja possível transpor na escrita “a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores.” (hooks, 2019, p.32-33).

Os atravessamentos de afeto dentro da linguagem produzindo-se formas de representar identitariamente através das subjetividades que abarcam vivências diferentes, com gostos de descobrir a vida e as formas de desvelar os silêncios através da poética, trazem pelo escrever a presença das criações do que pode ser a verdade pelas transformações das imagens.

---

<sup>43</sup> Vem em: PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. Companhia das Letras, 2020.





## verdade

substantivo feminino

1. propriedade de estar conforme com os fatos ou a realidade.  
"a v. de uma afirmação"
2. **POR EXTENSÃO**  
coisa, fato ou evento real.

Falar sobre verdade é algo muito relativo. Principalmente em uma pesquisa-território que aborda formas de ser plural. Existem várias formas de falar uma verdade. De crer em uma verdade. De escrever uma realidade. Propor uma trajetória analítica-discursiva em torno de cinco palavras, parte da visão de que a procura da verdade sobre si quando escriturada, pode significar uma ação transgressora de se perdoar, aprender a se amar, partilhar do amor pela comunidade a qual você está inserido e se ritualiza em arte. E tal caminhada ao ser poetizada, é localizada no presente momento escriturado, de acordo com suas verdades – que podem ser mutáveis, pois educação vem da prática e está em eterno movimento –.

O penúltimo signo a ser discutido, assim como as outras três palavras, faz parte do balanço do balaio no movimento de dançar com o silêncio, para através da linguagem tornar verdade as ações do amar. Na trama de narrar as formas que corpa memória se denominam como sujeitxs em suas narrativas, compreendo que as cinco palavras olhadas pelo foco do ato de escrever, desagua do espaço para a imaginação. Logo,

definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Uma boa definição marca nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar. Conforme nos movemos em direção ao destino desejado, exploramos o caminho, criando um mapa. Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor — partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor. (hooks, 2021, p.48-49)

Gingar com os sentidos possíveis das palavras, mas de forma a localizá-las em corpos-textos que se autodenominam sujeitxs em suas narrativas, diz sobre a compreensão da relação de ressignificação da corpa memória presente na semiótica literária e cultural. E dessa forma a “*escrivência* torna-se uma estratégia escritural que almeja dar corporeidade a vivências inscritas na oralidade ou a experiências concretas de vidas negras [e periféricas] que motivam a escrita literária.” (FONSECA, 2022, p. 66, *grifos meus*)

Qual é a verdade que mora dentro dx poeta? Quando, escrevendo Abebé, questiono “*quantas palavras atravessadas com gosto de verdade absoluta serão propagadas pela boca que perdeu o fio ilusório do que era realidade inventada[?]*” (CAETANO, 2022, p.38), questiono meu subconsciente ao tentar compreender sobre qual realidade faço parte.

Ao escrever Abebé ao mesmo tempo que produzia a monografia em deságue, entrei em contato com a linha tênue que mora entre pesquisadora letrada e corpo político-poético. Encruzilhar as referências que fazem com que no espelho eu encontre x sujeitx da narrativa a qual descrevo, contribui para minha pesquisa do conceito *escrevivência*, pela localização onde minha corpa-texto-ritmado se encontra nos estudos literários.

Me encontro aos versos de Cristal em Alvo na Rua<sup>44</sup> (2021): *E o sentimento de um jovem preto? / Teu medo nos olhos é azul e vermelho / Insegurança, mais um jovem preto / Que sabe que é suspeito se olhando no espelho / As coisas são mais clara pra quem nasce escuro / Entre abordagens e perdas / Me faço porto-seguro / O dia foi difícil, tua mão eu seguro / Cê diz que eu te inspiro visando o futuro.* Ao se fazer porto seguro através da poética de *escrevivência* no ato de declarar amor a outra corpa memória. O que faz com que o amor se torne inspiração para o Outro e imortal na escrita que torna real a expressão afetuososa a um sujeitx negrx e/ou periféricx. Mas como ela fala “*o mundo quer ódio, mas nois faz ao inverso / Tua pele escura já marcou nos meus verso / Cê é alvo na rua, imortal nos meus verso*” mesmo questionando “*quem mandou tu gostar de poeta?*” ela confirma implicitamente que sua ação faz parte do **ser** corpa-texto.

Diferenciando-se de Cristal ao falar de sua verdade (amor), mas falando sobre o mesmo tipo de verdade (cor), Tracie impõe sua voz ao performar Poco<sup>45</sup>:

Seu muito, pra mim, é pouco, pode ficar com o troco  
 Bati na porta por muito tempo, hoje eu arrombo  
 Esse mundo é muito louco  
 Eles acham que não vai viver quem tá morrendo  
 Achavam que eu não ia fazer, eu tô fazendo  
 Jogaram negros e bebês num mar de sangue  
 É por isso que existe tsunami  
 Almas não tem fim elas tão aqui  
 Terremotos e furacões são povos massacrados, sim  
 Deu a luz essa nação tipo Abuk do Sudão  
 Evolução retrógrada tanto que volta a ser poeira ou pólvora entre as galáxias  
 Big Bang Bang é um grande tiroteio  
 Retorno constante dos que tão indo multiplicando e não morrendo  
 Cravo minha espada no seu livro que clareia o preto  
 Além e muito a frente, tipo pirâmide  
 É, eu entendo, prefere acreditar que foi alien do que um preto  
 Tira autoestima  
 Não me amo se não me vejo  
 Criminaliza e suga existência ao mesmo tempo  
 Empatia só pra vender seu marketê  
 Fala pra mim, por mim não fala  
 Cês deixa claro que nós é público-alvo  
 Alvo de bala  
 Alvo de bala

<sup>44</sup> Ver em: [Alvo Na Rua](#) Acesso em: 17/06/2022

<sup>45</sup> Ver em: [POCO](#). Acesso em: 17/06/2022

Quando a *linha de fronteira se rompe* e a linha tênue se torna fina entre escrever e viver, o escritor expurga aquilo que vivencia. E certas verdades são desaguadas nas poéticas de *escrevivência*. A violência presente no signo da palavra alvo, mira na corpa que tem cor (nesse caso corpos não brancos).

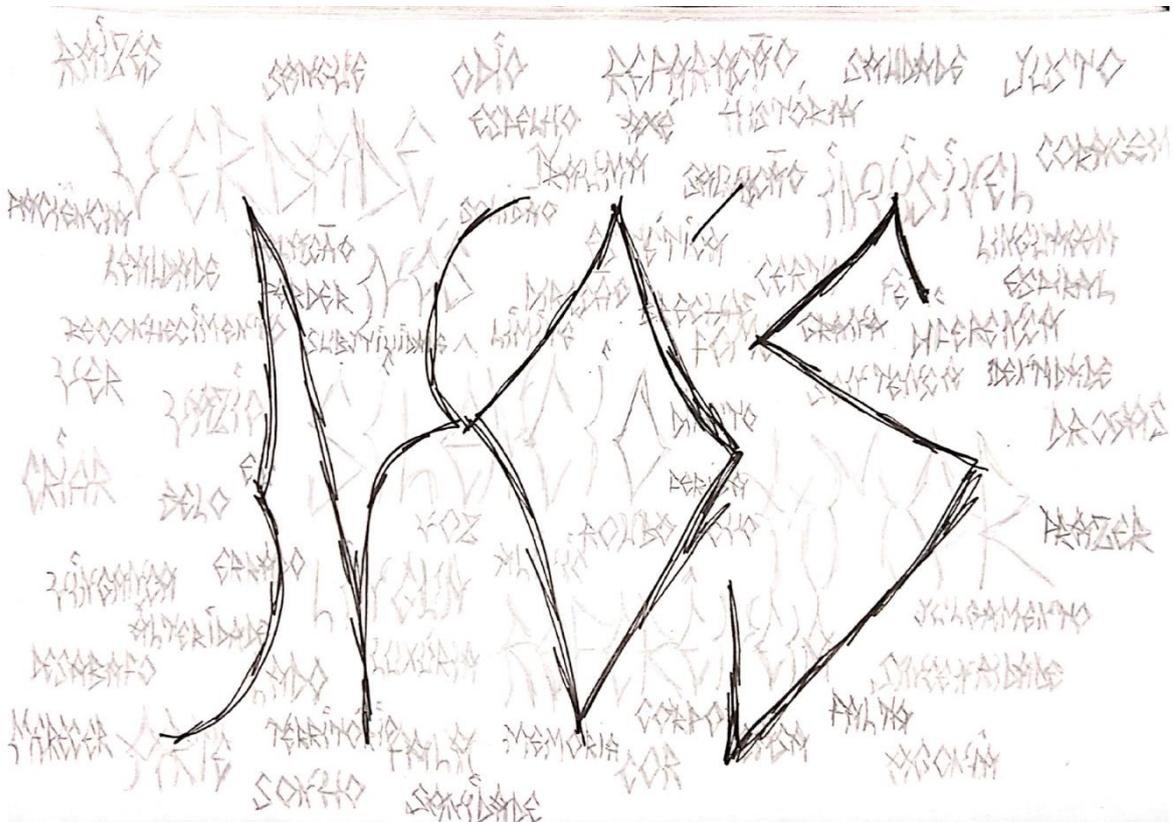
Dessa forma, colocar na escrita a forma de ler, sentir e viver no mundo, demonstra o desenvolvimento do ato que “é pensar criticamente sobre nós mesmos e o mundo em que vivemos. Ousar fazer perguntas básicas a nós mesmos: quem, o quê, quando, onde e por quê” (hooks, 2021, p.81). Pois, “responder a essas questões geralmente nos fornece um grau de consciência que nos ilumina” (hooks, 2021, p.81). Escrever sobre essas questões nos leva ao encontro do alívio de poder criar formas de existir – escrita é território para aqueles que através da *escrevivência* abrem possibilidades para falar sobre as significações dx sujeitx pelas formas de se escrever a memória.

bell hooks fala que

a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (hooks, 2019, p.37)

Compreendo a presença da violência no processo de escrever a (re)existência como movimento de expurgar silenciamentos seculares. Tracie, ao associar ao som de tiros, a chegada de sua voz na rasura de como quer que seu corpo seja definido na literatura, enfatiza que seu pensamento faz parte de quem tem base em ensinamentos ancestrais (*tipo pirâmide*), e que pra ela poder se amar precisa conseguir se ver. Se ela não consegue se ver no que encontra em livros, *tira de assalto* a poética e ensina a como conquistar autoestima ao contar sua história, falando de si e não deixando que a denominem, ou subjuguem seu corpo que vivência o genocídio. Sendo precursora e, também, seu próprio público-alvo.

Passar para a escrita formas de dar nome a traumas históricos que fazem parte do arsenal de memórias que a corpa memória carrega, tira as amarras que subjugam corpos negrxs e periféricxs de se enxergar enquanto sujeitx digno de existir, e contribuir com o desenvolvimento dos conhecimentos plurais. “Ler o mundo pelo corpo é abrir mão do silêncio pra escutar vozes subjetivas que são unidas pelo reconhecimento do ser e estar” (CAETANO, 2022, p.26), e escrever sobre o processo de ser corpo-texto, auxilia na construção de um futuro onde falar de nós possa ser menos complexo e por vezes abstrato.



**nós**

*pronominal*

*pronominal pessoal*

da primeira pessoa do plural, indicando *eu* mais outra ou outras pessoas; funciona como sujeito (p.ex., *nós já vamos embora*), como predicativo (p.ex., *os vencedores somos nós*) ou como complemento, precedido de preposição (p.ex., *não houve discórdia entre nós*).

*Escrevivência*, escrita de si que se torna escrita de *nós*. Nós, desatados por palavras verbos, focos de ação de quem para se manter são escreve sua aceitação à um corpo. Corpo-texto escrevido pelos olhares ao observar suas condições. Corpo-texto-poético que ao questionar os não, as linhas que não aponta direção, giram com a **língua** significando o rito de viver em ação.

“luta[...] [é] viver em movimento tentando entender que cais é mais que um porto seguro, que liberdade também é respirar tendo onde se firmar” (CAETANO, 2022, p. 28). Escrever a corpa sujeitx, firma o corpo-território nas formas de compreender a heteroidentificação para além da subjugação social.

A *escrivência* poética dxs sujeitxs que partem da escrita de si, utiliza na criação das narrativas, o desvelar de peças da memória no jogo com a **língua**. Agregá-los aos estudos da Literatura Negro-Brasileira e da Literatura Periférica, vai da pulsão de enxergar os

elementos que somados formam [...] [a encruzilhada]dessa[s] literatura[s], pois não é possível entendê-la[s] apenas no âmbito da escrita, mas também por agenciar, além da escrita, outras dimensões da comunicação como corporeidade, voz para performatização dos textos, dialogando, então, com a ideia de “obra inteira” em que as palavras se desenvolvem num conjunto gestual, sonoro e de circunstância de modo a fazer sentido (ZUMTHOR, 2005 apud ALMEIDA, 2020, p.11).

Voz-fala-escrita. Se fazer som que ecoa no além plano e se fazer território pela escrita, ajudar a história *fazer sentido*, sobrevivendo a fome de encontrar realidades sem sentenças ao se ver, se sentir, se ler, se ouvir, se imaginar. Mudar a semiótica da corpa memória ao colocar x sujeitx dentro da narrativa histórica que é localizada, mostra que os escrevientes rasuram as interpretações de suas corpas dentro da literatura e da linguagem social.

Tal ação se dá pois eles “reivindicam sua origem social no fazer literário, como marca de contestação e um modo de escancarar que a periferia é também lugar de arte, de sentido, de expressões culturais” (ALMEIDA, 2020, p.10), de (re)produção de linguagem. “Dessa forma, o uso da linguagem, própria do cotidiano e despreocupado do rigor na fala, mas também na escrita, torna-se mais uma marca significativa” (ALMEIDA, 2020, p.10).

Se colocar enquanto sujeitx intercultural fez Negra Li abrilhantar Não é Sério<sup>46</sup> (1997) do grupo Charlie Brown Jr, ao marcar sua poética com o que vê.

O que eu consigo ver é só um terço do problema  
 É o Sistema que tem que mudar  
 Não se pode parar de lutar  
 Senão não muda  
 A Juventude tem que estar a fim  
 Tem que se unir  
 O abuso do trabalho infantil, a ignorância  
 Só faz destruir a esperança  
 Na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério  
 Deixa ele viver! É o que liga  
 - Negra Li (LI,1997)

Construir a esperança pela *escrivência*, me fez inscrever na seletiva de sujeitos para participação da residência “escrita dos dias”. Estudar sobre literatura, estar em um local que produz conhecimento e sentir as palavras brotarem de formas cartásticas, me faz incluir no signo da linguagem que reproduzo, as marcas, os espelhos, as curas de compreender a função da linguagem e da literatura enquanto território que promove cicatrização de traumas.

<sup>46</sup> Ver em: [Não é Sério](#) Acesso em: 17/06/2022

A escrita de si, aqui, é interpretada pela absorção dos ensinamentos de Conceição Evaristo, e vista pelo olhar da inscrição da escrita que possui brechas de um *nós* que contém história, que possui vida, que existe. Aprender a se fazer amor na produção de narrativas de si, passa pela coragem de se ver de um lugar humano, falho, ignorante e com desejo de conhecimento.

criar narrativas é uma forma de lutar. educar a mente é mais trabalhoso pra nós do que pra quem aprende isso na escola, já que vários ensinamentos pro lado de lá costumam perpetuar. pra ter saúde mental a gente tem que trabalhar, nem que seja criando narrativas e mantras até acreditar que é possível sair do pause reproduzindo o caos. educação é isso, trabalho. se educar sobre si mesmo é batalha que não tem fim concreto (CAETANO, 2022, p.32).

Ao me deixarem ser uma jovem viva, e ao absorver os ensinamentos dos sistemas o qual estou inserida, optei por uma análise temática – que por vezes é narrativa – de brechas que há no reafirmar-se sujeitx, enquanto intelectual e poetisa que possui uma corpa memória aprendendo a amar sua existência-alvo. Trilho o caminho que perpassa pelo amor, pois “o compromisso com uma ética amorosa transforma nossa vida ao nos oferecer um conjunto diferente de valores pelos quais viver” (hooks, 2021, p.105).

Viver para explicitar que o que se mostra na TV não é sério, fazer da luta um local de amor na (re)inscrição da corpa memória enquanto sujeitx, muda sistemas semióticos que estão por detrás da televisão, no centro. O que mora no centro da decisão nas formas que se dá a reprodução das imagens-corpas no projeto político, econômico, sócio cultural? Trabalhar para firmar lealdade à ética que liga o amor a corpa sujeitx através da *escrevivência*, demonstra compromisso com a luta para mudar as narrativas de corpas que desviam da mira.

Transcrito por mim, trago alguns versos de Dentro dos Seus Olhos, de Brisa Flow:

e quem tá do lado  
tem que tá no fronte  
pra bater de frente  
proteger o bonde  
proteger a cria e tá com os parente  
com as abuelitas  
sou exigente

quando eu tô do lado  
eu tô de verdade  
pra se amar na guerra  
tem que ter coragem  
mesmo quando erra ter sagacidade  
só isso que eu peço só isso que eu prezo  
a lealdade  
só isso que eu prezo  
a cumplicidade  
isso não tem preço

minha intimidade os meus doces beijos  
é o que eu te ofereço

dentro dos seus olhos posso ver o brilho  
dos sonhos tão lindos  
o brilho  
dos nossos antigos  
que se amaram em rio, como nós

Ao falar sobre silêncio, disse sobre as linhas de fronteira que se romperam em Brisa Flow. Trago x MC novamente, pois seu último álbum atravessou minha corpa de maneiras desejáveis a ser marcada no espaço-tempo do corpo-texto. Por muitas vezes Brisa me fez ir de encontro ao caminho que sai do silêncio, passa pela **língua**, se abre para o amor e encontra coragem para verbalizar verdades, em busca de mudar as imagens sobre as corpas que sentem e exalam vida nas suas narrativas.

Conheço poucas pessoas que têm coragem de descrever de quais formas gosta de se sentir amado, ou torna real (escreve) para o outro o quanto de si está sendo entregue ao dar sua corpa memória para amar a si e ao aprender a amar o outro. Para amar junto delx suas raízes ancestrais e partilhar a troca de olhares que sente a presença dos antigos junto ao corpo em rios que quiçá foram locais de trocas afetivas de quem pariu o país.

Escolher andar do lado de quem junto de ti compartilha a luta pela reexistência, faz Brisa escrever a memória a qual sua corpa vive história, dando novos sentidos para narrativas sobre os seus e inspirando pessoas como eu, que também sabe o que é amar na guerra e partilha da vivência para tentar se encontrar no corpo-texto. *quantos nós moraram na garganta que faz da voz sua reexistência? quanto foi perdido, desconhecido, morto, doído, ferido, curado, reconhecido, conhecido, vivido, sofrido, mal visto, pra que essas palavras saiam em forma de respiro?* (CAETANO, 2022, p.54).

Quel Satto, ao escrever o prefácio de Abebé, diz que o corpo-texto que se seguiria era “uma manifestação da coragem de não apenas cortar um pedaço da palavra encarnada, mas colocar no prato e dar de comer. é a transmutação do corpo em verbo. um corpo que não busca esconder de onde fala, e cultiva suas raízes expostas para conseguir florescer.” (SATTO, 2022, p.14)

Compreendo que ao escrever um corpo literário com dinheiro advindo de verba pública, encruzilhando meus saberes plurais em algo que diz tanto do singular que mora no plural, escrevo ao mesmo tempo uma corpa que busca formas de adentrar, em cada traço da escrita, os territórios aos quais faz parte a minha **língua**.

Compreendo, também, que ao focar uma pesquisa corpo-texto componho uma dupla função: discorro sobre os saberes presentes no nós – e a complexidade que é continuar a perpetuar a potência dos nossos conhecimentos – e rego as raízes das bases que me alimentaram ao compreender, e reivindicar, minha corpa memória enquanto sujeita; fomentando, assim, os estudos literários contemporâneos na localização dxs sujeitxs em ação para a propagação do verbo.

luto. se olhar no espelho. luta. experimentar. luto. tornar real que seu corpo foi rasurado. luta. compreender que sua vida não se resume a seus traumas. luto. pedir ajuda. luta. ver mais um umbigo cair. luto. contorcer para se desconhecer. luta. ter os fios da mente desencapados e aprender que respirar é muito mais do que inspirar e expirar. luto. questionar a salvação. luta. a linha de fronteira se rompeu. luto. ecos que permeiam a alteridade. luta. viver em movimento tentando entender que cais é mais que um porto seguro, que liberdade também é respirar tendo onde se firmar. luto. memórias conturbadas de tentativas de se encaixar em espaços lineares demais para girar. luta. sentir esperança apenas por compreender que você está de frente com o direito de escolha. luto. comprovar a humanidade nos corpos que partilham memórias. luta. aprender novas formas de ressignificar. luto. abaixar as guardas e se vulnerabilizar. luta. se olhar no espelho. - luto. luta (CAETANO, 2022, p. 28)

O ebó epistemológico mora no *nós*.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*enxergando o invisível,  
expressando o inaudível  
o seu conceito cê explica  
o meu conceito eu vivo  
- Murda Murda, Tracie*

Tenho/tive como intelectuais contemporâneos de referência inúmerxs sujeitxs. Mas abro o caminho das considerações finais agradecendo aquela que me apresentou as palavras capazes de serem gingadas no espaço acadêmico. Assumo que o contato com bell hooks se deu muito antes do meu conhecimento de Conceição Evaristo, e agradeço ter me permitido encruzihar tais conhecimentos ancestrais a ponto de desaguá-los neste corpo-pesquisa.

Quando bell hooks (2013) discorreu sobre a possibilidade de levarmos para dentro da sala de aula o que aprendemos no desenvolvimento psicossocial de formação do indivíduo, dizendo que tal ação é transgressora, encontrei o alívio em buscar dar significados às formas a qual leio o mundo e vivo no mundo. A poucos passos de tocar o diploma de letróloga com bacharelado em estudos literários, escolhi como sujeitx de pesquisa falar sobre a *escrevivência* histórica de corpos que fizeram parte da minha formação educacional. Tudo isso dentro de uma universidade pública, produzindo conhecimento sobre a linguagem no plural, e sendo a(r)tivista e escritora da literatura contemporânea ao reproduzir a **língua** de corpos memórias.

Enxergar o texto como ação (de uma corpa que está saindo do silenciamento) em continuidade, longe de ser um produto acabado, colocou como desafio analisar sujeitxs que estão, também, em ação e reinvenção. Andar a passos curtos durante a graduação e estar sempre no corre do mundo fora da academia, constituiu o corpo-texto da monografia, cindida e localizada, teórica e artística, negra e periférica, pesquisa e vivência, poesia da *escrevivência*.

O processo de escrita foi feito durante uma trajetória de aproximação e longos distanciamentos. Ela foi iniciada em meados de 2020, interrompida por questões inúmeras, retomada durante o processo de produção do *Abebé* e finalizada na metade do ano de 2022. Tal quebra é explícita durante o fazer literário na *escrevivência* da pesquisa.

Ao receber como questionamento de que forma a literatura se liga a análise, lembro da citação de Sallisa Rosa colocada no corpo da análise: “no mundo globalizado em que vivemos com esgotamento de sentido, faz-se necessária a construção de novos valores que deslocam para revalorização da cultura ancestral, o que deveria parecer arcaico, mas é, ao final, futurista”. A pesquisa se tornou cindida no momento que a análise se apresenta. Ato do processo de não ser a mesma pessoa durante a escrita, não olhar para as coisas da mesma forma, interpretá-las de maneiras diferentes, se expressar com múltiplas comunicações.

E foi através da forma de interpretar a minha *escrevivência*, o que mora em algumas brechas subjetivas do meu escrever, que consegui repassar para o signo Literatura, o valor o qual dou ao mesmo, interligado-o pelo amor que mora na minha poética. A inscrição de uma linguagem mais poética e distanciada da teoria, talvez seja por reconhecer que os pontos foram firmados nas linhas em que bordo os fundamentos nos primeiros dois capítulos. Abro para outrem a maneira como interpreto e reescrevo a narrativa literária – o que expõe a inscrição de um corpo sujeito que é poeta, que vive pela arte – que também mora em mim. Talvez a ginga tenha se apresentado da encruzilhada entre a pesquisadora e a escritora.

Dos questionamentos que travei na pesquisa, trouxe a pergunta: de que forma as produções poéticas atravessam um público que se identifica com as narrativas apresentadas, impulsionando o surgimento de novas narrativas literárias decoloniais? Acredito que pela *escrevivência*, é possível “*interpretar cada gesto, reação, compreensão e entendimento do outro [,] da existência e do direito de aprender e ensinar o que é estar vivo nesse mundo tão complexo, diverso e difícil [,] num mundo cheio de pontos de interrogação e poucos pontos finais*” (CAETANO, 2022, p.20).

A raiva me fez encontrar na poesia as formas para ser amor ao desanuviar o silêncio que gritava no meu peito e que grita na minha mente. Esse silêncio é tomado por narrativas vividas, confusas, questionadoras. Crescer dentro de uma corpa memória é entender que o mundo não foi feito para pessoas como a gente. Ao mesmo tempo que tal verdade é compreendida, é apresentada a escolha de pertencer a tal mundo. Existir pela escrita da vivência, expurga as contradições vistas na brecha entre mundos e amar como ação se torna ritualística de sabedoria de como viver.

Ensinar ou instigar outras corpas a almejar a existência pela semelhança dos traços linguísticos, pela mudança nas imagens dos signos, pelo desenvolvimento da linguagem, é a *escrevivência* de uma história que coloca enquanto sujeitx o *nós*. Enquanto Mallu Caetano, compreendendo o que é se colocar enquanto sujeitx na narrativa escreviente, escrevi o corpo-texto “coexistência” que se segue:

reinventando morada, aprendi que meus passos são ditados pelo ressoar dos atabaques no terreiro, pelo olhar curioso dos meus sobrinhos descobrindo o mundo, pelo reconhecimento ao olhar no espelho, quando acredito que mesmo doendo me curo de dores pertencentes a longas gerações. o mundo não foi feito pra pessoas como eu que não se contentam com verdades absolutas fundadas em histórias que possuem sangue nas mãos, sangue de pessoas que são como eu. o mundo não foi feito pra pessoas como eu que tem um tempo neurológico visto como errôneo, que por vezes demora a compreender coisas óbvias e por outras entende tudo com uma facilidade gigantesca, tamanha é a velocidade que a mente corre. o mundo não foi feito pra pessoas como eu que não enxergam o mundo correndo pro mesmo lado, pra todo mundo. a corrida sempre foi injusta. o mundo não foi feito pra pessoas como eu, que a duras penas verbaliza cada neurodivergência e limite, e mesmo assim questionam qual é o meu problema, ou escolhem não respeitar cada diferença. o mundo não foi feito

pra pessoas como eu que além de preta, tem buceta, que busca um diagnóstico há mais de quinze anos pras divergências que se encontram na maneira de viver no mundo além da interseccionalidade que me envolve. o mundo não foi feito pra pessoas como eu, uma vez que minha vida é um compilado de desapontamentos. falo isso por estar ciente que não sigo inúmeros padrões que tentaram ou quiseram que eu seguisse. grito a plenos pulmões o quão humana sou e o quão humana desejo ser. desejo descansar sem esperar morrer, desejo não voltar pra cidade que me machucou até os ossos, desejo não seguir ciclos familiares de tradições infundáveis, desejo apenas ser aquilo que meu corpo deseja ser, no tempo espaço que estiver. desejo lutar compreendendo qual o momento de me recolher de situações que não começaram ontem e não irão parar amanhã. esse mundo não foi feito pra pessoas como eu, que negam a culpa entendendo a responsabilidade de ter escolhido não seguir os passos do cristianismo, mesmo tendo crescido em um lar católico. essa culpa não é minha, não existe culpa ou erro em trilhar caminhos os quais podem parecer incógnitas pra uns e não sobrevivência pra outros. esse mundo não foi feito pra pessoas como eu, e mesmo não gostando de estar aqui, busco incessantemente maneiras de encontrar acalanto em corpos memória que não pertencem a um mundo feito de regras coloniais para mentes que buscam a decolonização e o resgate de memórias perdidas e achadas quando se fecham os olhos e se abre espaço para viver outros universos, quando se troca o ponto final para o de interrogação, quando não se aceita mais se frustrar por medo de causar frustrações. o mundo não foi feito pra pessoas como eu, que tem a bateria social baixa e às vezes fica mais de uma semana imóvel na cama dentro do paralelo que a psicose abre no subconsciente, fazendo tudo que é real passar por vários filtros de insanidade e os momentos de sanidade resumidos a poucos minutos por dia. esse mundo não foi feito para pessoas como eu, que escolhem afirmar a comunidade recebendo olhares de rejeição, as maneiras de se permitir existir ao pisar em casa. esse mundo não foi feito para pessoas como eu, que se perguntam em qual parte do mundo será que me cabe, sendo que lágrimas caem ao chão toda vez que o trato é feito diferente do contrato social. esse mundo não foi feito para pessoas como eu, que escreveu diários aos onze anos com palavras que expressavam desejo de terminar com a vida, uma criança e uma adulta incompreendida. pra onde fluiu cada partícula de energia, onde foram morar os olhos esperançosos? aqui dentro existe uma alma ferida, incapaz de conectar as lembranças fragmentadas e perdidas, mas que em nenhum momento deixou de querer achar espaço em um mundo onde existem pessoas como eu. (CAETANO, 2022, p.48-49-50)

Como escrever sobre um corpo sujeito enquanto ainda trilho o caminho de me entender como tal? Acredito do fundo da minha alma que Abebé é um dos maiores exemplos de auto respeito à minha existência. A busca para fazer as pazes com o que enxergo no espelho fez com que o amor transbordasse para além do corpo físico, desaguando-se na escrita a forma que sou, posso ser e almejo ser. O que me fez narrar mais do que os lugares pré-demarcados para a existência de uma corpa memória.

O processo de me enxergar nas narrativas poéticas dxs MCs e trazê-las pra dentro da teoria literária é parte dos movimentos advindos das teorias encruzilhadas antes da análise. Tal olhar, além de ser um olhar para mim mesma, é um olhar para fora, os dois em movimentos simultâneos. Encontrar-se no espelho faz com que eu questione de suas vozes a verossimilhança existente entre literatura e mundo, entre corpo e sujeito, entre viver e vivência, entre *mimesis* e *escrevivência*.

Me colocar enquanto pesquisadora e pesquisada, no movimento espiralar de dupla significação e dar sentido ao sujeito (quem é o sujeito?), expõe brechas do início da compreensão do efeito de trilhar um compromisso com a teoria do amor. Falo da teoria do amor enquanto peça transgressora no desenvolvimento para a mudança semiótica das imagens, das

narrativas e das significações acerca de corpos memória. Seja na literatura, nas artes visuais e afins, mas principalmente dentro dos ideais sociais de um território encruzilhado.

De certo algo já saiu fruto disso, senão eu não estaria escrevendo tais páginas e não teria escrito um livro. Não teria aberto minhas vivências para as palavras que demarcam territórios. Não seria luta na rasura da **língua** doutrem. Mas esse caminho é tortuoso e solitário, momentos que o *nós* partilha mais do que fragmentos de si.

Logo, “transmitindo coletivamente nossos conhecimentos, nossos recursos, nossas habilidades e nossa sabedoria de uma para a outra, criamos um novo local onde a subjetividade negra [e periférica] radical pode ser nutrida e sustentada.” (hooks, 2019, p.127). Dentro do individual em mim, espero abrir caminhos para que outras corpos se inscrevam como sujeitos, descrevam os processos complexos das identidades encruzilhadas, tenham a coragem de falar sobre suas verdades, fazendo mais e mais (re)existência pela voz. Esse foi um dos meus encontros com a voz que mora no *Ori*.

hooks (2019), no capítulo “mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas”, ensinou que “ao compartilhar as contradições em nossas vidas, ajudamos umas às outras a aprender como lidar com as contradições como parte do processo de se tornar uma pensadora crítica, uma sujeita radical” (p.121). A *Encruzilhada entre rap e literatura: a Escrivivência pelos olhares das corpos memória* é um lugar de questionamentos demarcados pela compreensão que produz intelectualidade, sou arte e peço licença ao partilhar as significações dos lugares que pertencem ao fazer parte dos estudos da linguagem e dos estudos da contemporaneidade diaspórica de cunho negro e periférico.

*Escrivivência* é a ciência de histórias que não começaram ontem e não irão parar amanhã. Mãe, obrigada pela língua me ensinar. bell hooks, obrigada por ter me ensinado a humanizar minha fala. Conceição Evaristo, obrigada por ter ensinado como me denominar dentro da linguagem. Esse é o início da compreensão de novos rumos. Asè!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S. R. G. Prefácio. **Pode o subalterno falar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- ALVES, M. **Brasil Afro autorrevelado: Literatura brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- AMORIM, F. L. **Gestos performativos como atos de resistência: corpos-monstro na cena contemporânea**. 2019.
- ANDRADE, E. N. **Rap e educação Rap é educação**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 1999. v. 1.
- ANJOS, J. C.. A Filosofia Política da Religiosidade Afro-Brasileira como Patrimônio Cultural Africano. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 9, n.13, p. 77-96, jan/jun. 2008.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Editora Cultrix, 2007.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Autêntica, 2018.
- BEZERRA, K. d. C. **Vozes em dissonância: mulheres memória e nação**. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- BHABHA, H. K. Interrogando a Identidade. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p.70-104
- BORGES, R. Prefácio. **Olhares negros: raça e representação**. Editora Elefante, 2019.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Remate de males**, 1999.
- COMPAGNON, A. O mundo. In: **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 97-138.
- CAETANO, M. **Abebé**. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2022 - (Escrita dos dias ; 4)
- CUTI. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DA SILVA SOUZA, F. Mulheres negras escritoras. **Revista Crioula**, n. 20, p. 19-39, 2017.
- EVARISTO, C. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, L. (Org.). **Questão de pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009. p.19-37
- EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, p. 26-47, 2020.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto 2005.
- FONSECA, M. N. S. Escrevivência: sentidos em construção. **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 58-73, 2020.
- FONSECA, S. C. da. Poéticas Periféricas e as inscrições da negritude no Brasil. **fólio - Revista De Letras**, 10(2). p. 267-279, 2019.
- GOMES. N. L. Intelectuais Negros e Produção do Conhecimento: Algumas Reflexões Sobre a Realidade Brasileira. In: **Epistemologias do Sul**. Org. Boaventura Souza Santos e Maria Paula Mendes.Coimbra: Edições Almedina, 2009. p.419-442

- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade, Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- HOOKS, B. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Editora Elefante, 2021.
- KILOMBA, Grada. A máscara. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, 2017, número 11, página 26 - 31. Disponível em: <https://piseagrama.org/a-mascara/> Acesso em 17 ago. 2021
- LAGO E LOUSA, P. CORPO, VOZ E RESISTÊNCIA: [manuscrito] : A **(des)construção da representação feminina nas obras poéticas de Elizandra Souza e Luiza Romão** / Pilar Lago e Lousa. - 2017.p.66
- LORDE, A. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. trad. Stephanie Borges.
- MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**, v. 2, p. 27-53, 2020.
- MARI, Hugo. **Os lugares do sentido**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- MARTINS, L. M. **Afrografias da Memória**: o reinado do rosário do jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- \_\_\_\_\_. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. In: **Letras, língua e literatura**: limites e fronteiras, n. 26, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria/RS. p.63-81, 2003.
- MATA, I. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. **Civitas - Revista De Ciências Sociais**, 14(1), p. 27-42, 2014.
- MARRA, L.; MARINGOLO, C. Literatura Afro-brasileira: textualidade e corporeidade. **Em Tese**, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 14-31, nov. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/16239> > . Acesso em: 02 fev. 2022.
- MCS, R. ; OLIVEIRA, A. S. . O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: Racionais MC's. (Org.). **Sobrevivendo no Inferno**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 19-37.
- NASCIMENTO, É. P.. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006
- NASCIMENTO, É. P. do. **Vozes marginais da literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- NASCIMENTO, É. P. do.. In: SILVA, C. da. **Africanidades e relações raciais**: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas. Brasília: Fundação Palmares, 2014. p.46.
- OLIVEIRA, C. J. Periferia é periferia em qualquer lugar: da favela à aldeia, o rap como elo poético de resistência. In: Regina Dalcastagnè; Lucia Tennina. (Org.). **Literatura e Periferias**. 01ed. Porto Alegre: Zouk, 2019, v. 01, p. 239-267.
- PIEDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nos, 2017.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. Semântica lexical. **Introdução à lingüística II: princípios de análise**, 2014.

RUFINO JUNIOR, L. R. **Pedagogia das Encruzilhadas**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTIAGO, A. R. Literatura Negra: Uma Escrita Diferenciadora de Identidades. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012. p.134-149

SANTOS, L. M. N. S. Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina. **A cor da Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana n.12**. Feira de Santana, UEFS, 2011.

SATTO, Q. Prefácio. **Abebé**. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2022 - (Escrita dos dias ; 4)

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. Editora Cultrix, 2006.

SILVA, M. A. M. da. A descoberta do insólito. **Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SOUZA, A. L. S. Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop. **Campinas, SP:[sn] Tese de Doutorado** Acesso em: 17/06/2022, v. 14, 2009.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento de reexistência**. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

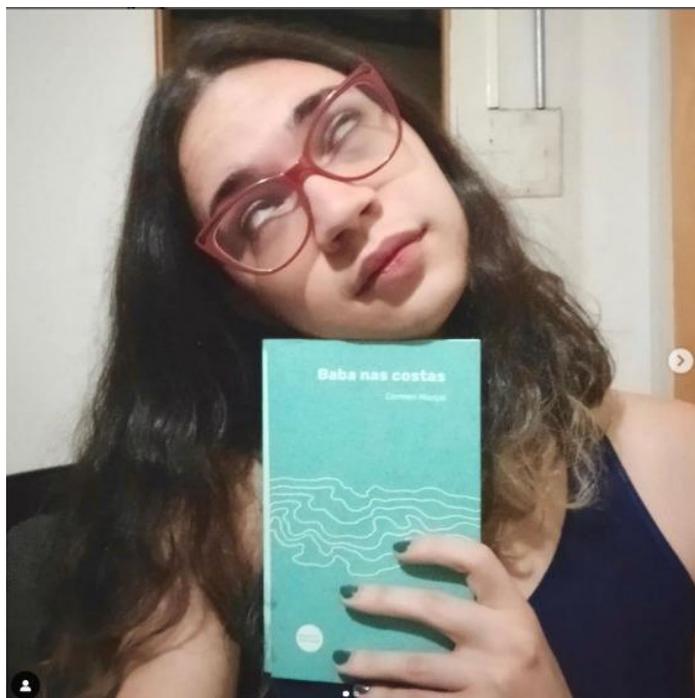
SOUZA, A. L. S.; JOVINO, I. da; MUNIZ, K. da S. Letramento de reexistência: um conceito em movimentos negros. **Revista da ABPN**, v. 10, 2018. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/issue/view/25>. Acesso em: 10 jun. 2022

## ANEXO A - Perfis das participantes da Residência “Escrita dos Dias”<sup>47</sup>

### Carmen Ferreira Marçal:



**Carmen Ferreira Marçal** no caso eu, emergi no território conhecido como Contagem no ano 1997 da Era Comum. Cultivo uma perspectiva que cruza o politeísmo, a transvestigeneridade e a arte. Aposto na possibilidade do encontro e do encantamento. Sou graduanda em Estudos Literários e atriz em formação no curso técnico do Teatro Universitário, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais. Este é meu primeiro livro.



escrita.dos.dias • Seguindo

**escrita.dos.dias** “Residir no resíduo. A experiência evapora e o que sobra silêncio guarda a potência de nos jogar ao reencontro. Aí está o cadáver que revive, fênix, esperança. Escrever os dias me atendeu às noites implícitas, numa procura da palavra que nomeia o que não sei. O processo da residência me ativou caminhos de expressar o que vivo, o que desejo, o que atravessa e procura o outro, o que chama para perto, o que move. Encontrei o que dizer fechando os olhos, ouvindo o corpo, degustando as sensações (nem sempre cheirosas), tateando o repertório que a língua oferece, fuçando o resíduo. E nesse mergulho o transbordamento da baba líquido amniótico. E falar, com a boca mesmo. E conversar com as companheiras, com seus próprios caminhos, com estadias no mesmo Meet. O agenciamento de um parto coletivo por meio de máquinas de impressão. Feira, gente, sorrisos.”

Texto escrito por Carmen Marçal, autora de *Baba nas Costas*.

Os livros publicados pelas residentes estão disponíveis gratuitamente no site do projeto **ESCRITA DOS DIAS**.

[www.escritadosdias.com/publicações](http://www.escritadosdias.com/publicações)

<sup>47</sup> Informações retiradas do site (<https://www.escritadosdias.com/resid%C3%Aancia>) e do perfil no Instagram do projeto (<https://www.instagram.com/escrita.dos.dias/>). Acesso em 10 jun 2022.

## Clara Amorim:



**Clara Amorim** nasceu em Belo Horizonte em novembro de 1995 e vive com o corpo e o pensamento na interseção: educação, escrita, arte. Formada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-graduanda em Gestos de Escrita, pela Casa Tombada (São Paulo). Atua como educadora social e professora de linguagens e literatura. Escreveu "Cotidiana", caderno poético que integra o livro *Desembola na Ideia: arte e psicanálise implicadas na vulnerabilidade juvenil*, e é uma das autoras publicadas na coletânea de poemas *Corpo de Terra*, livro lançado em 2021 pela Editora Quelônio em parceria com o projeto Tomar Corpo. É uma das editoras da revista literária *Cupim*.



escrita.dos.dias • Seguindo

**escrita.dos.dias** "Deixar a escrita se esticar nos dias. Ficar um pouco mais íntima do próprio gesto, inventar outros, inusitados. Aprender seus silêncios, saber ouvi-los, até suportá-los. Aliás, acho que a residência Escrita dos Dias foi mais sobre silêncio do que sobre escrita. Acho também que descobri que para chegar numa frasezinha às vezes é preciso escrever, escrever, escrever, escrever muito, pra gastar o diabo. Conviver com as palavras, criar espaço para elas. Cercar-se de cadernos, ter sempre um lápis por ali, eleger a casa como a casa da escrita. Ao fim, olhar o texto já fora de mim e senti-lo como um bicho, um organismo ofegante que vive por si só. E constatar: sim, é fato, uma nova língua foi aprendida."

Texto escrito por Clara Amorim, autora do livro *Canção para fazer o sol nascer*.

Os livros publicados pelas residentes estão disponíveis no site do projeto **ESCRITA DOS DIAS**.

[www.escritadosdias.com/publicações](http://www.escritadosdias.com/publicações)

## Gabriela Albuquerque:



**Gabriela Albuquerque** nasceu em junho de 1995, em Mogi Mirim, São Paulo. É escritora, tradutora e cineasta. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente vive entre Buenos Aires e Belo Horizonte, habitando o português, o espanhol e o espaço entre eles. Trabalha como tradutora de filmes e livros, dedicando-se principalmente à tradução de escritoras argentinas contemporâneas ao português. Em 2021 publicou seu primeiro livro, *La Chica Zombie*, pela editora Impressões de Minas.



escrita.dos.dias • Seguindo

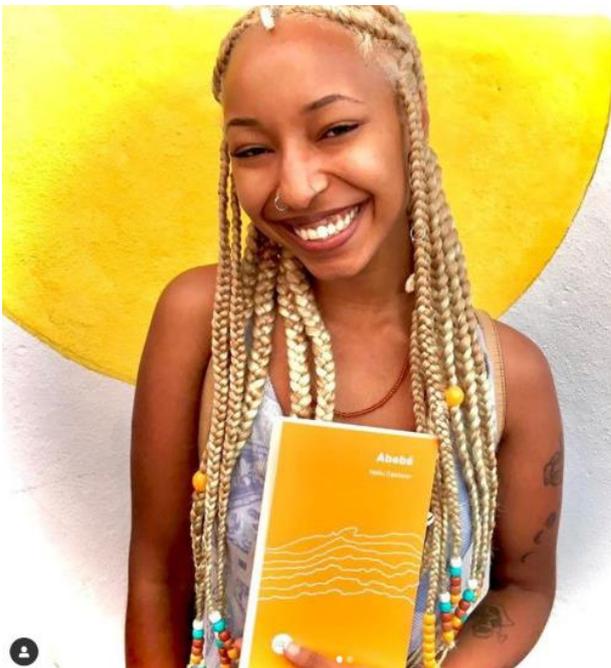
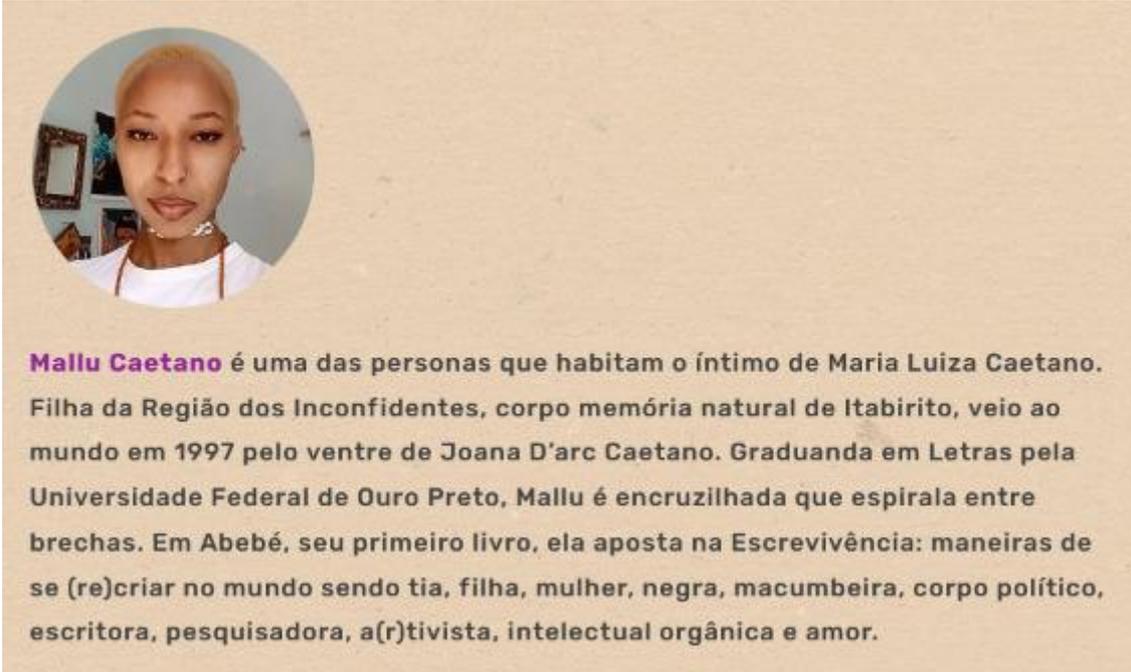
**escrita.dos.dias** "Observar os dias como quem tem tempo. Reconhecer a poesia que é própria do cotidiano; ao ver os sapatos jogados pela casa, ao caminhar de um cômodo a outro e reencontrar uma foto escondida dentro de um livro. Na residência Escrita dos Dias pude olhar com mais paciência e cuidado às palavras que estão ao meu redor, deixando que a escrita se apropriasse de um lugar tão hermético, tão íntimo. Pode-se dizer que ganhei uma lupa, mas não, a intenção nunca foi agrandar as imagens. Penso, quem sabe, que o que ganhei foi finalmente poder sentar em uma cadeira onde consigo apoiar um pouco melhor as costas."

Texto escrito por Gabriela Albuquerque, autora de *Farol de Milha*.

Os livros publicados pelas residentes estão disponíveis gratuitamente no site do projeto **ESCRITA DOS DIAS**.

[www.escritadosdias.com/publicações](http://www.escritadosdias.com/publicações)

## Mallu Caetano:



## Nayara Leite:



**Nayara Leite** nasceu em 1999, em Ribeirão das Neves, Minas Gerais. Filha de Joana Fernandes Vieira e Zué da Silva Leite. “Esta escrita é o registro da escolha de cultivar em mim o desejo de conhecer as minhas histórias, guiada pela oralidade das mulheres pretas que nutrem a minha existência.” Nayara é atriz, arte-educadora, produtora, contadora de histórias e uma das idealizadoras do projeto *A minha família conta*, que investiga o ato de recontar histórias familiares. Atualmente é integrante da companhia *Teato do Amanhã* e é estudante da Licenciatura e do Técnico em Teatro na Universidade Federal de Minas Gerais.



escrita.dos.dias • Seguindo

escrita.dos.dias “Quem sou eu na minha escrita? Foi o que me perguntei durante todo o processo da residência. Escrever para mim ainda é um exercício muito difícil e investigo a mandinga do ato de escutar. Tenho gostado de me apresentar como uma fofqueira, alguém que gosta de dizer em voz alta o que lhe foi transmitido, com aquele desejo intenso que só a fofoca tem. Minha escrita foi feita para ser celebrada pela boca, pois é por meio dela que meus ancestrais vivem em mim. “Búzio” surge da oralidade de muitas mulheres pretas que com suas águas nutrem a minha existência. Me permiti adentrar a este grande ciclo d’água e agradeço às minhas companheiras de nado que me trouxeram fôlego para eu continuar.”

Texto escrito por Nayara Leite, autora do livro *Búzio*.

Os livros publicados pelas residentes estão disponíveis gratuitamente no site do projeto *ESCRITA DOS DIAS*

[www.escritadosdias.com/publicações](http://www.escritadosdias.com/publicações)

Editado · 1 sem

frida

Curtido por mallucaetano e outras 8 pessoas

JUNHO 7

Adicione um comentário... Publicar